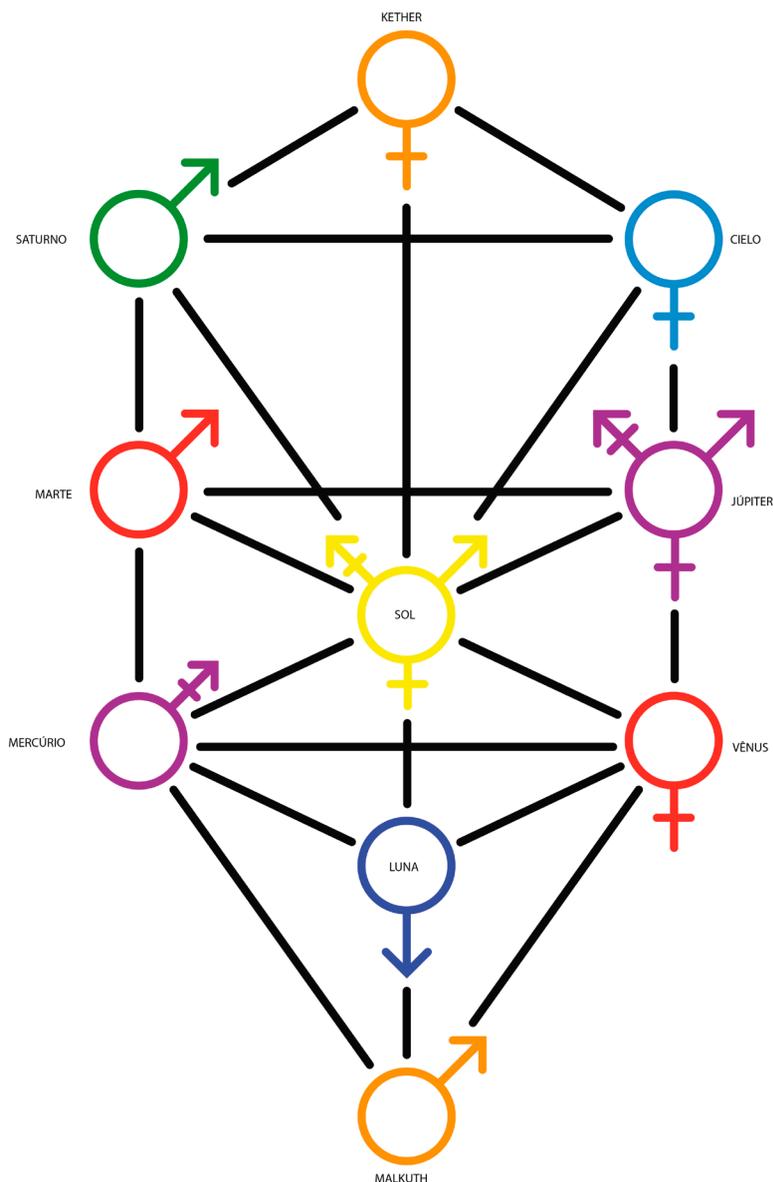
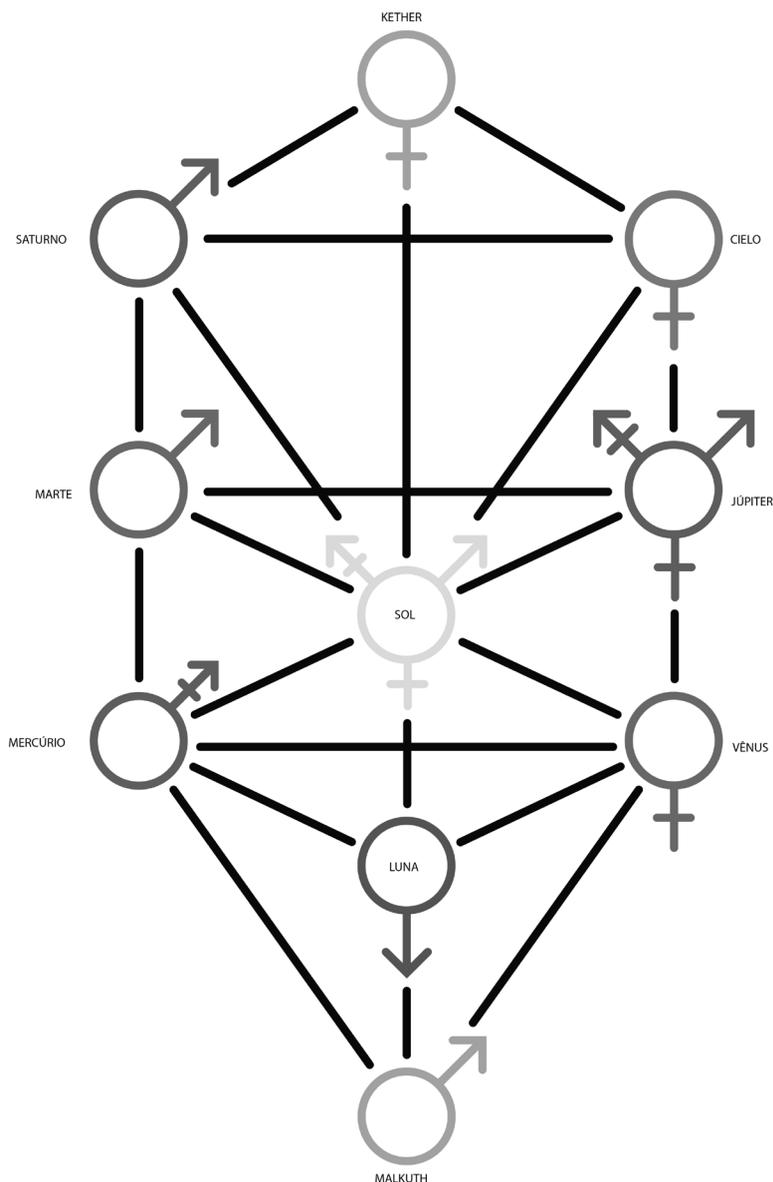


El activismo en las redes sociales: Performances y caricaturas como experiencia del colectivo **LGBTQs**



Victor José Caglioni

El activismo en las redes sociales: Performances y caricaturas como experiencia del colectivo **LGBTQs**



Victor José Caglioni

Atena
Editora
Año 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

O autor

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof^ª Dr^ª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^ª Dr^ª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^ª Dr^ª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tesccarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^ª Dr^ª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof^ª Dr^ª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof. Me. Marcos Roberto Gregolin – Agência de Desenvolvimento Regional do Extremo Oeste do Paraná
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Sulivan Pereira Dantas – Prefeitura Municipal de Fortaleza
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Universidade Estadual do Ceará
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

El activismo en las redes sociales - Performances y caricaturas como experiencia del colectivo LGBTQs

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: O autor
Autor: Victor José Caglioni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C131 Caglioni, Victor José
El activismo en las redes sociales - Performances y caricaturas como experiencia del colectivo LGBTQs / Victor José Caglioni. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acceso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-247-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.477210707>

1. Redes sociales. 2. Políticas públicas. 3. Caricaturas.
4. Experiencias. 5. Activismo digital. I. Caglioni, Victor José.
II. Título.

CDD 302.3

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção do respectivo manuscrito, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão; 3. Certifica que o manuscrito científico publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou permite a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Prefácio

A internet e as redes sociais – desde sua criação e popularização não tão antiga – progressivamente vem ocupando uma grande parte das nossas vidas e sendo para algumas pessoas algo que já está posto, e se nasce com, e para outras o encontro de “novos mundos” e de existência já não mais tão solitária, logo esse canal tornou-se tão naturalizado que por vezes não o problematizamos e/ou questionamos suas intenções.

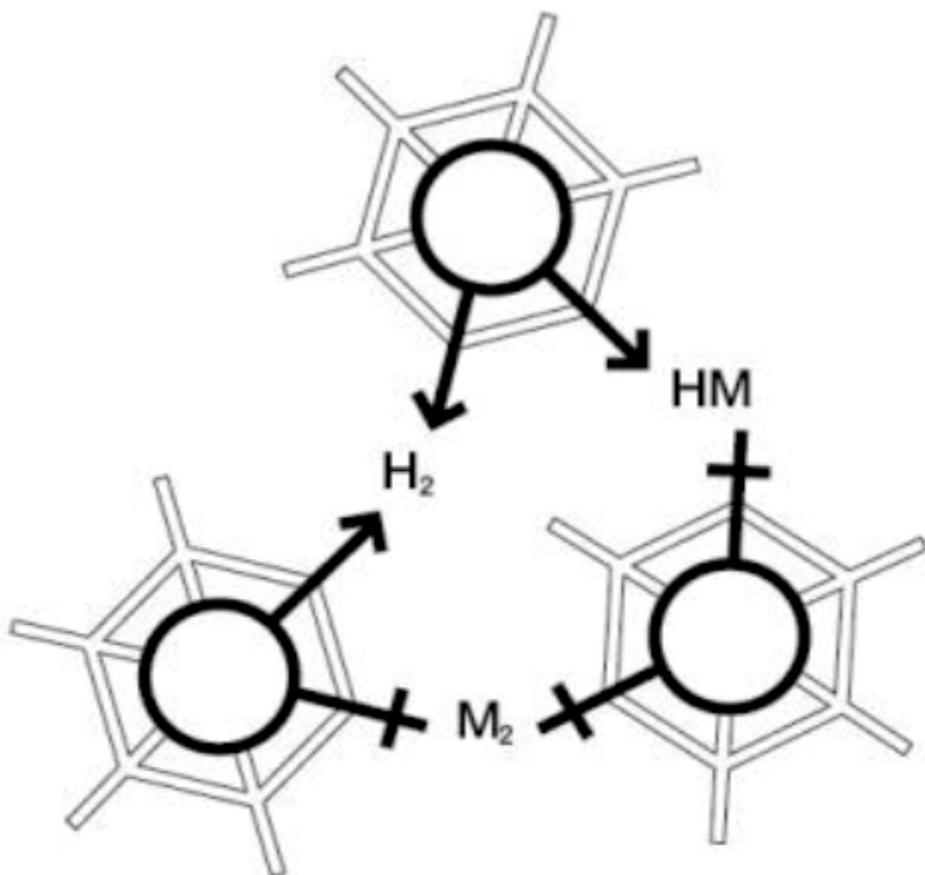
Nesse sentido, se insere o presente livro. A partir da pergunta “Como podemos pensar na militância LGBTQI+ no Brasil atual?” o pesquisador nos convida a ponderarmos como encarar as redes sociais como uma possibilidade na construção de políticas públicas e ampliação de horizontes e, igualmente, considerarmos as contradições implícitas de um ambiente vigiado pelas corporações detentoras desses domínios.

Mais que isso, a partir da análise da divulgação do concurso de arte “Homofobia fora de moda” como campanhas podem mobilizar movimentos sociais (e vice-versa) para importantes discussões ou se é possível considerarmos essa hipótese, tendo em mente que a popularização do acesso também cria uma rede de sentidos coletivos a partir da produção e compartilhamento de conteúdos de interesse mais particularizado.

Em contrapartida, também pontua sobre o uso controverso feito com tais conteúdos que mobilizados por opositores de uma sociedade mais progressista foi capaz de mudar políticas públicas – em sentido estrito, como o famoso nomeado *kit-gay*, ou amplo, como elegendo representantes mancomunados com tal visão preconceituosa.

É primordial sabermos e nos responsabilizarmos pela sociedade que criamos diariamente e para isso é fundamental que se invista nas Ciências Humanas para que possamos pesquisar, investigar, questionar e publicar trabalhos como esse e que estejamos atentos. O estudo que segue foi feito entre 2012 e 2014, escrevo de 2021 com a certeza de que as consequências de eleger pessoas abertamente contrárias aos LGBTQI+ e aos direitos humanos são desastrosas para todas e todos.

Rafaela Felipe Kohler
Coordenadora do Centro de Direitos Humanos de Brusque/SC
Mestre em Antropologia Social pela UFPR



NÃO À
HOMOFOBIA

Ilustración: Bruna Garabito¹

1. Todas las imágenes ilustrativas relacionadas con el "Concurso Homofobia Fora de Moda", están debidamente autorizadas por "Casas dos Criadores", São Paulo, Brasil, a través de la persona de Isaac Ludovic, en lo que se refiere a la utilización de los derechos de imagen, por la divulgación y la reproducción de este trabajo.

La publicación de este libro es posible en parte gracias a un recurso obtenido en la justicia, frente a un acto de homofobia sufrido por el autor y reconocido regionalmente en Florianópolis, Santa Catarina.¹

“...os preconceitos que compartilhamos uns com os outros, naturais para nós, que podemos lançar-nos mutuamente em conversa sem termos primeiro que explicá-los em detalhes, representam em si algo político no sentido mais amplo da palavra – ou seja, algo a se constituir num componente integral da questão humana, em cuja órbita nos movemos a cada dia”. Hannah Arendt. (2009).

¡Dedicado a todos aquellos que están en la búsqueda de un significado para la posmodernidad!

1. El trabajo original fue hecho entre 2012 y 2014, periodo referencial de muchas acciones nombradas a lo largo de la obra. Hay observaciones actuales especialmente acerca de escenarios políticos.

AGRADECIMIENTOS ESPECIALES PARA:

~A Ana Oeschler, mi madre y José Carlos Caglioni, mi padre, aunque con cierto temor acerca del destino incierto de lo que soñaron como profesión para su hijo mayor. Lo apoyaron y lo vieron irse a buscar algo que pudiera contrarrestar la lógica en la que no se adecuaba. Más que cualquier beca, ellos me enseñaron acerca de la dedicación y el deseo interno de lograr lo que se quiere, lo que es esencial para el desarrollo de la energía que habitualmente llamamos "alma".

~A Tamajara Janaína Luiz da Silva, ejemplo de dedicación, esfuerzo, amistad y hermandad, me hizo probar y compartir su amor por las humanidades y por Argentina, a la que adoptamos como "Nuestro Segundo Hogar".

~A Mauricio Cogollo Rueda y Nora Noemí Goldberg, por la amistad y dedicación.

~A Felipe Carvalho Nepomuceno, por la nueva vida y plenitud.

~A Fernando Franco Mendoza, por el desarrollo del amor.

~A Hamilton de Oliveira Júnior, por el primer amor y por la libertad.

~A Rafaela Felipe Kohler por su amistad, su ánimo y buen ojo para los procesos de la vida.

~A Fabiola Cristina Depine y Fabiana Rufino, por la amistad, el compañerismo, la estructura y la comprensión de la necesidad material.

~A Lindair Lanz Schneider y Urda Alice Klueger, por la energía y la amistad, y por estar siempre dispuestos a ayudar.

~A los profesores Oklinger Montovanelli Júnior y Michele Kamers como iconos, quienes representan a un sinnúmero de otros maestros que siempre alentaron el avance de mis estudios sobre las humanidades.

~Al Instituto de Altos Estudios Sociales y la Universidad Nacional "General San Martín" por aceptarme como estudiante, por su ayuda, por el incentivo, por tan buenos profesores y Al Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, que me ha posibilitado la participación en el III Seminario Internacional "Políticas Culturales y Culturas Políticas" origen de este trabajo.

~A los numerosos colaboradores y entrevistados, especialmente a Isaac Ludovic y el grupo de Casa de los Creadores.

~Especialmente a mi directora D^a Rosalía Winocur Iparraguirre, por la dedicación, atención, responsabilidad y principalmente por creer en el trabajo.

¡Muchas Gracias !

SUMARIO

PRESENTACIÓN.....	1
VISUALIDAD SILENCIOSA: POLÍTICAS PÚBLICAS Y CULTURA POLÍTICA	12
INTIMIDAD EN LA CONECTIVIDAD: CREACIONES SOCIALES DISTINTAS	24
ACTIVISMO VIRTUAL: CREACIÓN COGNITIVA DE NUEVAS REALIDADES	40
Activismo LGBT en las redes sociales brasileñas.....	60
A-NORMAL DIVERSIDAD ARTÍSTICA. RED SOCIAL Y EMANCIPACIÓN	66
CONCLUSIONES.....	90
REFERENCIAS	97
SOBRE EL AUTOR.....	101

PRESENTACIÓN

Brasil posee una de las sociedades más homofóbicas de Latino América, considerando los crímenes contra la integridad física y moral, asociados a la condición homosexual de los individuos. Innumerables casos son olvidados y/o clasificados como otros tipos de crímenes en razón de una falta de política pública y de leyes que criminalizan los actos en contra de los individuos de esta condición.

Con el apoyo que obtuvo la presidente de Brasil¹ Dilma Rouseff, de la comunidad LGBTQ, se esperaban, en general, novedades sobre cuestiones normativas y educativas para el movimiento, como las propuestas de casamiento igualitario y programa de educación emotiva en escuelas públicas. Pero por las presiones de comunidades religiosas (especialmente neopentecostales) se encontró, en un primer momento, cierta desatención del nuevo gobierno. Comparado con su antecesor, Luiz Ignacio Lula da Silva, ambos del mismo Partido de los Trabajadores de Brasil, así como un aumento del 14,7% en los asesinatos de homosexuales, según documento² del Grupo Gay de Bahia (GGB) retratado por los medios, de muertes de homosexuales en todo el país, especialmente en las regiones sudeste y nordeste (en primer lugar la región más industrializada y mayoritariamente neoliberal y de derecha; en segundo lugar el mayor electorado del PT (Partido de los Trabajadores) y la región antes con mayores necesidades y ahora la más promisoría del país).

En estas condiciones, cada vez más los individuos crearon nuevas estrategias para expresar su sexualidad, sin quedar desprovistos de seguridad. En las redes sociales, se evidencian innumerables casos de agresiones contra individuos y colectividades con motivo de sus creencias religiosas, condición sexual, discapacidad física entre otras. Sin embargo también son recurrentes las posibilidades de usar estas tecnologías de manera favorable, como estrategias de convocatoria y visibilización de diferentes “grupos sociales” abriendo la posibilidad de convertir redes sociales como Facebook, en un canal emancipador de las condiciones de los homosexuales en Brasil.

Según la asociación Grupo Gay da Bahia, la más antigua en la defensa de los derechos de los homosexuales en Brasil, cada 26 horas un homosexual es asesinado debido a su orientación sexual. Eso significa que son asesinatos que están claramente asociados con la sexualidad de la víctima, pero en general hay otros motivos acreditados por los informes policiales, especialmente porque no hay leyes que abonen el crimen de homofobia.

En un escenario donde la homofobia aún no se considera un crimen³, es común usar otros procedimientos para la designación legal de estos delitos: lesiones, robo, asesinato, etc; por lo que están “incrustados” en la legislación brasileña y pueden estar sujetos a juicio, pero no se designan como crimen de odio o delitos derivados de la homofobia, así se oculta

1. El trabajo ha sido terminado en 2014, en el segundo gobierno de Dilma Rouseff.

2. <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2014/03/relatc3b3rio-homicidios-2013.pdf>

3. En 2019 el Superior Tribunal Federal (STF) pasó a entender los crímenes de homofobia en la ley de racismo, pero sigue siendo muy difícil probar las situaciones de homofobia como tal.

la verdadera razón de la delincuencia. Este ocultamiento no permite un análisis efectivo de la realidad brasileña, hecho que complica la implementación de políticas públicas para prevenir y tratar el problema de la homofobia.

La violencia homofóbica en contra de esta minoría plantea la necesidad urgente de una política pública, jurídica y educativa para ofrecer una mayor protección y trabajar hacia una vía directa más pacífica y en pro de la diversidad sexual.

Sin embargo, en Mayo de 2011 la Asociación Brasileña de Lesbianas, Gays, Travestis y Transexuales (ABLGT) vio una de sus mayores luchas siendo empleada por la presidenta Dilma Rousseff; el programa “*Escola sem homofobia*”, que promovía una política pública para tratar con mejores herramientas el tema de la homoafectividad, con videos, cartillas y orientación pedagógica en las escuelas.

Llamado “*Kit gay*” por los líderes religiosos, especialmente neopentecostales⁴ y por la bancada religiosa y/o conservadora de la política brasileña, el kit anti-homofobia fue vetado por la presidencia, a pesar de haber sido diseñado y elaborado por especialistas y su financiamiento aprobado en el Ministerio de Educación y otras instituciones públicas correspondientes.

Para gran parte de la ABLGT el acto fue considerado como un “retroceso” en las políticas públicas de inclusión en el país, justamente en el momento en que las agresiones y muertes de homosexuales ganan mayor visibilidad en los medios de comunicación convencionales y alternativos, por causa de una ola de ataques violentos ocurridos en varios estados brasileños.

Muchos militantes rechazaron la acción de la presidenta, especialmente porque, además de reivindicaciones del proyecto, gran parte de la comunidad LGBTQ participó activamente en la campaña presidencial a favor de la candidatura de Dilma Rousseff.

La participación estuvo presente en las redes sociales y blogs, donde su ícono máximo fue el video en Youtube.com de un joven conocido como Dilmaboy⁵ interpretando una parodia de la canción *Telephone* de la cantante norte-americana Lady Gaga, a favor del voto para la candidata, comparándola con Evita Perón y mostrando su imagen como “amiga del presidente Lula”, Luis Ignacio Lula da Silva, en aquel entonces popular presidente de Brasil.

Estando o no de acuerdo, debido al apoyo masivo de la comunidad LGBTQ y teniendo en cuenta la visión más conservadora de la oposición, se dio por asumida una especie de “deuda moral” que permanece viva, que estimula la lucha por criminalizar la homofobia y que busca la creación de una política pública educativa. Llevando en consideración que el mandato no ha terminado⁶, y que la movilidad política en Brasil exige estrategias sutiles

4. Según el Instituto Data Folha (<http://estadaodados.com/religiao/>) el porcentaje de neopentecostales en Brasil subió de 15,4% para 22% de 2000 hasta 2010. Con un crecimiento promedio de 43%. En esta categoría inclúyense diferentes filosofías de fe, que consisten en Asamblea de Dios, Universal del Reino de Dios, Adventistas, Luteranos entre otros, que de alguna forma son semejantes en sus discursos, especialmente con el tema de la homosexualidad. Es necesario aclarar que es posible percibir mayor y menor ortodoxia entre estos mismos grupos.

5. El video parodia de Dilmaboy está disponible en: <http://www.youtube.com/watch?v=3shtLABhHHO>

6. En 31 de agosto de 2016 Dilma Rousseff tuvo su mandato interrumpido por el proceso de impeachment, donde el

que combinen la visión progresista emancipadora y los preceptos morales de las fuerzas políticas que varían de acuerdo a la región desde el apoyo incondicional hasta la total oposición, en este escenario hubo manifestaciones del Supremo Tribunal Federal⁷ a favor de la unión estable, lo que no implica participación del gobierno en la decisión, por ser un órgano del poder judicial, independiente y paralelo al ejecutivo.

En estas condiciones, cada vez más los individuos crearon nuevas estrategias para expresar su sexualidad, sin quedar desprovistos de alguna seguridad legal. En las redes sociales, son muchos los casos de falta de respeto para con innumerables tipos de “diferencias sociales”, sean ellas religiosas, sexuales, condiciones físicas etc... Sin embargo también son reiteradas las posibilidades de uso de estas tecnologías, como una forma benéfica para ir de encuentro a las perspectivas negativas y son estas posibilidades sobre las que tratamos de reflexionar, específicamente el Facebook, como emancipador de las condiciones de los homosexuales en Brasil.

A través de las mismas redes sociales y blogs surgieron nuevas reivindicaciones de la comunidad LGBTQ en razón del veto, donde el arte tuvo un papel fundamental - partiendo de ejemplos de las comunidades LGBTI de Reino Unido, Argentina y España - surgieron numerosas formas artísticas de reivindicación.

Queremos estudiar la experiencia del colectivo LGBT en las redes sociales, para comprender cuáles son las posibilidades de los individuos de actuar en las mismas en Brasil, con el objeto de reivindicar una sexualidad distinta y promover su tolerancia, respeto y aceptación. En ese sentido nos preguntamos: ¿Cómo podemos pensar en la militancia LGBTQ en el Brasil actual? ¿Cómo es sentido el feedback de algunos militantes de la red en Brasil?

El propósito de este trabajo es analizar el caso de un concurso, concebido por un grupo de periodistas y creadores de moda, llamado “Casa dos Criadores”, (Casa de los creadores) que posibilitó diversos intercambios y manifestaciones (especialmente entre artistas, medios tradicionales y alternativos) como apoyo a la premiada campaña “Homofobia fora de moda”, que sirve hasta hoy para muchos estudios de funcionalidad de marketing digital, networking de empresas y publicidad política.

El análisis se centrará en las creaciones y recreaciones de *charges*⁸ e ilustraciones para el combate al prejuicio de una forma general y específicamente contra la homofobia visible en la red social Facebook, sin olvidar el contexto político social en que se encuentran las políticas LGBTQ en Brasil y el escenario en general⁹.

Se asume que las caricaturas son de suma importancia para la propuesta de hacer

juego político no le fue nada favorable, aunque en 2021 varias decisiones en la justicia no probaran ningún crime justificable, la tesis más popular para los que la defienden es la inhabilidad política de Rouseff y un escenario económico de recesión somado a juegos de la oposición política como fundamentales para los cambios que sucedieron su mandato.

7. http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9930

8. Caricaturas de humor para tratar de pensar en hechos de lo cotidiano, político, religioso, etc...

9. Cuando el trabajo ha sido presentado en 2014 el escenario era menos agresivo que en 2021, momento de la publicación del libro, en razón de la ola conservadora en la política nacional.

reflexionar acerca de algún tema, especialmente los culturales, porque son formas artísticas de expresión.

Y el arte es, según Sommer, “esa riqueza que puede traducirse en beneficios públicos. No es que las artes creativas carezcan de un valor intrínseco, sino que su propia autonomía desencadena percepciones renovadas y da lugar a procedimientos por caminos que hacen de ella un recurso social...” (Sommer: 2008, 128).

Así, podemos pensar que las formas artísticas de expresión son más llamativas y agregan un valor reflexivo más interesante a las políticas públicas. La expresión que más está vinculada a las formas artísticas, tiene sus mensajes tratados con cierto humor, son significativa e visualmente más interesantes.

En algunas de las caricaturas se presentan figuras del juego político explícito, otras creando situaciones cotidianas alusivas al debate que se instalará apoyado por varios caricaturistas de los medios convencionales y alternativos.

Como declara la antropóloga Rosalía Winocur: “... lejos de evidenciar la pobreza de la opinión ciudadana, lo que hacen las redes sociales es mostrarnos la verdadera génesis constitutiva de la opinión pública, lo cual nos da nuevas oportunidades para entender como circular y apropiarse de los mensajes en la “polis de los medios” (Winocur apud Silverstone, 2013:3).

Así tenemos como premisa, que en la red podemos percibir un desarrollado sistema de manifestaciones de la opinión pública, más allá de reflexionar acerca de ella.

El análisis de este movimiento en la red de Facebook tiene suma importancia como forma de socialización individual de ideas y también como “procomún”, idea que nos trae Canclini (2014:15), vivir la cultura, no sólo por instituciones de educación y cursos empresariales, sino también, de forma autodidacta con los amigos y compañeros de trabajo o estudio.

Asumimos a la Internet, como generador de sentidos, valoraciones y funciones particulares, que dan cuenta de una cultura que se produce y reproduce mediáticamente. Como lo han insinuado algunos estudiosos de la cultura, algunos beneficios que se derivan de las relaciones moderadas por los medios de difusión son: fomentar un sentido de pertenencia, promover el compañerismo, facilitar la interacción personal, adquirir nuevas percepciones de uno mismo y los demás, fraguar un sentido de la identidad, adquirir una sensación de estar controlado, experimentar liberación emocional, escapar de la realidad no deseada y suministrar una fuerte relajación.

Así, se toma como referencia, la propuesta antropológica que tiene como objetivo hacer explícitas ciertas formas de construir sentido en las personas, que suelen ser tácticas que se dan por supuestas (Hine, 2004:13), agregado a la flexibilidad que una investigación etnográfica, posibilita el espacio para reflexión (Hine, 2004:190).

La autora Hine, observa que la Etnografía es una metodología ideal para iniciar estudios en torno a Internet, ya que con ella se pueden explorar las interrelaciones entre las tecnologías y la vida cotidiana de las personas en el hogar, en la oficina y en cualquier otro

lugar del mundo real. Por tanto, se percibe que la perspectiva etnográfica puede adaptarse para la comprensión de los fenómenos en Internet.

Coincidimos con Rosana Guber sobre ser este el procedimiento que concuerda con el interés específicamente antropológico de ir definiendo las categorías relevantes para el mundo social de los actores, a medida que se lleva a cabo el trabajo de campo y el conocimiento de los grupos sociales, sus clivajes y delimitaciones internos, conforme los sentidos y relaciones de los informantes. (Guber, 2005:72).

La autora también nos comenta con argumentación, acerca de la investigación cualitativa que: “una ventaja de las muestras no probabilísticas deriva del tipo de vínculo establecido entre el investigador y los actores”. La información obtenida de un informante que se presenta por propia voluntad o que va siendo introducido progresivamente en el sentido de la instigación - en una negociación recíproca y permanente - es cualitativamente diferente de la que procede de encuestas masivas y censos aplicados anónimamente a una masa de población según criterios de selección en los que ella no ha participado. (Guber, 2005: 77).

Para eso, el análisis de las caricaturas tuvo como criterio la propuesta narrativa-ilustrativa de la *charge* y el respaldo del público en números de “me gusta- curtir - like” que tenían. Obviamente no fue posible trabajar con todas las imágenes subidas a la red, el criterio de lo que es una propuesta importante se dio a través de cómo el propio investigador se sintiese involucrado. (Cruces, 2012:62).

Además, el arte tiene un papel fundamental en este proceso de puesta en común, que explica Canclini, y mucho más cuando demuestra la importancia del arte en innovación económica de la vida de los artistas como jóvenes de México que nombra el autor, el arte asume también uno de sus aspectos primarios en la humanidad, proponer el pensar en el cotidiano en este caso con humor.

El antropólogo Alejandro Grimson (2014:118) por su parte recuerda que los miedos hacen parte de la sociedad, no son algo exterior a ellas, o sea no importa cuál punto de análisis tomamos, el sentimiento de miedo está presente también en las redes sociales. Así, el miedo puede inhibir a los sujetos. Sin embargo, lo mismo se describe en una situación de contacto prolongado en el tiempo por deseo o necesidad, donde se generan situaciones de creciente entendimiento (Grimson, 2014: 2-3).

Con esas premisas, se planteó la hipótesis de este trabajo, las redes sociales son mecanismos de comunicación que pueden servir como emancipatorios y por lo tanto para la aplicación de políticas públicas para la comunidad LGBTQ. En 2021 la extrema derecha ha ascendido al poder desde 2019, así el estudio tiene aún más relevancia.

Pensamos que una exposición continua en las redes sociales como forma de política pública, mostrando lo cotidiano heterogéneo de la homosexualidad, a través del humor, es una contribución para el entendimiento y contra la homofobia.

Se espera que las cuestiones y reflexiones del trabajo contribuyan a la creación de políticas públicas para con la comunidad LGBTQ, haciendo uso de nuevas herramientas

como las redes sociales, tan importantes para millones de brasileños, dado que permiten manifestar demandas colectivas, justificadas especialmente en el cuadro homofóbico de la sociedad brasileña, y tomando en cuenta la eficacia que el “marketing virtual” tiene en el cuadro social off line, cada vez más estudiado y comprobado en sectores del comercio por ejemplo.

También es importante mencionar que el material producido puede contribuir a la proximidad entre el gobierno y los movimientos sociales organizados en dichas redes, así como al mayor entendimiento de cómo ellos actúan e interactúan en la sociedad y cuál su eficacia y sus posibilidades de funcionamiento, además de contribuir a la reflexión acerca de las condiciones en que un individuo vive su sexualidad en los tiempos modernos, en un país muy diversificado y que pasa por cambios socio-económicos globalmente importantes.

El peso político que este y otros temas tienen es cada vez mayor en las elecciones del país, sólo muestra cómo está dividida la sociedad brasileña, y la parte contraria al proceso, resulta en un fortalecimiento de las problemáticas del prejuicio en la vida de millones de homosexuales del país en cuestión.

Cada día se hace más evidente la necesidad de reconocer a los individuos homosexuales y su condición de ser humano, y ciudadano del país con los mismos derechos y deberes, la división “moral”, perceptible en las elecciones de 2014 para la presidencia del país, demuestran la dificultad de la comunidad LGBTQ de ser entendida en su diversidad y tenida en cuenta como parte de la heterogeneidad social.

En este marco de reflexión nos proponemos dar cuenta de las características que asume el concurso “Homofobia Fora de Moda” como caso emblemático del tipo de sinergias de comunicación que se pueden generar, no sólo hacia el público LGBTQ, sino hacia diversos sectores de la sociedad, y su impacto potencial en el diseño de políticas públicas.

Para tomar como base las posibilidades del uso de las redes sociales con esta temática, fue necesario pensar otros puntos importantes, tales como la historia de las políticas públicas para el sector LGBTQ en Brasil, su insipiente situación actual y cuáles son las perspectivas de algunas personas importantes que hacen del Facebook un canal de militancia.

Es importante tener en cuenta algunas cuestiones pertinentes tales como:

~¿Es posible pensar en una política pública a favor de la comunidad LGBT también en las redes sociales?

~¿Cuál es la situación actual de las políticas de género en Brasil?

~¿Cuáles son las posibilidades de promoción de la heterogeneidad en la red social?

~¿Cuáles son las posibilidades de los individuos de actuar en las redes sociales en Brasil?

~¿Cómo podemos pensar en la militancia LGBT en el Brasil actual?

~¿Cómo se produce el feedback de algunos militantes de la red en Brasil?

Este trabajo es el resultado de una investigación cualitativa acerca de un caso particular, que buscó reconstruir desde la perspectiva de los actores sociales su accionar en las redes sociales y su impacto en otros grupos sociales, a través de entrevistas en profundidad y el análisis de las caricaturas, dibujos y *cartoons* publicados en la campaña.

Se espera que las cuestiones y reflexiones del trabajo puedan contribuir a la creación de políticas públicas orientadas a la comunidad LGBT haciendo uso del nuevo mecanismo, tan importante para millones de brasileños, como son las redes sociales. Estas redes constituyen un espacio de intercambio simbólico donde diversos grupos estigmatizados manifiestan sus demandas colectivas, justificado especialmente por el cuadro homofóbico de la sociedad brasileña.

También es importante resaltar que el trabajo puede ser un instrumento para contribuir con la proximidad entre el gobierno y los movimientos sociales organizados en dichas redes. Recientemente muchos movimientos favorables y contrarios al gobierno tuvieron en las redes sociales el canal de comunicación más intenso.

Así como, también puede servir para un mayor entendimiento de cómo estos movimientos actúan e interactúan en la sociedad, la eficacia de sus acciones y su repercusión social (que puede ser distinta de lo que propagan por ejemplo y/o aún más eficaces de lo que piensan)

El caso del concurso "*Homofobia fora de moda*", campaña a cargo del grupo *Casa dos Criadores*¹⁰, organización que tuvo inicio en el sector *underground* de la ciudad de *São Paulo*, uniendo música electrónica y moda que fue ganando espacio y revelando talentos en variadas áreas del diseño, es, hace años, la principal escuela de moda de Brasil, en el sentido de presentar nuevos talentos, no es una institución educativa, pero es una institución de fomento de talentos.

Tomando como ejemplo este objeto de estudio, se plantea la posibilidad de trazar un paralelo en que las manifestaciones en la Internet puedan revelar no solamente una posibilidad de acción individual y colectiva de las personas, sino también indicar un camino de actuación de políticas públicas en las redes sociales. Esto es, pensar en la aplicación de políticas públicas siguiendo los modelos de cómo actúa la publicidad en otros medios y también por las redes sociales.

Algunas preguntas claves para la realización de este trabajo son:

~¿Es posible pensar en una política pública en pro de la comunidad LGBT en las redes sociales?

~¿Cuál es la situación de las políticas de género en Brasil?

~¿Cuáles serían sus limitaciones?

~¿Cuáles son las posibilidades de la promoción de la heterogeneidad?

10. <http://casadecriadores.uol.com.br/casa-de-criadores/sitio> virtual donde se pueden seguir todos los eventos relativos a la moda brasileña y otros eventos del grupo

En todos los casos, juntamente con la caricatura, o de manera individual, las publicaciones siempre trabajaron textos y pensamientos que muestran la existencia de prejuicios morales en la sociedad brasileña en relación al tema de la homosexualidad. Algunos de ellos fueron más allá, pensando en diversas formas de prejuicios en relación al racismo y a la diversidad religiosa por ejemplo.

La búsqueda del material tuvo inicio en 2012, en el mes de agosto hasta finales de Septiembre del mismo año. En este período se estableció contacto con el grupo responsable por el concurso “*Homofobia fora de moda*” y con algunos perfiles individuales, que abiertamente hicieron uso de los dibujos, caricaturas y cartoons en sus perfiles, para el combate a la homofobia, de manera no ofensiva, pero actuante, o sea, que no fuesen extremadamente explícitas. No defienden una reorganización de la sociedad en pro de la homosexualidad, sino que ésta pueda aceptar plenamente la heterogeneidad de las prácticas sexuales.

Este “activismo virtual”, parte de la idea de Canclini y Cruces (2014) de la posibilidad de la puesta en común y sus características de adquirir algún saber a través de las relaciones y no sólo en las instituciones y programas educativos. Así, las redes sociales abarcan relaciones, el procomún de la cultura y la posibilidad de reflexionar sobre esta misma.

Existe entonces un argumento interesante para la militancia en Internet, mucho más que las inversiones financieras, el propio aparato pasa a tener otra posibilidad de propagación que no es exactamente lo que en general está vinculado al desarrollo del aparato tecnológico etc. Acá cuenta el mensaje transmitido, mucho más que el aparato o canal, como señala Cruces (2014).

Los entrevistados tuvieron una excelente recepción de la encuesta. Actividades como charlas informales en persona convocadas a través de la propia red social y/o por mail (en el caso de formalidades burocráticas, como el ceder las imágenes para el trabajo), fueron momentos en que se hizo posible identificar una serie de entendimientos acerca de sus prácticas, como individuos.

Aunque contaba con cuestionarios previamente elaborados, en el momento de ir a campo, hubo la posibilidad de abrir espacio para otras preguntas. En conformidad con la propuesta de la antropología, el autor Luis Fernando González-Rey, más conocido por sus investigaciones en psicoanálisis, también defiende que las investigaciones cualitativas tengan como base, tratar el problema no como se acostumbra a ser presentado, como una “entidad concreta cosificada”, sino como un momento de reflexión del propio investigador, que puede identificar lo que desea y que puede aparecer en un primer momento de forma difusa y poco estructurada (González-Rey, 2002). Esto, permite hacer preguntas no programadas, cuando el entrevistador piensa que posee un dato más interesante para investigar, algo nuevo que surja de la propia entrevista.

Se muestran caricaturas que *brincam*¹¹ con la forma de pensar pero sin dejar de transmitir sus objetivos. Algunos casos más famosos y polémicos como el caricaturista

11. Bromear en el sentido de “chiste”, aunque trate de un tema en serio, hacerlo entendible con humor.

brasileño “Latuff”¹², no podría quedar fuera de este análisis, por su importancia y por el respaldo que obtiene del público que lo acompaña en diversos medios.

Partiendo de la visualización de grupos en la red, fueron elegidos los contactos y las caricaturas trabajadas, en conformidad con la lógica discursiva por detrás de estos abordajes, especialmente aquellas que hacían expresar la sexualidad de los individuos.

Partimos desde perspectivas teóricas¹³ previas y en la medida en que fueron surgiendo cuestiones nuevas, fueron investigadas nuevas perspectivas para el mejor entendimiento y que evidencian un camino hacia la hipótesis de este trabajo, que consiste en el uso de herramientas virtuales, especialmente las redes sociales, como canal comunicativo para la aplicación de políticas públicas, en este caso para el combate de la homofobia.

Se plantea hacer un análisis no de perfiles individuales específicamente y/o de grupos de organizaciones, sino de ideas y posibilidades de actuación, para lo cual se llevó a cabo entonces un estudio cualitativo, una vez que es de reconocimiento social, que la fragilidad de las ideas - marcas en un ambiente con reglas poco claras (como es el virtual) - es más importante que números cuantitativos. Esto quiere decir que la línea existente entre tener una buena o mala imagen en la red, es muy tenue. Cualquier publicación y/o exposición puede cambiar de positiva para negativa la imagen de un perfil.

Así, indicadores de innumerables cuestiones sobre popularidad de marcas, personas, temas son de credibilidad cuestionable, una vez que hay mecanismos que usan robots para automatizar los “Like - me gusta - curtir”¹⁴ (hay incluso comercio de estos ítems en algunos lugares del mundo), para exaltar la publicidad y popularidad de perfiles, que no hacen una relación correcta con la realidad, por lo tanto no estamos hablando de “like - me gusta - curtir” de perfiles reales.

En el primer capítulo se aborda el problema de la visualidad silenciosa de las políticas públicas y de la cultura política en Brasil, tratando de trazar un perfil histórico en un primer momento en relación a los estudios académicos y sus relaciones políticas del país.

En este capítulo se cuestiona:

~¿Cuál es la situación actual de las políticas públicas LGBTQ y las perspectivas de ese grupo en la cultura política brasileña?

Pensando en evidenciar la urgencia de una política pública para con la comunidad LGBTQ y con ella cambios de estrategias y usos de los conocimientos y demandas de la

12. Carlos Latuff es cartoonista, tiene orientados sus trabajos para cuestiones de orden política, obteniendo respetable respaldo nacional e internacional, especialmente por sus abordajes en cuestiones de conflicto, como el de Palestina e Israel y “Primavera Árabe” con el que fue premiado. Según Latuff en reportaje al portal virtualTerra el 12 de Agosto de 2011, su trabajo: “É um trabalho autoral, mas não se trata da minha opinião. É preciso que seja útil para os manifestantes, e que eles possam usar aquilo como uma ferramenta”, “Charge incomoda” :<http://noticias.terra.com.br/mundo/disturbios-no-mundo-arabe/charge-incomoda-diz-brasileiro-que-retratou-primavera-arabe,bb285ff516e1b310VgnCL-D200000bbcecb0aRCRD.html>.

13. Teóricos y abordaje estimulados en el III Seminario : Culturas Políticas y Políticas Culturales, del Instituto de Altos Estudios Sociales (IDAES), Consejo Latino Americano de Ciencias Sociales (CLACSO) y Fundación Henrich Böll-Stiftung, Buenos Aires, Argentina.

14. <http://www.materiaincognita.com.br/robos-invadem-facebook-com-falsos-likes-e-comentarios-politicos/#axzz3T-M340xpl>

cultura política para con ese grupo, con relación directa a las investigaciones sociales, conocimientos generados, los enclaves y posibilidades de actuación del Estado.

En el segundo capítulo con título “Intimidad en la conectividad: creaciones sociales distintas”, o sea, cognitivas, afectivas y lúdicas, tratamos de pensar sobre cómo fue posible el surgimiento de las redes sociales y cuáles son las posibilidades de los movimientos sociales que hacen uso del arte como forma de reivindicación de ejercer influencia en la sociedad.

Para eso, se piensa en el surgimiento de las redes sociales en las condiciones de los sujetos posmodernos y las características de la modernidad como condiciones previas; y en la transformación psico-social de las culturas y la Internet como posibilidad de visualización, proyección y actuación social de los individuos y sus usos no previstos.

El capítulo dos se trata de pensar en la condición de sensación de seguridad del individuo (en su condición física), sin reglas que no sean el propio libre albedrío, acción modelada por la visión de individuos y sus causas y consecuencias. Aunque mucho se habla acerca del entendimiento de las consecuencias de las acciones virtuales, especialmente porque mucho se piensa en la no consciencia colectiva de los hechos que tienen carácter social, inclusive porque hay innumerables experiencias no progresistas también en las redes sociales¹⁵.

Ya en el capítulo III de título: “Activismo virtual: creación cognitiva de nuevas realidades”, se muestran las condiciones psico-sociales del colectivo, por lo tanto fue necesario pensar en la cuestión público - privado, en la era de la super exposición de lo real-virtual, en una sociedad de complementación de los espacios calle-casa, como es el caso brasileño. Para eso, se contó con entrevistas a militantes virtuales que cuentan con el respaldo del uso de las redes sociales como canal de comunicación y discusión de ideas. De este modo, éstos pudieron responder algunas cuestiones relativas de cómo es ser un militante virtual en el contexto brasileño; preguntas personales y de militancia, que permitieran “dibujar” el escenario virtual en que se está trabajando y reflexionar sobre el uso de las redes también como área de actuación política.

Partiendo de esas reflexiones en el sub-capítulo “Activismo LGBTQ en redes sociales de Brasil”, se analizan las condiciones generales de los brasileños de movilización social, así como individuos que expresan sus ideas y apoyo, a veces contenida y restringida a la propia red, otras agresivamente, pero también restringida a la red. De ahí entonces, se reflexiona sobre cómo esa relación es tenue y capaz de crear acciones físicas offline, tales como: movilización, militancia y sus características individuales de la cultura virtual brasileña.

De las entrevistas con militantes de Internet, surge que la usan en pro de la causa LGBTQ (según ellos mismos), sin embargo también lo hacen con otros temas polémicos, en las áreas de salud pública, ecología, derecho y en lo político-administrativo.

15. De hecho el fenómeno de las fakes news ganó proporciones peligrosas en las redes, e influyeron en la política de muchos países.

La tarea del capítulo IV, de nombre “A-normal diversidad artística. Red social y emancipación” es la práctica de análisis propiamente dicha sobre los dibujos y caricaturas obtenidos en el campo de observación de la red. Aquí se enfatiza en pensar las caricaturas-dibujos, desde el significado y sentido que tienen para el usuario que la sube a red social. Parte importante de estas reflexiones se basa en el hecho de que pensamos desde la perspectiva del individuo. O sea, damos por sentado que si da “like-me gusta-curte” y/o comparte la publicación entre sus amigos del Facebook, está, por lo tanto, sujeto a las negativas del medio social on y off line.

Obviamente el trabajo se evalúa pensando en cómo éste puede influenciar positiva y/o negativamente el combate a la homofobia, para recién entonces pensar sobre la cuestión clave del trabajo que es argumentar a favor de una política pública para la comunidad LGBTQ, también en las redes sociales, en consideración al respaldo positivo que ella puede tener, en referencia a campañas políticas y publicitarias exitosas recientes en el país.

Los momentos de entrevista y análisis de las caricaturas son distintos en sus metodologías, al final “*no es que la técnica vaya con otra, sino que el investigador tiene que lograr que vaya*” (Cruces apud Orozco: 2012:69).

Es necesario evidenciar que este trabajo no se presta a realizar una crítica a la decisión política, sus razones, aunque considere claro que la negativa por una política pública educacional fue influencia por apoyo político-religioso¹⁶, o evaluar si el contenido del *kit gay* era o no adecuado. Así como no pretende trazar una ruta histórica y conceptual del arte (en razón de sus objetos de análisis dibujos y caricaturas), pero sí tratar de pensar en las posibilidades del uso del arte en las redes sociales, como reivindicaciones, en este caso para un mejor entendimiento y/o equilibrio en las relaciones sociales, especialmente con respecto a la sexualidad.

16. En marzo de 2013 fue nombrado para la Comisión de Derechos Humanos de la Cámara de Brasil, el político Marco Feliciano, de línea argumentativa expresivamente racista y homofóbica con base en una de las interpretaciones neopentecostales más influyentes en la sociedad brasileña. El 18 de Diciembre de 2013, Marco Feliciano dejó la Comisión, tres días después de declarar que Nelson Mandela, había implantado la cultura de la muerte en Sudáfrica, en el mismo día 18, la PLC 122, proyecto de ley que criminaliza la homofobia fue vetado por el Senado, la comunidad LGBT y críticos del Gobierno alegan, tratarse de una estrategia política para las elecciones presidenciales de 2014, con el intuito de que la presidenciable tenga el apoyo de la amplia mayoría de los evangélicos. No sabemos si esta era realmente una estrategia, pero en las elecciones del 2014, Dilma Rousseff, obtuvo un fuerte rechazo de los electores, por este perfil. Marina Silva y después Aécio Neves, fueron los candidatos apoyados masivamente por este público en 2017 ganó las elecciones Jair Messias Bolsonaro de la extrema derecha y públicamente homofóbico.

VISUALIDAD SILENCIOSA: POLÍTICAS PÚBLICAS Y CULTURA POLÍTICA

Para pensar en la posibilidad de una política pública a favor de la comunidad LGBTQ en las redes sociales, es fundamental reflexionar en primer término, acerca de cuáles son las condiciones actuales de las políticas públicas y de la cultura política en Brasil.

De acuerdo con una serie de autores que servirán como referencia más adelante, es posible afirmar que en el escenario de las políticas públicas hubo pequeños avances. Un análisis más profundo realizado por la investigadora Marta Arretche, en relación a los estudios de sexualidad y género, es posible citar que las investigaciones académicas en general hacia la temática y las políticas públicas tienden al crecimiento (Arretche,2003:8).

Se puede considerar que estos estudios, con el fin de proporcionar políticas públicas en Brasil, tuvieron un crecimiento vertiginoso después de la transición a la democracia en los años '80 en gran parte de Latinoamérica (Bolán,2011:25) que traerán nuevas directrices para la política en el país, aunque la relación del Estado para con la implementación de políticas públicas efectivas continúe siendo frágil. Cuando se piensa en el compromiso de transformación social (Melo, 1999), se hace alusión a lo que tiene que ver con las políticas públicas involucradas a favor de la comunidad LGBTQ y no respecto de todas las demás políticas públicas del estado brasileño.

Es decir, aunque hubo un progreso visible en el área, el compromiso político con la promoción de una mayor tolerancia hacia la diversidad sexual, propuesto por estas políticas públicas fue bajo o inexistente, dado que se puede verificar también en las políticas públicas de otros sectores de la sociedad.

Así, los procesos de inclusión social de prácticamente todos los estereotipos (no blancos, no heterosexuales, no hombres entre otros grupos dominantes) no tuvieron, o tan sólo empezaron, a tener visibilidad efectiva recientemente, después de fuertes demandas sociales y siguen envueltas en una nube de prejuicios y segregación social de la diversidad.

Estas perspectivas apuntan a la consolidación de los estudios sobre políticas públicas que se inician con la presunción de que las acciones del gobierno pueden ser analizadas por investigadores independientes (Souza, 2003:18) y que esa producción, casi exclusivamente académica, asume una perspectiva crítica y desvinculada del gobierno.

Es posible constatar que ese contenido académico son en su mayoría, evaluaciones de resultados alcanzados de políticas vigentes y/o la actualización de la información existente acerca de programas ya consolidados. O sea, en algunos casos los estudios sobre políticas públicas vinieron después de la política aplicada, y más contemporáneamente antes de la aplicación de una política pública, con la defensa de la necesidad, demanda y urgencia de estas, en gran parte hecha por estudiosos de la academia que “lanzan” luz sobre la problemática de un movimiento social.

Aunque hay un aparato de incentivo científico en Brasil, liderado por el CNPq (Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico), que cuenta con considerables

recursos financieros y humanos para la investigación en todos los campos de la ciencia¹, hay pocos movimientos que llevan el resultado de las investigaciones para fuera de la academia, y por lo que se percibe, según los datos sociales, este respaldo social es aún menor, cuando estas investigaciones resultan en evidencias de mayores necesidades que debe asumir el Estado, o por su falta, o por una nueva problemática que surge.

Por lo tanto es importante destacar que hay en esa área, cierta proximidad entre el pensamiento académico y las demandas gubernamentales y eso tiene resultado en una relativa orientación de las temáticas para con las agendas de investigación, vinculadas a los análisis de entrelazamiento de cuestiones morales, teóricas y técnicas, donde *“As análises interpelam situações concretas, examinam tecnicamente problemas empíricos específicos e podem servir para legitimar ou deslegitimar as escolhas políticas efetivas”* (*“Los análisis interpelan situaciones concretas, examinan técnicamente los problemas empíricos específicos e pueden servir para legitimar o deslegitimar las elecciones políticamente efectivas”*)(Reis, 2003: 11) .

O sea, hay una relación directa entre las investigaciones sociales acerca de los temas de inclusión en general y las políticas públicas, especialmente por todo aquello que es de orden político. Las políticas públicas, aunque inspiradas en las investigaciones académicas, pactan realmente con los imaginarios sociales, o sea, el hecho de aceptar o no los cambios propuestos, a veces hay posibilidades, otras no hay aceptación de las propuestas de las políticas públicas. En el país, el peso de la aprobación o no, tiene peso político directo.

Las investigaciones conocidas por su rigor técnico, están muy sujetas a tener una gran cantidad de información y análisis tecnificado también de esos datos (resultado de un sistema educativo propuesto y creado en la dictadura militar brasileña) que parece abominar las tentativas de producción de cuño político-reflexivo. Eso no quiere decir que no haya investigaciones en ese sentido, las hay, pero sus científicos encuentran un cuadro rígido para llegar con sus reflexiones fuera del espacio académico, ya reducido para todo lo que tiene que ver con género².

Un hecho que caracteriza la subordinación directa con la agenda de investigaciones es “la demanda de agenda política”, lo que es más evidente por tratarse de políticas públicas más que en otras áreas del conocimiento (Arretche, 2003:8-9), cuando se habla de investigación acerca de políticas públicas es necesario considerar que estas sufren influencia sobre los resultados, desde las búsquedas de financiaciones, directamente entrelazadas con los “juegos del poder” de la gestión del Estado, lo que, en parte, es diferente de otros tipos de investigaciones científica en Brasil.

Por lo tanto, están sujetas a las peripecias de los juegos políticos y del ejercicio del

1. Los recursos para el CNPq disminuyeron mucho en la gestión del gobierno de Jair Bolsonaro, en especial para los ahorcamientos de 2020 y 2021.

2. El gran avance reciente en Brasil, fueron las políticas públicas sociales, especialmente las que tienen que ver con la comunidad afrodescendiente, que ganó más derechos y oportunidades garantizadas por el Estado. Resultado de una mayor conciencia política de la necesidad y de políticas públicas diseñadas por especialistas de la academia y del derecho.

poder de quién está en la conducción del gobierno.

Así, tenemos una correlación directa entre los prejuicios de la sociedad con la posibilidad de aprobación de una política pública de género por ejemplo, cómo son las políticas contra la homofobia.

Ahora, ¿qué son las políticas públicas efectivamente? Se entiende como “políticas públicas” de forma simple, las acciones que un gobierno concreta o toda y cualquier forma utilizada por los gobiernos para intentar solucionar “problemas sociales-políticos”, así como el resultado de esas acciones para con las demandas sociales. Según Vianna y Cavaleiro, es una modalidad de relación entre el Estado y la sociedad, que revela modos de reaccionar en relación a los problemas existentes, el “Estado en acción” o “Estado en Movimiento” (Vianna, Cavaleiro, 2011:29).

Eso significa que el modo como el Estado asume una postura, incluso la de no visibilidad, indican la no existencia de una política pública y/o cómo las perciben los destinatarios de dichas políticas, especialmente aquellos que se encuentran marginados.

Se entiende por lo tanto que son respuestas de un gobierno a problemas sociales específicos, desde reivindicaciones diferentes dadas a partir de grupos y segmentos distintos socialmente. Sin embargo, no toda acción del gobierno puede ser entendida como política pública, según Souza: “*A definição mais conhecida continua sendo a de Laswell, ou seja, decisões e análises sobre política pública implicam responder às seguintes questões: quem ganha o quê, por que e que diferença faz.*” (Souza, 2003:24).

Con esa definición, un breve análisis de datos de mortalidad de la comunidad LGBTQ y al tiempo el crecimiento del poder de grupos religiosos conservadores en el Senado brasileño, pueden revelar quién gana, qué gana y qué resultado tenemos, con el solo hecho de “olvidar” e “invisibilizar” la comunidad LGBTQ en el Brasil actual.

Aunque es necesario tener claro qué es y qué no es una política pública del Estado, éstas no son regidas por caminos metodológicamente únicos, especialmente cuando hablamos de diversidad, “no hay un camino único para el diseño y aplicación de políticas públicas sobre la diversidad, sino espacios de discusión y debate.”(Bolán, 2011:24).

Pensando en el punto fundamental que apunta Bolán, que es abrir espacio para la discusión y el debate, tenemos entonces la confirmación que especialmente de 2010 en adelante, hay cada vez menos espacio para el debate, y precisamente cuando se esperaba la ampliación del debate por parte del Estado, los grandes medios lo están abriendo (de forma equivocada, con polémica, con claros intereses comerciales) y el Estado no “habla” del tema.

Pocos son los políticos que hablan en defensa de la comunidad LGBTQ, y al revés hay una cantidad cada vez mayor que se opone a la comunidad³, en cada elección hay más políticos atraillados a propuestas religiosas, opositoras a todos los cambios favorables a

3. Neopentecostales intentan parar secretaria que trata de políticas LGBTQ http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2015/02/23/interna_politica,562384/deputados-evangelicos-tentam-barrar-secretaria-que-trataria-de-politicas-para-o-segmento-lgbt.shtml

la comunidad LGBTQ⁴, al tiempo que los actuales gobernantes no llaman al debate en la educación o en los medios de comunicación masiva.

Los grupos religiosos y sus empresarios tuvieron más momentos de “escucha” por parte del gobierno brasileño de Dilma Rousseff que la comunidad LGBTQ, que algunas veces fue “escuchada” pero sin alardes, y con la desvinculación lo más rápido posible de la imagen de la presidencia con la comunidad.

Así, se infiere que es necesario estar atento a qué sociedades y culturas aplican las políticas públicas analizadas, y cómo se debe encarar hacia la proyección frente a las propuestas de las políticas públicas, sin estar sumiso a las condiciones desfavorables para los grupos que necesitan de un mecanismo de defensa y/o “esclarecimiento”.

Este trabajo propone que el arte en las redes sociales es una posibilidad interesante en la sociedad brasileña para promover la reflexión, considerando también su potencialidad y sus limitaciones.

Por tener como perspectiva que las políticas públicas tienen caminos específicos, aunque siempre es debido preguntar quién gana, por qué y qué diferencia hace la implementación de ellas. Entendemos que políticas públicas direccionadas al público LGBT; enfrentan mayormente la oposición meramente moral y técnica para su surgimiento y aplicación.

Enfrentan fuerzas políticas de determinados grupos ya establecidos, que obviamente temen perder espacio con un “discurso diferenciado”, tales como los grupos provenientes de comunidades religiosas neopentecostales y/o grupos religiosos secularmente predominantes que aún están adheridos a dogmas conservadores, en Brasil las grandes oposiciones a los avances de la comunidad LGBTQ.

Este choque, tiene que ver mucho con los cambios sociales en general que pasaron y pasan las principales sociedades latino americanas, como ya mencionaba el autor Eduardo Nivón Bolán, el camino para la diversidad en Latinoamérica se abrió “a través de la superación de la diversidad negada por el estado liberal y de la cancelación de la idea de que sólo era posible un camino hacia el desarrollo” (Bolán, 2011: 30).

Con los recientes cambios de perspectivas políticas, otros caminos para el desarrollo surgieron en varios países de Latinoamérica. Esto también significa que hubo mayor posibilidad de desarrollo de políticas públicas hacia el desarrollo no sólo económico, sino también en la esfera social, de ciudadanía y derechos civiles.

En algunos países vecinos de Brasil, hubo cambios considerables globalmente, especialmente en Argentina, en que la Ley 26.618 (Sancionada en 15 de Julio de 2010 y Promulgada en 21 del mismo mes y año) conocida como Ley del Matrimonio Igualitario, modificó el código civil del país, que pasó a considerar matrimonio sin orientar específicamente –hombre y mujer- a las conjugaciones homoafectivas tal cuál las heteroafectivas.

Esta posibilidad surgió después de un intenso debate nacional acerca del tema en

4. <http://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/10/06/eleicoes-2014-bancada-evangelica-reelege-deputados.htm>

los medios de comunicación del Estado con su población y que además contó con la participación de la Federación Argentina de Lesbianas, Gays, Bisexuales y Trans, y su presencia en las redes sociales.

En Chile, en razón de la conmoción de la sociedad por la brutalidad del asesinato del joven Daniel Zamudio (24 años), que pasó sus últimos veinte un días en coma, por las agresiones que sufrió de un supuesto grupo nazista en Santiago, capital de dicho país, posibilitó un primer pero gran paso en la creación de una Ley de Discriminación que permite que una persona que se sienta discriminada por etnia, nacionalidad, necesidad especial, religión, condición social y orientación sexual, se vea beneficiada con penas pagas en dinero y con agravantes en caso de delitos que confirmen su origen en prejuicios de esta índole. Para la sociedad de Chile, es un gran paso, visto que su cuadro social, por muchos años, siempre fue regido por el conservadurismo de base religiosa.

Lamentablemente también mueren muchos brasileños, víctimas del mismo crimen de odio, pero el respaldo de los medios, de la sociedad y del gobierno para con estas personas, son mucho menores cuando son visualizados por alguien, visto que en los boletines de ocurrencias policiales por crímenes, no hay posibilidad de incriminar alguien por crimen de odio u homofobia, en el Brasil actual los responsables, aunque conscientes del hecho (la policía en general tampoco está preparada para lidiar con la comunidad LGBTQ) ponen en el proceso innumerables otras razones para justificar la redención del criminal.

Es cada día más evidente que, por la influencia y el poder político⁵ que los votos representan en el cuadro brasileño electoral, todo y cualquier movimiento en pro de garantizar derechos y políticas públicas para la comunidad LGBTQ son rechazadas y sufren presión moral de los conservadores – en especial de los neopentecostales, en lo que se refiere al apoyo en las elecciones⁶.

Sin embargo, el autor Critsinelis, afirma que en el momento en que las demandas son acumuladas y que se consigue dar respuestas satisfactorias a la sociedad, estamos delante de una *“ameaça à estabilidade governamental”, una eminente “crise de governabilidade”* (Critsinelis, 2003:38), él se refiere al cambio, aunque sea mínimo, de estructuras en el *status quo*, lo que inevitablemente resulta en un cambio del estatus de aquellos que son beneficiados plenos en la sociedad.

El mismo autor aclara que las políticas públicas tienen el poder de “amenizar” esa posibilidad de crisis, por posibilitar la comprensión del “conjunto de decisiones” y acciones relativas a la ubicación imperativa de valores para la satisfacción de demandas por intermedio de las acciones gubernamentales.

Se considera válida tal perspectiva, ya que “amenizar” deja claro que se trata sólo de una alternativa de cambio progresista y eficaz, pero con condiciones limitadas, una vez que

5. Bancada evangélica ganha força inédita no Congresso: Portal RBS.<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/02/bancada-evangelica-ganha-forca-inedita-no-congresso-4704350.html>

6. Bancada evangélica ganha força inédita no Congresso: Portal RBS.<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/02/bancada-evangelica-ganha-forca-inedita-no-congresso-4704350.html>

cambios sociales, especialmente aquellos relacionados a cuestiones morales hacen parte de un tejido social más espeso y difícil de cambiar, sin que sea posible pensar, a largo plazo, especialmente en sociedades con cuestiones morales fuertes, sean ellas llevadas a cabo o sean fruto de una hipocresía de doble moral.

Sin embargo, si existen demandas que necesitan ser calculadas por la vía de la autoridad estatal, es porque de alguna forma el poder público pudo anteriormente absorber y suplir cierta necesidad evidente.

La creación e implementación de acciones gubernamentales demandadas a ser ejecutadas por el Estado, que se responsabiliza por su formulación, monitoreo y evaluación, en una sociedad de Estado democrático implica directamente a la sociedad civil.

Así, se hace evidente que la cultura política de una sociedad como la brasileña está directamente asociada a la posibilidad de éxito de una política pública, como dijo, acerca de las condiciones generales de aplicación de políticas públicas el antropólogo Alejandro Grimson en el Tercer Seminario Internacional “Culturas Políticas y Políticas Culturales”⁷: *“Hay cosas que funcionan en algunos lugares y no en otros”*⁸.

Aunque sea necesario evidenciar que para nuestra comprensión, en el ejercicio del poder constan fuerzas morales de grupos de diferentes vertientes que presionan y desestabilizan gobiernos, que de alguna forma piensan que pequeños cambios en el *status quo* social, cambios de perspectivas en el escenario social, alteran y amenazan el propio poder ejercido, en general no importando cuál sea el grupo que en aquel momento se ha estabilizado.

Según Eduardo Nivón Bolán, “(...) las políticas públicas han tenido que asumir el criterio de la diversidad como un principio organizador nuevo” (Bolán, 2011: 36). O sea, cada vez más las políticas públicas necesitan estar relacionadas con la diversidad del público, y como esta es una acción política, ella provoca reacciones mucho antes de su aplicación efectiva. Así tenemos que cada vez es más la necesidad de establecer conceptos y trabajar con grupos socialmente diferentes.

En este cuadro, cabe preguntar sobre que serían las políticas públicas para la población LGBTQ:

~¿Organizar eventos para promover la visibilización de la lucha por los derechos a la ciudadanía?

~¿Aprobar leyes (municipales, estatales, federales) para instituir días, semanas o eventos en pro de la diversidad sexual?

~¿Crear cursos de capacitación sobre derechos humanos?

Al pensar respuestas sobre tales cuestionamientos aparece el hecho de que en su mayoría, estas iniciativas son tomadas por grupos reducidos y no articulados a los

7. Seminario realizado por Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Instituto de Altos Estudios Sociales y Fundación Henrich Böll Latinoamérica, en Buenos Aires, Argentina en 2012.

8. Anotación propia del dicho.

instrumentos de planificación del Estado, tales como el grupo “*Casa dos criadores*” hizo con el concurso “*Homofobia fora de moda*”.

También hay otros movimientos, recientemente creados, varios de ellos en las redes sociales, en pro de diversas causas, de la negritud, del feminismo, contra la corrupción, contra los altos precios de los pasajes de transporte público, entre otros, que beneficia o no (según criterios a verificar), que no sólo tuvieron respaldo en el ámbito virtual, sino que, además, ganaron las calles.

Estos movimientos son potencialmente capaces de proporcionar gran efectividad y alcance, especialmente sobre la necesidad de la participación civil en la causa de los derechos humanos en general, además de presionar los presupuestos públicos para el financiamiento de tales iniciativas. Por lo tanto, aunque se reconoce que las redes sociales, tienen su crítica acerca de “distanciar” las personas de sus contactos físicos, y demás críticas, también son instrumentos de escape, de expresión, de emociones, de arte, de cosas profundas de la psiquis y de los sentimientos de muchos individuos.

Cuando se piensa en políticas públicas, es importante tener mucho cuidado con la forma en que son planteadas y aplicadas, para no hacer de una política pública, un instrumento para el rechazo de otro grupo social. No se trata de menoscabar los derechos de un grupo violentando los derechos de otros, y sí de avanzar en políticas de tolerancia que admitan sus límites y posibilidades con respecto a la convivencia.

Por ejemplo en Brasil, hay diferencias evidentes entre las políticas de género y políticas para mujeres. Aunque con el objetivo de posibilitar la construcción de una sociedad no sexista, la concepción de género que da sustentabilidad para la lógica masculino-hombres-chicos-niños y femenino-mujeres-chicas-niñas, son una imposición de la normativa, independientemente de ser reconocidos legal y socialmente como hombres y mujeres. Por esa razón las políticas públicas de género pueden, consciente o inconscientemente, asumir como objetivos, variadas formas de homofobia, que son evidentes en gran parte de las políticas públicas educativas, de salud y asistencia social por ejemplo, donde no hay espacio para lo que “no tiene que ver” con el aparato genital de la persona, pero sí con su sexualidad.

Estas situaciones hacen parte de una matriz machista que tiene dificultad de asumir su posición homofóbica también en el aparato estatal, al final el Estado es formado por personas no siempre laicas en sus decisiones, como se propone en la Constitución brasileña, en su artículo primero:

~“Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.” (Ley n.7716).

Esta normativa, aunque abarca, no reconoce la discriminación por sexo explícitamente como crimen, aunque en algunas decisiones judiciales se usó la condición de discriminación como factor que da soporte de interpretación para juzgar crímenes de este orden, fue necesario crear leyes como la conocida “Lei Maria da Penha”⁹ (nº 11.340) para la

9. Maria da Penha, en homenaje a una mujer con este nombre, que sufrió dos tentativas de asesinato por parte de su

protección específica de la mujer. Aunque es evidente que ésta no tiene implicancia directa de la constitución nacional para crímenes relacionados con el género físico, menos aún con la sexualidad. Provoca que la gran mayoría de los crímenes no sean clasificados como tales, y sí por otras acciones que pueden estar presentes o no en la situación, para permitir la acción policial (que también comparte en innumerables casos la visión homofóbica).

Se considera entonces, que las políticas públicas ejercen un importante papel en la posibilidad de superación de opresión sexual y de género, pero también pueden servir para la mantención del *status quo*. Por un lado, pueden reforzar las desigualdades, cuando acciones y programas gubernamentales tienen por objetivo atender necesidades que se suponen universales, dejando de lado demandas específicas de importantes sectores de la sociedad. Porque, al final, no todos los grupos anhelan los mismos objetivos sociales, teniendo en cuenta que existen diferentes necesidades físicas y morales, ante la sociedad.

Las políticas públicas, según Farah, pueden contribuir a la reducción de tales desigualdades, cuando se basan en el respeto por los derechos humanos, en este caso sería incluyendo los derechos sexuales y reproductivos en la agenda gubernamental, con la formulación e implementación de programas y acciones dirigidas a ese fin (Farah, 2004:52).

La comunidad LGBTQ de Brasil sufre por la falta de políticas públicas provenientes del Estado con objetivos de prevención, además de verse desprotegida también por la falta de normativas que por lo menos, abran espacios para la punición de los crímenes cometidos.

Se entiende que así como el derecho es una creación humana, también lo es la sexualidad, como realidad socialmente construida (Foucault, 2004) distante de perspectivas esencialistas fundadas en determinaciones biológicas, como destaca Gayle Rubin: “*A sexualidade é tão produto humano como o são as dietas, os meios de transporte, os sistemas de etiqueta, as formas de trabalho, as diversões, os processos de produção e as formas de opressão*” (Rubin, 1989:133). Desde esta perspectiva es perfectamente admisible afirmar la influencia que sufre el ejercicio de la sexualidad en la creación y práctica social de programas y acciones gubernamentales que garanticen su dinamismo y pluralidad.

Actualmente los prejuicios sobre la sexualidad siguen asociados a la defensa de las ideas de heterosexualidad, abierta a la reproducción de la pareja heterosexual posible en términos raciales, religiosos, educacionales y clasistas, normal del género de auto-representación de la masculinidad y de la femineidad para hombres y mujeres (Rich, 1980). Con sus debidos límites esa forma sistémica es redefinida a lo largo de la historia según Rich en que la sexualidad se torna envuelta por la lógica del mercado, a los juegos políticos y cuestiones de la moral, entonces cabe a una teoría radical “identificar, descrever, explicar e denunciar a injustiça erótica e a opressão sexual (Rich, 1989:130).

marido, por arma de fuego y electrocución, que terminó por dejarla parapléjica. Su lucha para que el ex marido fuera condenado, tardó 19 años y, así mismo el mismo estuvo preso tan sólo dos años. Por su formación en farmacia, y su alto grado de instrucción ella no se mantuvo quieta, y la sociedad brasileña, por los grandes medios, reconoció su historia. Así siendo en 2006, el entonces presidente Luis Ignacio Lula da Silva aprobó la Ley de protección a la mujer y la creación de la Comisaría de la Mujer.

Con este cuadro de luchas y definiciones para con aquello que es considerado sexualidad legítima y cuáles son las personas que están socialmente autorizadas a ejercerla, hasta en los países de larga tradición democrática sufren presiones sobre la laicidad, presiones que se tornan más preocupantes en países de democracia reciente y/o aún frágiles debido a la influencia eminente de grupos fundamentalistas en la política interna, postergando el desarrollo de las naciones en los derechos humanos para con la comunidad LGBTQ.

Se considera que en una perspectiva laica, y/o más laica y democrática, prevalezca la noción estatal de diversidad sexual, de pluralismo, partiendo de la idea de no evaluación por la orientación sexual (objeto de deseo) de los sujetos, pero a partir de pensar en la unión de los matrimonios, en la presencia y ausencia de coerción física, psicológica y por la cantidad-calidad que el placer produce (Rubin, 1989), pensando en el derecho de un individuo de involucrarse y sentirse atraído, por algún otro individuo y que estos no necesiten victimizar tal hecho.

Suponiendo que deberían ser pensados a partir de nuevas posibilidades afectivas, sexuales y familiares que surgen y desafían las versiones tradicionales de las costumbres, leyes y culturas y evidenciando la necesidad de un pensar sobre las disputas moralistas privativas y colectivas, identificando y diversificando los discursos sobre lo público, lo privado y sus visiones del mundo que diferencian en su modo de pensar las sociedades.

Esas visiones de mundo están en constante disputa en los poderes ejecutivo, legislativo y judicial en la sociedad, por las reivindicaciones de grupos distintos, evidenciados en ese caso aquellos referentes a los que anhelan la eliminación de todas las formas de discriminación vinculadas a la orientación sexual, luchando por reglamentación de los vínculos conyugales entre personas del mismo sexo (Mello, 2005) adopción de niños por parejas del mismo sexo (Uziel, 2007) y derecho a la autonomía sobre la identidad civil para transexuales, travestís (Bento, 2006).

Según la investigación hecha por la Universidade Federal de Goiás, titulada “Políticas públicas para la población LGBTQ en Brasil: apuntes generales de una investigación inacabada” de los investigadores Luiz Mello, Daniela Maroja y Valieres Brito, los programas existentes actualmente, son en su gran mayoría reconocimientos del Poder Ejecutivo en sus diferentes niveles del gobierno (federal, estatal y municipal) de una necesidad de políticas públicas de combate al prejuicio, a la discriminación y a la exclusión que alcanza a la comunidad LGBTQ en la sociedad brasileña, especialmente de aquellos no ricos, no blancos, no jóvenes, no escolarizados y no habitantes de grandes centros urbanos, por lo tanto se trata de una población que potencialmente sufre de una doble (o más) formas de discriminación.

Tales programas, aunque restringidos, asumen importantes pasos hacia la conquista de derechos civiles, vinculados a los que posean recursos financieros (para contactar abogados) y a los que tengan coraje para enfrentar la legislación y las actuaciones homofóbicas evidentes del Estado, que aun así, muchas veces se niega a reconocer que

hay vidas legítimas e inteligibles mas allá de la matriz heterosexual (Butler, 2005).

Así, es evidente cierta necesidad y centralidad política para la construcción de identidades de tribus sociales entre los géneros (gay, lesbica, bisexual, travesti entre otros) por la gran dificultad de legitimación social de las reivindicaciones de personas que no son socialmente visibles.

Se entiende que sería más adecuado si las leyes y políticas públicas generales, abarcan a cualquier individuo como ciudadano, y que en esa perspectiva fuese posible pensar en la pluralidad social. Aunque esa forma parezca la más adecuada, también existe la necesidad de una diferenciación inicialmente provisoria, como forma de dar urgencia y progreso en la defensa de esos grupos que de antemano son diferenciados, actualmente no solamente por la sociedad, sino por el Estado (como consecuencia de la primera y con la posibilidad de co-actuar en la misma).

Por eso, en esta reflexión se opta por identificar grupos socialmente diferentes, dando a estos los nombres acostumbradamente relacionados para dar un mayor entendimiento a los mismos. Es claro que eso no representa que debemos defender una “naturalización” o “cultura” propias de las comunidades LGBTQ, no mutables y variables y/o que la sexualidad humana está restringida a estos denominados nombres y sus representaciones.

Como ejemplifica Kanavillil Rajagopalan “(...) *expurgar todas as identidades, conceitos e categorias que não servem a nenhum propósito a não ser ratificar ideologias nocivas, porém tão bem estruturadas a ponto de parecerem parte da própria ordem natural*” (Rajagopalan, 2002:86).

Quiere decir que, aunque hagamos uso de estas terminologías, las mismas aparecen aquí con el intento de “identificar” para el lector a que grupos socialmente estamos haciendo referencia, y no con el intento de reducirlos a condiciones previas. Y en esa misma perspectiva es posible plantear que es adecuado pensar en las políticas públicas de género, sin diferenciar grupos entre sí, pero sí para identificar aquellos a quién se les debe un reparo por parte de la sociedad.

Es obvio que en el cuadro de dificultades relativas a las implementaciones de políticas públicas, no solo se abordan los problemas relativos a las comunidades LGBTQ. Resistencias son evidentes también en las políticas de derechos de las mujeres, de los afrodescendientes y prácticamente de todos aquellos que representan puntos contra el orden vigente de lo heterosexual, blanco y no pobre.

La opción política de los movimientos LGBTQ de Brasil de plantear sus demandas en las agendas políticas; especialmente a nivel del Poder Ejecutivo (en las esferas federal, estatal y municipal); puede ser considerada una de las más importantes estrategias para el combate a la injusticia relacionada a la opresión sexual a través de los medios de comunicación tradicionales, alternativos, redes sociales y eventos públicos.

Según Louro, es exactamente esta la estrategia; que los movimientos organizados de género, sexualidad y los multidisciplinarios se articulen, para posibilitar una verdadera promoción de políticas públicas y avances a los conocimientos culturales (Louro, 2010:150).

Es evidente, por lo tanto, que la promoción de valores y prácticas de respeto a la diversidad de orientaciones sexuales e identidades de género, se torna un mecanismo importante para que diferentes grupos sociales pasen a tener una visión del mundo menos discriminatoria, menos *heterocéntrica*. Las mismas también fomentan la formación de una opinión pública más esclarecida sobre los derechos de los individuos socialmente diferenciados.

Sin embargo, a pesar de las nítidas señales de los beneficios sociales que una política pública en este sentido puede proporcionar, muchos líderes expresan temor e incredulidad frente a la poca agilidad en la implementación de acciones y programas propuestos por grupos involucrados, cuestionando cómo los gobiernos van a poder soportar la homofobia del Estado, especialmente las que “vienen” de frentes parlamentarios, gestores públicos y grupos religiosos.

Según Henrique Caetano Nardi, el discurso político brasileño, como un todo, es incoherente y poco homogéneo en su forma política y en gran parte teórica, una paradoja de estructura y dinámicas sociales (Nardi, 2010:151)¹⁰. Se entiende con este análisis de Nardi, la situación desde la perspectiva a seguir: a pesar de la diversidad latente de la sociedad brasileña, de los grupos sociales ascendentes de la comunidad LGBTQ han ganado reconocimiento y tienen a su lado cuestiones intelectuales y argumentativas. El propio slogan del gobierno de Dilma era “Un país de Todos”, a pesar que tuvieron un gobierno abierto al diálogo, enfrentarán una estructura difícil de cambiar, no simplemente por causa de los representantes de la sociedad, sino en relación con las fuerzas que éstos tienen provenientes de ellas. Lo que cambió para peor en los años siguientes en los gobiernos Michel Temer y Jair Messias Bolsonaro.

Con esas perspectivas, es evidente considerar que el Estado, está preso en la lógica del control político, en lo relativo a cuestiones no inherentes a los derechos humanos LGBTQ, tales como influencia moral y económica en las elecciones en todo el país.

Cuando se piensa en políticas públicas en el campo de la sexualidad, es importante tener en cuenta las peculiaridades de las mismas, ya que su formulación e implementación es básicamente la necesidad de cambios de creencias, valores y tradiciones en el imaginario colectivo.

El proyecto de una sociedad no machista- homofóbica- sexista, con capacidad de inclusión de los grupos hoy marginados por el pensamiento dominante, tiene también sus propias contradicciones, como la posibilidad de que la “inclusión” puede cambiar la forma de entendimiento de la identidad entre las personas que la propia comunidad LGBTQ. Aunque esto parezca mucho menos dañino que la actual situación de desamparo en que se encuentran y que son capaces de formar aún así una identidad, entre muchas versiones encontradas hoy.

Es claro que también se debe considerar que la comunidad LGBTQ a diferencia de

10. Aclaremos aquí, que desde nuestro reconocimiento los importantes avances sociales-económicos de Brasil, en los últimos diez años, y el pensamiento de Nardi, viene a demostrar que hay una paradoja evidente en el discurso de perspectivas desiguales para el desarrollo.

otros grupos que sufren estigmatización, no despiertan tanta complicidad social por sus dificultades y problemas, empieza ya en los momentos que son pensadas las políticas públicas sobre sexualidad, pocas veces ellas son pensadas más allá de la heterosexualidad, o sea, cuándo son pensadas políticas de sexualidad ellas son separadas en heterosexuales y homosexuales, esta última por sí sola ya esta directamente involucrada con otros temas, como racismo, violencia y mercado laboral.

Es importante evidenciar que hubo un mayor proceso de apertura en la última década y que trató de destacar que hay una estructura social política enraizada en la lógica cultural del país, que pasó por muchos cambios, éstos ocurren de forma lenta y en ocasiones sufre reveses por parte de presiones de los grupos contrarios que aún concentran mucha fuerza política y económica.

Por lo tanto el actual estado de las políticas públicas referente a la comunidad LGBTQ en Brasil es que cuentan con poco apoyo político (a excepción de la Orden de los Abogados de Brasil, grupos organizados de la comunidad LGBTQ y algunos sectores de la clase artística). Las perspectivas de la comunidad son mejores que en el pasado reciente, pero aún no se puede afirmar que son promisorias.

INTIMIDAD EN LA CONECTIVIDAD: CREACIONES SOCIALES DISTINTAS

Antes de realizar el análisis de las entrevistas, dibujos, caricaturas y su correlación con la temática de las políticas públicas y culturas políticas, se argumenta que el surgimiento de las redes sociales y sus usuarios, pensados en la condición de sujetos y sus características, pasan por un cambio en lo que tiene que ver con la intimidad.

El fenómeno de las redes sociales virtuales no sería posible si no hubiera un cuadro social “aparte” establecido antes del surgimiento de estas redes. Algunas características de las sociedades modernas y de la asimétrica expansión de un estilo de vida industrial-urbano asimilado básicamente por todas las culturas en el escenario globalizado, traerán consigo algunas características socio-psicológicas que ponen a los sujetos frente a las condiciones sociales. Algunas de esas “condiciones” son características de la modernidad, sin embargo no son tan sólo condiciones dadas sino un proceso continuo.

Al pensar sobre ese proceso se tienen en cuenta los tres tiempos de transiciones para la modernidad, de acuerdo con el autor Mario Fleig: la pre-modernidad que es organizada según los principios de la jerarquía, holismo y tradición; la modernidad que es organizada según los principios de igualdad, individualismo y autonomía; y la posmodernidad que es representada por la fuerte característica del fin de los ideales e incredulidad en relación al futuro (Fleig, 2001:21). Al realizar una reflexión sobre el segundo y el tercer tiempo relatados por el autor, se entiende como productores de transformaciones que producen diferentes formas de subjetividades y síntomas psicosociales.

Es sobre la tesis de síntomas sociales que se presentan las distinciones entre el sujeto moderno y el sujeto posmoderno. El primero se construye con el presupuesto de libertad y apropiación de un saber, en forma de conocimiento (Jerusalinsky, 2001:15) y sobre el imperativo de salir de casa, abandonando la tradición que lo forma (Fleig, 2001:23). El sujeto posmoderno es consecuencia del sujeto moderno, busca libertad y autonomía, camina en busca del saber, sin embargo, en general, está extasiado de ideas, busca todo tipo de técnica, tanto para componer el cuerpo desmembrado por la pérdida de los ideales ordenadores, así como para expulsar el vacío en que se encuentran (Fleig, 2001:25).

Se considera que ese “vacío” de ideales que se refiere Fleig, es un “último” discurso en sí, como evidencia Alejandro Grimson en “Los límites de la Cultura”, este influencia incluso a las ciencias sociales y por eso se le considera extremadamente actuante socialmente.(Grimson, 2011).

Parte de ese “último discurso” hace que el mundo posmoderno, como consecuencia de los modos de subjetividad construidos en la modernidad, sufra un vaciamiento desenfrenado del poder simbólico y de la ley, del padre, y todo lo que el psicoanálisis entiende como función paterna, anteriormente portadora de una autoridad preestablecida socialmente. El sujeto no sabe quién es, busca construir una imagen pautada en el saber del otro- televisión, ciencia y virtualidad. El vaciamiento de la función paterna funda los síntomas sociales de la modernidad, como los de la posmodernidad (Jerusalinsky, 2001:28).

Del cuadro social surgen nuevas formas de invertirse como sujetos en el mundo posmoderno, emergen espectáculos que propician visibilidad en los medios, múltiples voces, flexibilizan la orden de la cultura dominante (García Canclini, 2007:20). La internet se transforma en una posibilidad de ser visible, o mejor, una producción imaginaria, una manifestación de síntomas de la falta de recursos que sufre el sujeto en las sociedad del espectáculo, para construir su dimensión singular de ser en el espacio público, que depende de su sentido de existencia (Kehl, 2004:161).

Comienza a existir la posibilidad de recreación de sí mismo, donde la identidad y el cuerpo pueden ser objeto de recomposición, de igual forma la biografía puede rehacer su sentido individual y social por la posibilidad de reinventarse a sí misma (Winocur, 2012:2).

Entonces el individuo, asume desde ese momento, una posibilidad antes no disponible de controlar una imagen social, que puede ser creada, reformulada y expandida, en relación a aquello que vive fuera del mundo virtual, o sea, en el mundo off line. Esa posibilidad, descrita por Winocur (2012:2) parece claramente una eventualidad dinámica, que puede ser usada y también resultar en cosas distintas, de acuerdo con la realidad social del sujeto. Pero igual, debemos dar énfasis al hecho de que esa posibilidad de creación y recreación, también abre camino para la manifestación del mundo sentimental y las ideas del sujeto. Así abrió el espacio de lo que es íntimo en la vida social.

Aún es muy polémico el tema, ha generado mucha confusión en innumerables cuestiones de la convivencia en sociedad, “creando” una “nueva necesidad” de cambios de leyes de seguridad, de marketing, de las relaciones en escuelas, del manejo político etc.

Esa nueva posibilidad, inserta en el discurso de la necesidad eminente de “menos jerarquía”, del vaciamiento del poder patrio, de la búsqueda desenfrenada por la libertad, por la autonomía y del desmembramiento del sujeto social, hace pensar en las redes sociales, no tan sólo como evidencias del “ego”, o del consumo y otras posibles áreas de interés más evidentes, comúnmente presente en los discursos de los medios.

En las redes sociales, también hay quienes la usan como una válvula de escape de la realidad, es una herramienta donde mucho más que el mundo perfecto, aparece el sufrimiento como una expresión de nuestra intimidad, que también alimenta nuestra intimidad pública (Winocur, 2012:2).

Pero también de todo aquello que se refiere a la organización social y de las posibilidades comunicativas, de movilización, activismo y sensibilidad que se pueden manifestar en la red, de formas también evidentes o no, sea por el lenguaje usado por grupos específicos ya socialmente distintos en la sociedad, sea por el lenguaje de la red y/o de grupos que existen en la red, o entonces aquellos en los que sus usuarios no conocen a todos quienes forman parte del grupo.

Los medios y tecnologías de comunicación ofrecen las mejores posibilidades de conocer a los *otros*, por la oportunidad que tienen los sujetos de volverse visibles en la sociedad en que viven. (Winocur, 2013:247). Así que sin duda las redes sociales son como góndolas de ilusiones, creadas por sus usuarios desde la puerta de entrada hasta la difícil

posibilidad de salida, de acuerdo con la sociedad y sociabilidad que esta red representa en su ciclo de amistad, obviamente.

Sin embargo, las redes sociales también promocionan una intensificación de lo vivido y/o de la producción narrativa de los sujetos, como personajes creados por ellos mismo o como narradores de su perfil, el usuario tiene el poder de evaluar lo que muestra y escribe a la biografía del personaje, donde el narrador es el propio usuario (Sibilia, 2008:18) y eso incluye no tan sólo las cosas “buenas” de su *performance*, ella actúa no sólo como catalizador simbólico del sufrimiento cotidiano, sino también como defensa frente al olvido (Winocur, 2012:5)

Aunque ese poder de decisión de aclarar que menciona Paula Sibilia, sea cuestionable, al pensar en su real posibilidad y actuación circunstanciada, de acuerdo con la cultura.

Este poder existe y aunque de alguna forma puede ser controlado por terceros pertenecientes a las empresas y organizaciones gubernamentales que tienen acceso y/o posibilidad de creación y organización de la red, ella está presente y disponible cada día más en el cotidiano, cuando no, se puede afirmar que se transformó en una necesidad, mercadotécnica o no, de la existencia social de los individuos modernos-tecnológicos, especialmente de aquellos urbanizados.

Hoy se encuentra la angustia de no estar conectado y la ansiedad de sentirse convocado a tener un lugar visible en la vida de los otros, sobre todo “mirar” la vida de los otros. (Winocur: 2012: 2). O sea, mucho más que simplemente estar en la red, socialmente se está convocado a pertenecer y a hacer uso de ella, ponerse en evidencia, ya sea por las cosas “buenas”, ya sea por los momentos de tristeza y dolor.

En algunas regiones rurales cercanas a las metrópolis y ciudades importantes medianas del interior de Brasil eso también es evidente.

Los medios de comunicación y actualmente los nuevos portales virtuales y redes sociales ofrecen las mejores oportunidades para conocer a los *otros*, en razón de que, sin estas nuevas tecnologías la gran mayoría de las personas no tendrían ninguna posibilidad de tener visibilidad, pero al mismo tiempo por sus características filtran y editan ese contacto, aunque difícilmente sea posible acceder a la versión que los propios *otros* tienen de sí mismo (Winocur,2013: 247).

Así como la industria cultural transformó las relaciones sociales, según los filósofos de la Escuela de Frankfurt, a partir de la creación de la prensa móvil, seguido de la radio, del cine, de la televisión, el desarrollo de una industria informática está reconfigurando la esfera pública, la comunicación social, la información y los entretenimientos cotidianos en casi todo el planeta (García Canclini, 2002).

Entonces con el pensamiento de Néstor García Canclini, podemos entender que la cultura y la personalidad de los individuos, pasaron a sufrir la influencia de las nuevas formas de comunicación provenientes del desarrollo de la industria de informática-telecomunicación.

Por lo tanto, con el advenimiento de las tecnologías de información surgirán nuevas formas de reinventarse como sujeto, su visibilidad y una gradual flexibilización potencial de la cultura dominante (García Canclini, 2007:20) la actualización performática en la Internet, especialmente en las redes sociales, surge como evidencia importante de esos cambios.

Encontramos que el individuo pasa a tener ahora la posibilidad de control sobre lo que quiere que las personas perciban de sí, un control limitado o no, subjetivo o no, es algo novedoso y quizás sea esto lo que justamente, más atrae las personas hacia las redes sociales.

En este sentido, se abordan estas mismas, en conformidad con la lógica de Canclini, una posibilidad de flexibilización, no considerándose como un sistema creado por redes de control de opresión, pero pensando en ésta, por su formato no convergente, aquellos espacios que permiten trabajar con mayor libertad de posibilidad de cambios en lo que se refiere al cuadro social – comunicacional de las sociedades en que están insertas.

De igual forma, Winocur, aclara que esa *performance* de trabajar con él “yo” también va a permitir que se compartan sentimientos como dolor, angustia, de la actuación del dolor (Winocur,2012: 2) además del común estado de felicidad pleno, comúnmente cotidiano en las redes sociales. Así es posible hoy usar las redes sociales, como un “analgésico” que ameniza y/o conforta el dolor pero que también envicia, estar conectado, permite “ventilar el dolor”, así pasa a ser un consuelo disponible (Winocur, 2012:1).

Al tiempo que la *performance* pasa a ser una extensión de la privacidad, incluso con el dolor presente, es cada día más evidente su carácter narcisista, como la autora Paula Siliba nos describe sobre lo que pasa con los autores y sus obras en los días de hoy, “*cada vez más los escritores parecen sucumbir a la tentación de mostrarse como personajes, dentro y fuera de las obras*” (Siliba, 2008: 252).

Tenemos en la red, como dijo Winocur (2009), una posibilidad de ser nosotros mismos, los “autores” de nuestra biografía virtual, de crear una *performance*, así estamos entonces de igual forma haciendo el mismo movimiento que los autores de ponerse en sus personajes:

“Porque al transformarse en personajes, el brillo de la pantalla los contagia y entonces se realizan de otra forma: gana una rara consistencia, que proviene de esa irrealidad hiperreal de la legitimación audiovisual. Pasan a habitar el imaginario espectacular y, de ese modo, parecer volverse curiosamente más reales que la realidad (...) con mayor precisión, transmutan en aquello que se ha dado en llamar celebridades”. (Siliba, 2008:263).

Haciendo un paralelo y constatando que los usuarios de Facebook, tienden a hacer lo mismo, mezclar la realidad con la “ficción” de sus personajes virtuales, representativos. O sea, un ser virtual que es tanto personaje, como proyección de un sujeto y sus realidades.

Más adelante, cuando se analiza lo dicho por los entrevistados y las caricaturas, será posible percibir de forma más activa, como esas posibilidades del uso de la red, realmente están presentes, eso quiere decir que las redes también desenmascaran, de forma sincera

o puramente performática, estados de ánimo, sentimientos de lo más íntimo de usuarios que no ven límites entre lo privado y lo público, y/o tienen concepciones donde los límites son muy sutiles.

Así aparece un escenario, en que los asuntos sentimentales pasan a tener una importante mirada, desde la perspectiva del propio individuo. Compartir con el público de su red social, mucho más que las cosas que hace o come y los amigos y otros seres queridos, ahora los sentimientos también asumen un espacio de importancia.

Es obvio que, todos los sentimientos que ya reflejan cosas consideradas buenas por el entorno social, van a tener miradas y popularidad medidas de forma más fácil, que los sentimientos de angustia, miedo, incertidumbre y otros sentimientos que tienen alguna connotación negativa.

La incertidumbre especialmente en estos casos, también está asociada con la amenaza de perder el aparato y la conectividad, lo cual se percibe como la posibilidad de cargar, guardar y recuperar la propia biografía, la posibilidad de rehacerla y manipularla (Winocur, 2009).

Esa “pérdida” viene como una forma de exclusión de la sociedad en que el usuario está insertado, genera angustias, sentimientos de inseguridad, como si el sujeto no fuera a ser aceptado de igual forma, y/o estuviera fuera del ciclo de amistad por ejemplo entre gran parte de los jóvenes de la clase media y clase media baja.

Entrar en este mundo, hablar sobre lo que se siente. Así se percibe Internet en varios casos, donde ésta sirve como una forma pública de desahogo. Por lo tanto se trata aquí de mirar la Internet y las redes sociales, como posibilidades no restringidas a un aparato tecnológico, sino que se busca entender los significados que asumen determinadas acciones virtuales en el mundo on-off line.

En el cuadro social, que funciona cíclicamente, teniendo en cuenta que la vida off line de combustible para la vida on line y viceversa, por lo tanto son complementarias, aunque no pueden ser interrumpidas y/o diferenciadas, una vez realizadas no son fácilmente ignoradas.

Según Harold Innes, los cambios en la tecnología de la comunicación tienen invariablemente tres tipos de efectos: alteran las estructuras de los intereses “qué se piensa”; el carácter de los símbolos “con qué se piensa” y la naturaleza de la comunidad, el área en que los pensamientos se desarrollan (Postman apud Innes, 1999:37).

Si los medios de comunicación tradicionales tenían esa influencia como describe Postman, aunque de forma diferenciada, es evidente que las nuevas tecnologías de comunicación también lo tienen, en grados un tanto distintos por su característica más individual; en el caso de las redes sociales, donde se tienen perfiles individuales.

Estas redes sociales también sufren influencia de los medios de comunicación tradicionales, por lo tanto consideramos evidente la influencia de estos en parte de las estructuras simbólicas de una sociedad, que pueden ser más o menos evidentes de acuerdo con los mensajes emitidos en estas tecnologías, en especial los que aparecen masivamente.

Sin embargo, por sus características novedosas e individualizantes posibilitan una mirada distinta acerca de lo que se piensa y se pone en evidencia, sea en el perfil del propio usuario, sea de su amigo o conocido más próximo.

En este sentido, la búsqueda de cómo las relaciones sociales se configuran frente a esa nueva perspectiva ha sido un desafío para diversos intelectuales contemporáneos, considerando por lo tanto que hay consenso sobre que los cambios en la tecnología de la comunicación actúan directamente en la subjetividad de los individuos e interactúan con su cultura negativa o positivamente.

Existen cuestiones de orden simbólico que permanecen sobre la tecnología (Morley,2007:139), además la significación del uso de las tecnologías no se da exactamente como se percibió en un primer momento (Hine, 2004:41). Es sobre esa posibilidad de no ser tan sólo una red de contacto e intereses de publicidad-consumo, que se plantea la oportunidad de trabajar con políticas públicas de concientización acerca de innumerables temas.

Como bien señalaba Eduard Palmer Thompson en su obra “Costumbres en común” donde el autor esclarece la necesidad de trascendencia, ir mas allá, al pensar popular, mucho más que tan sólo entenderlos con la corriente idea de dominación simbólica, para explicar las conductas de los sectores populares y sus usos, pensándolos a partir de una idea de “costumbres” que producen formas de resistencia (Thompson, 1995).

En este caso, los usos no previstos de la tecnología y las redes sociales más allá de simples contactos, surge la posibilidad inminente de que en las redes sociales además de divulgar cuadros sociales desiguales, también pueden servir como plataformas de diálogo y de políticas públicas, refiriéndose a las comunicaciones en masa. Podría tratarse del medio comunicacional que mantiene sus relaciones con mayor proximidad entre individuos, alcanzando en poco tiempo tanto público como otros medios masivos de comunicación como la radio y la televisión. Así como Internet puede ser usado como una plataforma simbólica con múltiples escenarios y máscaras para la actuación de la performance del dolor (Winocur, 2012: 2).

Por eso, hay que enfatizar que en la red social, las relaciones de interacción social virtual, no tienen que ver exactamente con la idea de proximidad física, pero sí con cierta idea de aproximación cualitativa, independientemente de su fin, estarán en la red aquellas personas con quienes el individuo desea obtener contacto y/o que tenga como posibilidad de relación interactiva, más allá de cantidad, las relaciones sólo van a tener significados y posibilitar una proximidad de ideas, de gustos, de interacción positiva, y por qué no pensar en su carácter emancipador de las relaciones del individuo moderno, como extensión de su comunidad de relaciones.

El sociólogo John Brookshire Thompson en su obra “Los media y la modernidad” presentaba el concepto de propiedad pública mediática que pretendía demostrar que los *medios* habían creado una propiedad pública nueva, diferente de la tradicional, donde la presencia física del individuo en el espacio público dejaba de ser esencial para que las

acciones y acontecimientos ocupasen un lugar público (Thompson, 1998:168).

Thompson no niega que la tradicional presencia física deja de existir, incluso reafirma su importancia y alega que los individuos y acontecimientos adquieren esa capacidad de propiedad pública, independientemente de sus capacidades de ser visualizados y oídos y que eso asume una importancia cada día mayor en las sociedades modernas (Thompson, 1998:169).

Thompson hacía referencia mucho más a los medios de comunicación masivos, que ya mantenían esa relación intrínseca, y sugiere que esa capacidad de ocupar un lugar público sin la presencia física se torna aún más evidente.

Esas relaciones en la red hacen parte de algo mayor que proviene de la sociedad en que esta insertada, tal cual señala Winocur (apud Silverstone) *“las tecnologías no son creativas por sí mismas (...) La tecnología sólo puede complementar y mejorar la vida social y cultural cuando ya hay algo de valor para complementar y mejorar”* (2005:13).

Así, la presencia física, aunque se considere esencial para el referente con aquello que es público, al final ninguna movilización, activismo o idea es posible sin la acción en el mundo físico, esas ideas y movimientos pasan ahora a contar y desarrollarse también en la esfera virtual con el desarrollo de nuevas tecnologías, se crean también las condiciones propicias para el desarrollo de nuevas formas de sociabilidad y emotividades públicas, que dejan de ser simples tendencias y pasan a ser realidades del mundo on-off line.

Sin embargo, el antropólogo Alejandro Grimson evidencia que el proceso de “poner en común” y “hacer público”, que también abarca a las redes sociales, no evita que existan conflictos en esa relación, ni que haya una ruptura, una vez que el público es heterogéneo. (Grimson, 2011:192).

Y si el excesivo carácter de exposición de la intimidad puede ser un problema, también es lo que pone en evidencia, justamente, la diversidad que tiene este público.

En la red social, es posible percibir que; aunque los comportamientos también tienen tendencias, quizás más que los comportamientos sociales off line por la necesidad de sentirse popular y amado por los demás en razón de un clic; aún así es posible percibir la gran diversidad de públicos. Pero según Grimson, este contacto con la diversidad, no quiere decir que la red sea un mecanismo en el que se dé la diversidad y que sea totalmente aceptada.

Justamente por no ser aceptada la diversidad, hay muchos casos en Brasil, de cuestiones judiciales para juzgar, donde afros, mujeres, homosexuales, simpatizantes de estos, personas que apoyan determinadas ideologías políticas y religiosas, sufrieron daños a su imagen social, en razón de comentarios hechos en redes sociales. Algunos casos tomaron proporciones nacionales, que incluían neopentecostales y críticas de estos a cultos afro. Hay innumerables casos de homofobia y racismo.

Es interesante pensar que en las redes también se puede evidenciar lo que hay de bueno y de hecho también en un movimiento de mayor reflexión acerca de temas sociales, tal cual se puede tener en otros tipos de comunicación, aunque eso se trate de algo más

personal.

Eso significa que “hacer público”, “poner en común” o compartir en el lenguaje de las redes sociales más populares, temas sobre las “diferencias”, aunque sin estar en presencia física, no garantiza que no existirá conflicto. Es muy común en las redes sociales brasileñas, encontrar innumerables casos de ofensas a minorías, y/o personalidades que hicieron alguna acción que “cayó mal” por causa de la moralidad en la sociedad brasileña, incluso situaciones que generaron rechazo por parte de la justicia, especialmente en el ámbito laboral y electoral, esta última en algunas ocasiones muy opresoras de acuerdo, por ejemplo, a quién se dirigen los insultos.

Sin embargo, puede ser una interesante estrategia, en un escenario en que cada vez más se conectan los ambientes privados y que de ahí son emitidas la mayor parte de las “declaraciones” públicas en las redes sociales, “Intimidad pública”, como señala Winocur (2012:2).

Es importante tomar como referencia un pensamiento sobre la casa moderna y su necesidad cada día más urgente de estar “conectada”. El autor Morley revela que su visión de casa con acceso a las tecnologías pasó por un cambio significativo, pues antes de tener acceso a estas, era tan sólo un complemento y hoy hace parte de la casa (Morley, 2007:142).

Morley revela que la casa funciona como un equilibrio entre el acceso instantáneo al mundo exterior, dotado por la seguridad y tranquilidad personal, en referencia a Margareth Morse, el autor trabaja con el concepto de “autonomía de la individualidad protegida” (Morley, 2007:144). Se relaciona la casa con el espacio privado conectado, que ahora posibilita el “estar en público” pero protegido, o con algún grado de protección.

El autor, que tiene como base el uso del celular, también trae a la escena el concepto de la “comunidad móvil cercana”, que consiste en que los usuarios tienden a usar la tecnología, no tanto para trascender distancias, pero sí para redes de comunicación más cercanas que escapan a los modos convencionales de controles territoriales (Morley, 2007:152),

Es decir, para comunicación con aquellos que ya se comunican frecuentemente o que tienen intereses comunes, mucho más que por las relaciones que caracterizan distancias físicas propiamente. Teoría ésta que permite ir más allá del propio uso del celular, como menciona el autor, en el sentido de pensar en la espontaneidad con que los usos sociales de esas nuevas tecnologías de comunicación pueden recrearse frente a las relaciones sociales; en el caso de las redes por aquello que puede ser moralmente condenable frente a aquello que no lo es.

Entendiendo así, como espaciamiento de los modos convencionales de control territorial, mucho más que apenas distancias físicas entre individuos que viven lejos, pero entre mundos socialmente distintos a veces en sus propias comunidades.

Con esa línea de reflexión, el antropólogo Roberto DaMatta ya identificaba que en Brasil, la casa y la calle son más que lugares físicos, son espacios donde se puede juzgar,

clasificar, medir, evaluar y decidir sobre las acciones, personas, relaciones y moralidades. Lugares que se complementan mutuamente y ambas complementadas por el espacio “del Otro” (DaMatta, 1986:33).

Esta relación muy evidente en Brasil muestra una sociedad en que las subjetividades entre lo que es privado y lo que es público, se forman de maneras intrínsecas e interconectadas, con una leve línea que separa los espacios privados de los espacios públicos, una línea sutil, que tiene márgenes cada vez más frágiles, dónde es muy poco usual que la vida privada consiga no estar presente-evidente en el público.

Teniendo en cuenta la idea de hibridación de Néstor García Canclini, una vez que ella nace del principio de la mezcla e intersección entre lo popular y lo “culto”. No se considera lo privado (casa) y lo público (calle) como culto – no culto o viceversa, sin embargo se busca hacer un paralelo con la idea híbrida, en que los lugares se mezclan, ya no están perfectamente delimitados, pasando así a contemplar amplias zonas fronterizas (García Canclini, 2000).

En este sentido, la idea de DaMatta acerca de la sociabilidad brasileña entre lo público y lo privado, es semejante a la idea híbrida de Canclini. Entonces es posible pensar que la sociedad brasileña vive una doble referencia a una nueva forma de sociabilidad, una explícita visualización de lo privado en lo público, como referencia para una nueva forma del sujeto de ponerse en evidencia en el social-público.

Si ya era característica de la cultura brasileña una evidente exposición de las particularidades del sujeto como forma de “popularidad” social, las redes sociales son ahora una puerta casi esencial para aquellos que viven intensamente el modo popular de esa sociedad.

Entonces se piensa que el sujeto moderno, inserto en la sociedad brasileña, viviendo de esa doble necesidad de exposición, tiene en la red social una herramienta importante para innumerables vertientes de su vida, especialmente la laboral, académica y política. Por lo tanto, se plantean estas necesidades de sociabilidad, también al referirse a la “zona de ideas y moralidades”, entre aquello que es de la “calle” y de orden “público”, para con aquello que es de la “casa” y de orden “privado”, esa forma de relación se refleja también para el orden político y moral.

Las demostraciones de posiciones políticas y morales cuentan abiertamente, en ese sentido, con el apoyo de sus seguidores, pero también con la negativa de aquellos que están en desacuerdo con los posicionamientos involucrados, especialmente acerca de temas comúnmente polémicos. Se entiende así que las redes sociales en Brasil asumen un punto esencial de un espacio “privado” complementado fuertemente por el espacio “del otro” al que se refiere DaMatta.

Los datos sobre el uso de las redes sociales por los brasileños, demuestran una cantidad de horas de acceso superior a la media mundial¹, a una mayor posibilidad de éxito

1. Según el instituto IBOPE (Instituto Brasileño de Opinión y Estadística) el brasileño es el campeón en el uso de las redes sociales, cerca de 44 millones de brasileños hacen uso del Facebook, al menos una vez al día, (<http://olhardigital>).

de campañas políticas, de ventas y de publicidad, así como de negativas en este sector.

Por su complejidad y por sus datos estadísticos, ponen la sociedad brasileña como una de las más interesantes, para todo el estudio y experiencias para aquello que es novedoso en el ámbito tecnológico-comunicacional, positiva y/o negativamente.

Estas redes sociales representan “la calle” para el sujeto, sin embargo hacen parte de “la casa”, pensando en la concepción de García Canclini, son como “lugares de intersección entre lo visual y lo literario, lo culto y lo popular” (García Canclini, 2000:336); o sea, un lugar donde hay mezclas de mundos un tanto antagónicos, pero donde uno no existe sin el otro. Una mezcla de reglas consideradas de ámbito privado que pasan a ser permitidas también en la esfera pública.

Una vez que es concedida la autorización moral, y el no rechazo masivo de la práctica de esas reglas privadas en público, la calle evidencia sus características más fuertes de ser un lugar lleno de clasificaciones, mediciones, evaluaciones, moralidades y extremadamente importante para la sociabilidad, frente a un cuadro de relaciones sociales poco estables. (DaMatta, 1986).

Entonces, las redes sociales híbridas pueden rediseñar los campos de actuación de nuevas políticas públicas, especialmente en el sector de comunicación, porque están próximas y pueden servir como canales de comunicación entre Estado y Población.

Se entiende entonces que, lejos de presenciar un armónico diálogo progresivo para temas polémicos sobre la ciudadanía y política en general, la falta de consenso y de esclarecimiento progresivo sobre temas complejos, se reflejan en la forma con que esas divergencias aproximan o alejan a los individuos, también en las redes sociales.

Hay casos ya estudiados y evidenciados, como el rechazo brutal a los cultos y religiones afrodescendientes, que ponen a la sociedad brasileña en evidencia negativa, apoyada en suma por grupos neopentecostales y económicos de fuerte actuación en el país. En estos casos las redes sociales funcionan como un fusible inicial de innumerables declaraciones “cercanas”, a la falta de respeto para con lo que es divergente.

Grupos que poco o nada, están dispuestos a percibirse como parte de una sociedad diversa, de un organismo mayor que aquel al que pertenecen debido a sus creencias e ideologías, disponen de argumentos y hasta apoyo en normativas legales, para influenciar puntos de vista degenerativos para con los que son considerados diferentes.

Aquello que debería, en un estado laico, pertenecer a la orden privada de derecho, pasa a ser evidenciado y proclamado como una orden que debe cumplirse con supremacía. En las redes sociales es posible percibir esa tendencia de forma individualizada, una moral individual, formada a partir de un colectivo que se propaga también de acuerdo con las redes de sociabilidad creadas en ambientes off line.

Como el ejemplo que muestra la autora Adriana Braga, en su reflexión “Sociabilidades

uol.com.br/noticia/40875/40875) y pasa en media doce horas y trece minutos por mes en la red, eso pone al país como potencia en la creación de herramientas laborales y de publicidad con el uso de las redes sociales, incluso LinkedIn y Twitter. (<http://www.beecreative.com.br/brasil-lidera-lista-mundial-de-acesso-as-redes-sociais/>)

digitales y la reconfiguración de las relaciones sociales”, cuando se refiere a los procesos políticos y campañas virtuales en Brasil, la misma señala, a través de la teoría de sociabilidad de Georg Simmel, que eliminando lo que es personal y objetivo, la sociabilidad “crea un mundo sociológico ideal” donde el placer del individuo está implicado en el placer de los otros (Braga, 2011:99).

En este sentido existe la objeción de la idea de “falta de compromiso político” de la juventud brasileña, un argumento muy común, tanto por parte de los políticos como de la academia más ortodoxa. Una vez que el estudio identifica entre otras cosas que sí existe el compromiso, pensado como una forma distinta de la convencional movilización, entendida como la forma más mundialmente conocida de grupos organizados y colectivos en las calles por ejemplo.

El compromiso en ese caso revelado por Braga, es realizado a partir de otra forma de pensar, por un sujeto típico de una sociedad individualista, que se moviliza en la participación colectiva a partir de otras lógicas, que se articulan con sus intereses y su modo de vida (Braga: 2011, 102-103) y que los conflictos también pueden ser una poderosa fuerza de agregación social, definiendo un “nosotros” que se constituye justamente en la oposición a “ellos” (Braga: 2011, 101).

O sea, el conflicto asume un significado opuesto de aquello que se presenta normalmente como “segregación social”, es casi como si de forma más comfortable, fuera dicho, “aquí estamos y así pensamos”, entonces el usuario pone sus opiniones pero “entiende” que la individualidad está inserta subjetivamente con un valor en el mismo nivel de derecho que lo que se proclama.

Las cualidades de los amigos de ser *cool* (*buena onda, legal, boa praça*) y *trusty* (confiable) mantienen las relaciones sociales de forma cordial, aunque sea entre desconocidos.

El modo de hablar formal y frío puede ser interpretado como arrogancia y grosería, entonces las relaciones en las redes sociales son “personalizadas” superficialmente (Braga, 2011:102). Lo que no quiere decir que no haya insultos, reclamos, descalificaciones en la red, al contrario ellas existen, pero son realizadas de forma “cordial”, atacando el objeto de crítica, pero evitando tornarse arrogante frente a los demás.

Hay innumerables casos de personas públicas que responden de forma negativa a los posicionamientos no cordiales, aún aquellos que adherían a las ideas postuladas. Si las mismas no son subidas a la red pública de forma “cordial” la tendencia es de rechazo, no de lo dicho, pero sí de la forma como se evidencia.

Esa moralidad, se presenta como una forma de crear un “yo” más aceptado, más convincente delante de los demás. Aunque ese “yo” sea performático, representa la posibilidad de reconocimiento social, mediados con herramientas disponibles de formas distintas en conformidad con la red social en que el usuario está inserto.

En este caso, en Facebook, la cantidad de *curtidas - me gusta -likes y/o* compartidas que determinado *post* adquiere, puede ser indicador de esa popularidad, de esa aceptación

masiva o restricta, que para la amplia mayoría de sus usuarios, sirve como la oficialización y aprobación de la idea que consta en el *post*.

Se crea una correlación entre ese indicador numérico, con la sensación de aprobación y aceptación del sujeto. Como si, por la cantidad de curtidas – me gusta- likes le fuese posible al sujeto imaginarse más amado o menos amado, y donde se encuentra una lógica que afecta directamente el popularmente conocido *ego*. Cantidad esta que hace que el sujeto tenga la falsa idea de aprobación, de seguridad en relación a su personalidad, fortalece su imagen positiva, esta acción sólo refuerza su necesidad de aprobación del público a largo plazo.

Como se mencionó anteriormente, la autora Siliba trae esa noción de que como forma de aprobación, reconocimiento, una especie de consistencia y aprobación, los autores tienden cada vez mas ubicarse en sus obras, de igual forma los nuevos “autores” virtuales (de sus propios personajes) tienden hacer el mismo camino, “habitar” el imaginario espectacular y, de ese modo, parecen volverse curiosamente más reales que la cotidianidad, transmutan en aquello que se ha dado en llamar celebridades” (Siliba: 2008:263).

En el medio social, esta lógica, puede reaccionar como forma de evidenciar y fortalecer algo que ya hace parte del *status quo*, así como puede reaccionar con una moral más progresiva y nueva, por lo cual el sujeto puede “tornarse” una persona más “agradable” y aceptada delante de un grupo mayor de personas, cuando demuestra ser *quien sí es*.

Mucha de esa aprobación puede depender de la proyección inicial de los temas involucrados.

Un ejemplo de esa posibilidad de no mantenimiento del *status quo*, está en el caso de la polémica del casamiento igualitario y de los derechos LGBTQ.

En un primer momento en las redes se asume un discurso conservador de orden público en la mayoría de los medios de comunicación de masa (con progresiva pero muy limitada tendencia progresista), así las manifestaciones virtuales seguirán la tendencia, al propagar de forma negativa el tema, considerando la cantidad de usuarios que se involucra con el tema y positiva por un activista de la causa.

En un segundo momento, esa situación cambia de posición. Cuando el tema pasa a ser tratado de forma distinta por algunos órganos oficiales y parte de la prensa, parte de la bancada política que lucha a favor de políticas de inclusión LGBTQ y que “levanta la bandera” y propaganda mediática, antes o simultáneamente por su forma dinámica en las redes sociales, fue percibida una expansiva abertura para con la posibilidad de “emancipación” por lo menos virtualmente, de la comunidad LGBTQ.

Lo público fue influenciado por lo privado, en una lucha de derechos privados que surgen como acción política y de igual forma, trae para la enseñanza, a aquellos que deban actuar y actúen políticamente en contra de los mismos derechos, demostrando la fragilidad de la laicidad de parte de la clase política y del Estado en Brasil.

Ese movimiento en las redes sociales, también exhibe con mayor flexibilidad, no tan sólo a aquellos que lo apoyan, sino a aquellos que lo niegan y por esta razón es posible

identificar mejor a los personajes del juego moral, que antes eran poco visualizados.

Si antes era posible crear una moralidad condenatoria por grupos específicos, que se establecía en nombre de una divinidad o creencia, ahora, aunque permanezcan tales posibilidades, éstas empiezan a ser cuestionadas por una parcela muy evidente de la población.

La certeza en relación al “orden” condenatorio en el discurso del amor y sus derechos toman proyecciones más extremistas, donde los que defienden sus moralidades, nunca tuvieron tanto éxito, recursos financieros y políticos para sus defensas, como también nunca antes tuvieron tan gran objeción a sus ideas.

Aunque no sean recientes las cuestiones, con esa argumentación se destaca que, el debate tomó proporciones y posicionamientos que antes no eran posibles, debido a la poca o insignificante defensa de aquellos que no están de acuerdo con la moral que sigue vigente.

El grupo LGBTQ, en general hace uso de las redes, como forma de diseminar su versión de las cosas.

La antropóloga Rosalía Winocur evidencia en “Robinson Crosoe ya tiene celular: la conexión como espacio de control de la incertidumbre”, cómo el uso del celular y de las redes de sociabilidad están intrínsecamente relacionados a las “incertidumbres” de los jóvenes frente al mundo como un lugar ilusorio donde es posible el control de la incertidumbre. (Winocur, 2009:15).

La red asume la posibilidad de sentir menos incertidumbre en relación a la aceptación colectiva, pues permite estar en diferentes grupos simultáneamente, sentirse más aceptado, más amado.

En la red estos sujetos pueden representar, expresar y/o crear *personificaciones* de forma más autónoma, así como también pueden “rechazar” los sentimientos y amigos que no les agradan, lo que necesariamente no pueden hacer en el ámbito público, sin consecuencias visibles a todos los demás.

Como ejemplo, uno de los proyectos rechazados fue “Escola sem homofobia”, y es justo en las escuelas que los sujetos en general, necesitan aprender a vivir con la presencia de aquellos que no les agradan también, y todo el aparato simbólico de los “juegos de popularidad”, que pueden ser mucho más “fáciles” o “menos dolorosos” en la red social, lo que no significa afirmar que no hay sentimientos en la red, pero sí que estos pueden ser exaltados o amenazados de forma menos evidente que en la vida real (Caglioni, Delagnolo, 2013:38).

Aunque en muchos casos, esa *performance*, como señala Winocur, puede parecer como “ilusiones”, éstas en alguna medida pueden ser necesarias, para la construcción subjetiva de estos sujetos, con deseos propios y aceptados socialmente (Winocur, 2009), pero también es claro que no siempre eso es revelado plenamente.

Entonces, el individuo frente a su incredulidad construye una imagen pautada en

el saber del otro, construye una dimensión particular narrada como un usuario en la red, que les permite flexibilizar la cultura dominante, o sea, no está absolutamente “dominado” (Thompson, 1995), teniendo como posibilidad la no presencia física, por lo tanto puede permanecer en la “seguridad y tranquilidad” del espacio privado, del usufructo de una “autonomía de la individualidad protegida” (Morley, 2007).

Así, pensando en el inminente conflicto generado entre lo que es dominante frente a lo “diferente”, puede tener su poder de “fuerza” amenizado o “exaltado” con sus nuevas formas de lenguaje, pero que sin embargo permanezca restringido al momentáneamente social compartido.

Defendemos que la posibilidad de control de la emisión del mensaje también puede ser usada para dar voz a aquellos que se sienten desfavorecidos por los medios dominantes.

En este caso la comunidad LGBTQ, puede hacer uso de las nuevas tecnologías sociales, no sólo para demostrar sus versiones del mundo, como también para poner su condición de humanos, merecedores de todos los derechos y deberes como cualquier otro ciudadano, sin privilegios, pero con respeto.

El control situacional que las redes sociales representan, resulta en una sensación de menor incertidumbre que las relaciones físicas, así, la condición del sujeto moderno de “desmembrado de ideas” y “portadores de un vacío” que buscan ocupar en otro, de querer sentirse amado, gana un espacio para vivenciar emociones y ocupar ese lugar faltante. Estar en la red y ser mirado en ella, representa la aprobación social, el sentimiento de pertenecer a un grupo-sociedad, aunque eso no significa decir que sea sencillo y sin problemas.

Según esa racionalidad, esa condición, es evidente tanto para con grupos que luchan por derechos LGBTQ, como para con aquellos que propagan razones contrarias a estos, sin embargo parece claro que esa posibilidad asume una importancia para el sujeto de la comunidad LGBTQ, mucho más trascendental, en el sentido de viabilidad para el cambio de su situación.

En este caso la visibilidad virtual, toma proporciones evidentes en una sociedad en que la sociabilidad entre la Calle y la Casa se complementan. (DaMatta, 1986). Lo que se ve en la red social, también es tema para charlas y acciones afuera de ella.

Se puede hacer uso de la expresión “mezcla” porque hay una intersección, un híbrido como se refiere García Canclini, entre la sociabilidad y la incertidumbre que menciona Winocur, o sea, tenemos simultáneamente una mezcla entre las nuevas posibilidades de sociabilidad, que pueden ser usadas para ponerse en evidencia y otras tantas opciones. También puede presentarse en el perfil las incertidumbres del sujeto, un único perfil puede presentar estas características.

Al tiempo que, justamente los individuos que tienen menos aflorada la concepción de que los otros son los que dictaminan si son o no populares, y/o eso a veces ni siquiera importa, están sujetos a esa idea de sociabilidad e incertidumbre.

Pensamos que el mundo interno, aquel de los pensamientos del individuo, sufre

secuencias de informaciones acerca de las personas con quien vive una relación off u on line que va un poco mas allá de lo real vivido.

Como bien expone Winocur: “De ahí la importancia de abordar la relación con Internet y el móvil más en su carácter existencial que instrumental: como escenarios simbólicos constituidos de nuevas formas de sociabilidad y entretenimiento, como espacios reales e ilusorios para fijar el *lugar* - en el sentido antropológico – amenazado por la dispersión y la deslocalización del ámbito doméstico, y como un recurso para sostener, acercar y reinventar la presencia de *los nuestros* y de *los otros*. (Winocur, 2009:14).

Pensamos entonces, que el control de la incertidumbre, como territorios imaginarios, crean una sociabilidad. Un entendimiento, acerca de las relaciones, de la forma con que se dan, una sociabilidad que permea la forma con que se crea internamente una relación social.

Es como si a los individuos, fueran a salir a la “calle” para interactuar con un mundo de acontecimientos reales pero usando herramientas virtuales como formas para expresar, para influenciar al mundo social fuera de las redes sociales. O sea, las herramientas que la red posee, suelen ser posibilidades de interacción, que permiten a los usuarios hacer cosas, que probablemente, en su mayoría, no harían de otra forma. Una red de acciones creadas y/o influenciadas por la imaginación proyectada del propio usuario, para con aquellos que mantienen contacto en la red.

Eso significa, plantear que a través de la sociabilidad y de la incertidumbre, los usuarios también se comportan de acuerdo con su propia proyección, incluso acerca de sus miedos.

Esto es algo que se profundizará en el próximo capítulo, donde se exponen las entrevistas con usuarios y su relación con las teorías.

Sin embargo, es claro que no se puede olvidar que los individuos no son sólo sus proyecciones, también hacen parte de uno o más grupos sociales, que tienen cultura y por lo tanto, lo que está en la red también tiene influencia y puede influenciar fuera de ella.

Es evidente cuando se piensa en un grupo de individuos socialmente diferenciados, que el poder de voz y la importancia que determinados temas asumen políticamente, como un *post* referente a la condición de un individuo marginalizado en la red social, es de gran importancia para el grupo, que quizás es para aquellos que exponen versiones ya convergentes con el socialmente común y apoyado por otras plataformas mediáticas.

En este sentido se plantea que las redes sociales se tornan mecanismos de extrema importancia para la actuación y el pensar en lo social. Dentro de sus posibilidades estas pueden asumir un lugar de reivindicaciones o descontentos, no previstos en su primer momento y poner en público el debate sobre las diversidades sociales de los “desmembrados” sujetos modernos.

Esos sujetos acostumbrados con la información jerárquica, pueden ahora asumir para sí, un poder de comunicación que abre la posibilidad de propagar ideas y sentimientos socialmente no dominantes, que torna a las redes sociales en una posibilidad comunicativa

que influencia como tal vez ningún otro medio hasta entonces, de forma muy individual la dimensión social de los sujetos posmodernos y sus sociabilidades.

ACTIVISMO VIRTUAL: CREACIÓN COGNITIVA DE NUEVAS REALIDADES

Antes de entrar en el universo particular de la práctica del ciberactivismo, es necesario comprender mejor los estudios acerca del ciberespacio y de la cibercultura. Para eso, se parte del entendimiento que las tecnologías sirven como una extensión de la vida en el espacio virtual y no una cosa aparte de la realidad física, o sea, cuando tratamos de pensar en las prácticas en las redes sociales, no debemos pensarlas como algo desde afuera de la sociedad, sino exactamente un punto de ella, cada día mas importante en las relaciones sociales..

Esto es lo que defiende el autor Pierre Levy cuando expone que *“a técnica é um ângulo de análise dos sistemas sócios-técnicos globais que enfatiza a parte material e artificial dos fenômenos humanos, e não uma entidade real que teria efeitos distintos e agiria por vontade própria”* (Levy,1999:17). El autor aún recuerda que cualquiera que sea la actividad humana, aborda tres factores: personas vivas y pensantes, entidades naturales y materiales, ideas y representaciones.

Es decir, la acción ocurrente en el ambiente virtual también tiene esas características, pues al final se trata de instrumentos manipulados por humanos de acuerdo con sus intereses. Otro aspecto interesante de estudio es una nueva dimensión de “lugar” que el ciberespacio ofreció para los individuos. Un lugar donde los límites todavía no están muy claros, ni para lo que es aceptable, ni para lo que no lo es.

Es innegable la superación de las fronteras del espacio al hablar de tecnologías virtuales, pero el tema aún es polémico entre algunos *“autores que defendem que as verdadeiras ações coletivas estão baseadas em relações face-a-face”*. (Rigitano, 2003).

Lo que ocurre hoy es que, aunque las relaciones virtuales son juzgadas como más superficiales que las relaciones “cara a cara”, la posibilidad de una persona de perpetuar e interrelacionarse en la red, incluso con relaciones de intensidad emocional y gran importancia social para su vida, son cada vez mayores.

Independiente de la corriente de pensamiento, el activismo por alguna causa, también encontró un espacio de acción en el mundo virtual. Así como las relaciones de sociabilidad cotidianas off line, incluyen la posibilidad de relaciones de militancia y/o defensa de ideas, el mundo virtual hoy está bombardeado por ellas, fácilmente las encontramos en períodos de marchas sociales y/o períodos electorales.

En Brasil eso no es distinto, quizás es un proceso aún más intenso, si se consideran los datos de cantidad de usuarios que tienen distintas redes sociales en el país, y el promedio de horas que permanecen conectados a estas redes.

Aptos a contraponer y presentar su insatisfacción ante la dinámica social vigente, el ciberactivismo perfeccionó sus medios tradicionales de comunicación y adhirió a las redes creadas en Internet. Un movimiento que encontró en los blogs una herramienta de actuación y hoy se extiende especialmente por las redes sociales, con mayor o menor

fuerza en conformidad con lo que la propia red permite, sea por cuestiones técnicas, sea por su popularidad.

Las reivindicaciones políticas de los movimientos sociales de identidades son expresión de luchas por reconocimiento, o sea, están en el ámbito de las demandas por legitimación social del derecho a representación, a la identidad y a la diferencia, en un contexto de economía global de informaciones, de intensificación de la hibridación cultural y de una nueva consciencia reflexiva de los “Otros”.

Es necesario recordar que las antinomias entre igualdad y diferencia, individuos y grupos, no parece productivo para la comprensión de las disputas identitarias por reconocimiento entre sujetos y entre grupos diversos, ya que, como muestra Joan Scott *“identidades de grupo definen individuos e renegam a expressão ou percepção plena de sua individualidade”*. (Scott: 2005: 15).

Las profundas transformaciones tecnológicas, especialmente en el ámbito de las comunicaciones y de la prestación de servicios, provocaron un completo redimensionamiento de nociones como tiempo y espacio y cambiaron significativamente los parámetros de actuación política en las esferas locales, nacionales y globales.

El acceso a las redes sociales asumió un lugar importante entre las formas de participación política y en muchos lugares o límites y las posibilidades del ejercicio de la ciudadanía y de la garantía de los derechos humanos están profundamente marcados por la posibilidad de denuncia de violaciones y reivindicaciones por medio del activismo digital, que permite movilizaciones globales relativas a las demandas nacionales y muchas veces específicas de las dinámicas sociales y cultural de grupos con pocos recursos materiales y políticos para resistir a la opresión que los alcanza de manera radical.

La organización en red también está fuertemente influenciada por las nuevas tecnologías de información y comunicación, que posibilitan el contacto instantáneo entre individuos y grupos, disminuyendo la necesidad de interacción “cara a cara” como prerequisite para la actuación colectiva, en contexto de una sociedad civil cada vez más globalizada e intercultural.

El uso recurrente de herramientas tecnológicas de comunicación en el activismo social también puede reforzar otra tendencia ya observada en los movimientos sociales, que es la reducción del número de militantes vinculados a grupos organizados de la sociedad civil.

En un escenario de actuación política virtual creciente, una tendencia cada vez más común es que los individuos consuman muchas horas de actividad militante en participación en listas, foros de debate y comunidades sociales, intentando ampliar el universo de aliados de sus banderas políticas, lejos de las manifestaciones públicas presenciales.

Para Adriana Braga (2011) esa es una posición muy común de los agentes virtuales en Brasil, una tendencia de comportamiento de sociedades individualistas.

Para reflexionar acerca de la actuación en pro de causas sociales, especialmente la LGBTQ, se realizaron entrevistas a militantes que tienen una participación activa y militante

en la red social Facebook, en sus comunidades, en el periodismo y en la academia.

Uno de los entrevistados fue el periodista Raúl Fitipaldi, 58 años, uno de los fundadores de la Cooperativa de Producción en Comunicación y Cultura que coordina el sitio virtual *Desacato.info*¹, con expresiva actuación en muchas partes de América Latina, y teniendo participación de pensadores sociales de varios países, aunque con sede en la ciudad de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, y con soporte de una red de contactos originada en la *Universidade Federal de Santa Catarina*.

En la sede de la cooperativa de comunicación, Raúl expuso acerca de cómo se encuentra la tendencia de militar en Internet, hoy en Brasil, uno de los países con los mayores monopolios de comunicación masiva del mundo. En esta entrevista se le preguntó cómo se siente al subir a la Red y en el sitio fotos, caricaturas, frases, material informativo diverso o de imprenta que coinciden con sus argumentos, él nos da el tono de su profesión, sin dejar de evidenciar su personalidad:

“As atividades de edição relatadas me satisfazem no sentido de que nosso portal constitui uma janela mais para outra visão da notícia, da informação e do pensamento, necessária à pluralidade de idéias, sufocada pela mídia mono e oligopólica. De modo que cumpro, como jornalista, e de maneira coletiva, o pressuposto central da minha profissão: informar, educar, formar, e mais, com independência.”

(Raúl Fitipaldi)

Así, como un abordaje de pro-difusión de información en contra de los oligopolios mediáticos evidentes en Brasil, el periodista afirma que a pesar de las críticas, percibe el desarrollo que puede asumir la militancia virtual, para aquellos que visualizan modos diferenciados de interpretar y vivir en sociedad. Como ciudadano y periodista, Raúl encuentra en la red (portal, Facebook y twitter) una forma de poder de expresión y de ejercicio de su profesión de acuerdo con sus premisas éticas y morales. Aunque eso no significa una relación de trabajo sin presiones de grupos afectados por las informaciones dispersas y/o con ideas contrarias.

“O surgimento das redes sociais alterou o quadro hierárquico institucional, porque suas grandes pautas intervieram na agenda política, assim como na visualidade das instituições.” (Oliveira, 2012: 3).

Es decir, Raúl plantea que hay un espacio de influencia de lo que en las redes sociales toma proyecciones como imaginario social en la esfera pública - como dijo el autor José Aparecido de Oliveira - en el estudio “Redes sociais e participação política na esfera pública”.

1. <http://desacato.info/>: Además del sitio *Desacato.info*, la CPCC produce otros canales de comunicación que da soporte al portal: Boletín *Desacato* pasa la revista, con el resumen semanal de los temas que tuvieron mayor relevancia en el Portal, *Desacato* Facebook, que anuncia en tiempo real los artículos publicados en *Desacato.info*., y el @*desacatobrasil*, las llamadas en twitter direccionadas a periodistas y multiplicadores de opinión, con el anuncio de artículos publicados en *Desacato.info* e informaciones de interés al público, además de la transmisión de radio y tv web de interés social. (esta descripción está disponible en el sitio web de la cooperativa.)

Aunque es siempre necesario estudiar más profundamente lo que pasa en cada situación. Las últimas elecciones presidenciales en Brasil, muestran que hubo una campaña masiva en las redes sociales, si bien con muchas situaciones todavía no esclarecidas, pero acusaciones y posicionamientos compartidos que no necesariamente contribuyeron al debate, sino solamente para la propaganda negativa de los principales candidatos. Pero también, declaraciones de candidatos fueron expuestas en la red con característica de debate y rechazo, especialmente, en situaciones como las del candidato Levy Fidelix² de la extrema derecha. Aunque nunca fue un candidato con grandes posibilidades de ganar, obtuvo una mayor votación tras un discurso homofóbico.

Ya el personaje popular conocido por Dilma Bolada³, un personaje creado en la red facebook, caricaturizado en la entonces candidata Dilma, es un personaje que trata con mucho humor las cuestiones involucradas a Dilma. Este personaje alcanzó niveles de popularidad en la red que llamaron la atención de todos los profesionales de publicidad, de marketing y de prensa. Realizó un movimiento positivo cuando estuvo relacionado a la candidata Dilma Vania Roussef, que obtuvo beneficios de esa popularidad en su primer mandato. El éxito del personaje se sumó a algunos éxitos previos en las elecciones, aunque en el período oficial de la campaña no pudo permanecer “al aire”.

Con esa perspectiva de influencia posible de la red, tanto Raúl como los demás entrevistados, que siguen esta reflexión, contemplan la posibilidad de mayor divulgación y reflexión acerca de los temas que se proponen subir en sus páginas, especialmente por su carácter argumentativo y por la aún vigente posibilidad de los grupos que no hacen parte del pensamiento vigente y que tengan algún espacio público para sus expresiones:

“Sob esse prisma favorável, a Internet é vista como “revigorante” da esfera pública política argumentativa, uma vez que concede expressão a vozes marginais, sem as barreiras da censura governamental ou interesses das indústrias de entretenimento e informação (...) e por que oferece possibilidade de reciprocidade discursiva advinda da esfera civil” (Oliveira apud Allan, 2012:4).

Con el visible agotamiento de las políticas tradicionales (credibilidad política) de las formas como se hace política, lo que más bien se presentan son condiciones nuevas para la acción social colectiva, donde cada vez más la cultura define la política. (Valderrama: 2008).

El geógrafo y profesor universitario de la *Universidade Federal do Paraná* y de la *Universidade Estadual de Londrina* (en el estado de Paraná, también al sur de Brasil) Nilson César Fraga de 43 años, se autodenomina un involucrado con la actuación militante relacionada con sus objetivos intelectuales y sentimentales, relativos a los temas que sube en la red, en este caso a temáticas que lo involucran especialmente con la política

2. Levy Fidelix murió en abril de 2021 como uno de los mayores nombres del conservadurismo brasileño. Levy Fidelix tem votação recorde após discurso homofóbico: <https://br.noticias.yahoo.com/levy-fidelix-tem-vota%C3%A7%C3%A3o-recorde-ap%C3%B3s-discurso-homof%C3%B3ico-235111319.html>

3. Perfil del personaje Dilma Bolada: <https://pt-br.Facebook.com/DilmaBolada>

brasileña, la historia y los derechos humanos.

Al preguntársele acerca de sus emociones y razones, al subir material que expresan causas, ideas, defensas de derechos sociales, contestó:

Sinto como se estuviese atuando políticamente, isso desde o advento do Orkut⁴, quando já mantinha um grupo de debates e informações, nesse caso, sobre a Guerra do Contestado, tema político secular para os brasileiros e, isso, se mantém no Facebook. Mas, além dessa questão que é política e acadêmica, também faço postagem de conteúdos políticos, geralmente voltados aos personagens atuantes na política centro-esquerda do Brasil, sobremaneira, dos governos de Lula e de Dilma, fazendo uma contraposição aos interesses da mídia nacional que possui um caráter ideológico vinculado aos grupos dominantes de direita, isso desde antes da última ditadura, a de 1964. Mas uso o Facebook para divulgar os escândalos que envolvem os partidos de centro-direita e direita brasileiros, pois estes também são poupados pela mídia golpista que atua fortemente desde mais de quatro décadas, notadamente, o PSDB, do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e seus aliados, que governam Minas Gerais e São Paulo e, são responsáveis por numerosos crimes de corrupção no Brasil. Assim, posso dizer que me sinto na obrigação de fazer tais denúncias, pois como cidadão e educador, tenho tal compromisso com os mais de 3.800 “amigos” do Facebook, que me acompanham.

(Nilson César Fraga).

Nilson, hace parte de una clase media, que apoya a los gobiernos de centro izquierda recientes de Brasil. Una clase media intelectualizada con poder de consumo, que apoya ideas, políticas públicas y programas gubernamentales que buscan la reducción de la desigualdad económica, de género, de etnias y del manejo de la política por los grupos tradicionales. Una clase que tuvo crecimiento participativo, económico y que venía en decadencia por el neoliberalismo de los años noventa.

Una interesante reflexión acerca de la creación de otras bases sociales en Latino América, fue expresada por el antropólogo Eduardo Nivón Bolán: “El camino del pluralismo cultural en América Latina se abrió a través de la superación de la diversidad negada por el estado liberal y de la cancelación de la idea de que sólo era posible un solo camino hacia el desarrollo.” (Bolán, 2011:30).

Pues fue justamente en el inicio en la década de los noventa que surgió el ciberactivismo, motivado por la creciente adquisición de computadoras personales, novedades de la época en todo el mundo, y que conoció esa posibilidad expresivamente en la militancia que se dió en el movimiento Zapatista de México, que ganó los noticieros globales.

Así como en su surgimiento en México, tanto Fraga como Fitipaldi evidencian la intención de que haya una posibilidad de un nuevo abordaje de la comunicación,

4. Orkut es una red social, creada en Estados Unidos, en 2004, por un empleado de la empresa Google, llamado Orkut Büyükkökten, con el objetivo según la propia empresa de ayudar a sus usuarios a crear amistad y mantener sus amistades existentes.

especialmente para con los temas y versiones no difundidas por los grandes medios masivos ya establecidos.

Según Oliveira (2012) las interpretaciones recientes dan cuenta que nuestras tecnologías de comunicación cambian algunos aspectos, y no la totalidad de los campos sociales tradicionalmente establecidos. De igual perspectiva Braga (2011) expone que el militante brasileño en general es alguien que piensa individualmente, con miradas aunque discursivamente colectivas, apoyadas en sus experiencias, de perspectiva próxima con lo que nos evidencia Morley (2007) sobre la autonomía de la individualidad protegida.

Lo que podemos notar es que, en general, el militante virtual brasileño, tiene la tendencia a ser muy activo en el ciberespacio, defendiendo muchos temas, incluso algunos de manera muy progresista, sin embargo, muy poco o rara vez deja el “discurso” y sale a la práctica.⁵

En el mismo sentido, pero de forma aún más personalizada se entrevistó al joven actor Bruno Lopes⁶ acerca de lo que siente cuando postula sus contenidos que involucran un posicionamiento acerca de algún tema social-político:

“Varia muito. Eu sempre espero atingir alguém com isso e causar uma reflexão, mas como eu sei que nem todos no meu Facebook vêem o que eu publico e que tem muita gente que vê e que já compartilha dos mesmos pontos de vista que os meus, às vezes sinto que estou fazendo chover no molhado e que só compartilhar não vai levar a lugar algum. Especialmente porque eu compartilho muita coisa de conteúdos variados, e acho que algumas vezes o conteúdo LGBT acaba se perdendo no meio das outras coisas.”

Así como los demás entrevistados, Bruno comparte contenidos diversificados en la red, no sólo de la cuestión LGBTQ, ella está presente ya con otros contenidos, más personalizados y de otras temáticas. Sin embargo, cuando se quiere llamar la atención de manera aún más evidente para el *post*, la estrategia de Bruno es ponerse en evidencia al contenido, eso es, dar una opinión más a lo que ya va a compartir.

Como complemento nos dijo:

Só que quando eu acho que o conteúdo é muito chocante ou essencial, eu adiciono um comentário pessoal à postagem (o que nem sempre faço), e aí me envolvo mais e compartilho querendo que as pessoas realmente atentem àquilo e sinto que faço parte de um movimento pra chamar a atenção a assuntos emergenciais. Ao mesmo tempo é também um sentimento de

5. En las manifestaciones del año de 2013, en que millones de personas salieron a la calle, en contra del aumento del boleto de colectivo, de denuncias de corrupción y aumento de los gastos con comida y servicios públicos, aunque se iniciaron en las redes sociales, tuvieron amplia cobertura de los medios masivos y gran apoyo de los sectores más sabastados de la población y de los opositores al gobierno. Aunque es verdad que las razones nombradas arriba, corresponden a la realidad del país en aquel momento y que la clase media sufrió las consecuencias de todas esas acciones.

6. Nombre elegido de acuerdo con su perfil en Internet y supuesto nombre artístico del actor, que tiene actividades fuertemente presentes en la ciudad de Curitiba, estado de Paraná, en el sur de Brasil, en que tiene su reconocimiento por ser el creador de la “Compañía de la alegría”, que entre sus presentaciones en teatros, visita hospitales de la gran Curitiba. En la ocasión de nuestra entrevista, estaba en Florianópolis para presentarse en un teatro

exposição de quem eu sou, de vulnerabilidade (que é, ao mesmo tempo, uma não-vulnerabilidade por ser uma forma de afirmação) porque há pessoas dentre meus amigos online que não sabem de minha orientação ou que não se importam ou são contra essas questões.

(Bruno Lopes).

Se puede percibir el cuidado que tiene Bruno, en razón de saber que la red es un espacio público y que su intimidad ahora tiene otros límites “no solo porque producimos *performances* destinadas a alimentar nuestra “intimidad pública”, sino también porque, a diferencia de como ocurría antes, donde ciertos espacios y tiempos nos indican que aquí comienza el reino de la intimidad y aquí se acaba, como el adentro o afuera de la casa o de las habitaciones, el cuerpo desnudo o vestido, o el cuerpo sano o sufriente, han

perdido mucho de su eficacia simbólica para marcar las fronteras.” (Winocur,2012:2).

Otro punto importante que trae a escena Bruno, es respecto del sentimiento de vulnerabilidad de la exposición, un efecto característico de la posmodernidad que asume proporciones muy evidentes en las redes sociales. La cuestión del sentimiento de vulnerabilidad está marcada casi como un estigma en la comunidad LGBTQ, ese sentimiento tan común y tan olvidado, debe ser pensado como un factor importantísimo para toda y cualquier justificativa para políticas públicas de defensa y protección:

“Não podemos negar ou fazer vista grossa, para as implicações éticas e políticas desses segmentos, em sua singularidade, na realidade social, marcada pelas vulnerabilidades específicas”. (Duarte, 2012: 97).

Esa vulnerabilidad indica que, aunque tenemos cierto control sobre lo que se quiere mostrar y algún tipo de control sobre quién puede estar en nuestra red, la intersección entre la vida off y on line sigue permeada por una dicotomía de querer estar en la red, mostrarse, al tiempo que es “necesario” este control tenso, administrar lo que se expresa y para quién se hace, “estamos obligados a decidir cuándo estar visibles y cuándo no, qué decir, cómo hacerlo, quién será el destinatario aparente y quién es verdadero, quién debe quedarse y quién eliminarse de nuestra lista de contactos y cómo cuidar que los que mantenemos separados en la vida fuera de línea, no se mezclen en la vida *on line*.”(Winocur, 2012:2).

Aunque aquí el usuario siente un desconcierto en el hecho de compartir, sin saber exactamente cuál es el efecto de exponer puntos de vista y temas de militancia, aun así lo hace con contenidos diversos, no levanta tan sólo la bandera en pro de los derechos y sentimientos de la causa LGBTQ, sino también de otros tantos temas sobre los que considera necesario reflexionar.

Otro punto interesante que trae Bruno es su sentimiento de exposición que le parece ambiguo, él siente un poco de vulnerabilidad, al tiempo que también que es no-vulnerable. Justamente lo que dice Winocur (2013) “el espacio virtual también puede asumir ser un espacio de incertidumbre acerca de las cosas de la vida de las personas”.

Un espacio de incertidumbre, que Internet y el celular asumen, un fuerte sentimiento de vulnerabilidad, cuándo se habla de la cuestión homosexual, (la homofobia en Brasil,

tiene cuadros asustadores) y ésto sin poder volcarlo en estadísticas, ya que, muchos crímenes no son denunciados a las autoridades, o son presentados como otros tipos de crímenes, porque no hay legislación que abarque esas características ni tampoco la policía está preparada para atender a la comunidad LGBTQ.

Aunque en algunas regiones estos actos ocurren en menor escala, como en las ciudades de Curitiba y Florianópolis, el control hace referencia a la posibilidad de identificarse en su propia narrativa, como una creación cognitiva, emotiva y lúdica.

Éste es un punto presente en todos los entrevistados. No están en la red con un solo sentido y dirección en pro de los derechos de un grupo específico, o contra las injusticias de un solo grupo, en general también están vinculados a diversos temas y versiones, acerca de polémicas e injusticias de la sociedad en que viven.

Cuando Adriana Braga, habla en su obra acerca de la característica del individualismo también en los usuarios militantes de Internet de Brasil, está haciendo referencia a la condición a que, en el perfil el individuo se halla la máxima mezcla entre la individualidad y la colectividad, característica de los argumentos de los movimientos sociales virtuales en Brasil.

En el mismo período del surgimiento del ciberactivismo en México, algunas ONGs⁷ iniciaron trabajos de divulgación con pedidos de ayuda militante y financiera, haciendo uso de los medios digitales principalmente en el intento de llamar la atención sobre sus causas (Cavalcante, 2010:37).

Esto debido a que *“a criação de novos softwares cada vez mais sofisticados e o barateamento de equipamentos que aumentou o número de pessoas com acesso à rede, abrindo ainda mais o mercado da informação e do conhecimento”* (Lévy, 1999:44).

En su análisis sobre redes y ciberactivismo, la autora Maria Eugenia Cavalcanti Rigitano, expone que uno de los principales objetivos del ciberactivismo es la capacidad de buscar apoyo y movilización para una causa; crear espacios de discusión e intercambio de información; organizar y movilizar individuos para acciones y protestas on-line y off-line. (Rigitano, 2011), como aclaran Fitipaldi y Nilson:

Temos no Portal Desacato milhares de leitores por dia. Somam-se a isso os seguidores nas redes sociais Twitter e Facebook. A razão desse respaldo crescente tem a ver com colocar de forma organizada e a serviço das pessoas essa outra informação e no fato de não ocultar o ponto de vista do veículo nem sua visão de mundo. A transparência de posição é determinante para nós.

(Raúl Fitipaldi).

Es decir, se consolida como espacio de debate, desde una perspectiva distinta de la que se encuentra en los medios tradicionales que se propone trabajar, según Fitipaldi por causa de la participación y de los números de accesos, se puede sentir un respaldo hacia lo que es publicado.

7. Organizaciones no Gubernamentales

Ya Nilson usa una de las herramientas de la propia red social y el cambio de ideas de comentarios y sus planteamientos, para tener en cuenta el respaldo de sus publicaciones.

O respaldo se dá por meio dos debates, alguns até bastante agressivos dos que possuem uma visão mais reacionária sobre temas políticos e são de direita. No caso da comunidade que controlo no Facebook, por lá consigo ter uma idéia de quantas pessoas, em média, visualizam minhas publicações acadêmico-políticas sobre a Guerra do Contestado⁸, algo em torno de 5.000 visualizações quando o tema é mais polêmico, da mesma forma, acredito que tal número de pessoas acabe visualizado minhas postagem.

(Nilson César Fraga).

Uno de los planteamientos de Nilson, tiene que ver con las reacciones de quienes tienen posturas conservadoras respecto de los temas en boga. En su decir, nombra a los “de derecha”, cuando pensado políticamente, sin adentrarse en lo que es hoy “derecha” o “izquierda” en Latino América, se puede establecer un paralelo con el hecho de que en su gran mayoría quien comenta publicaciones de la temática LGBTQ tiene reacciones conservadoras, o sea, hablan más del tema los que se molestan, que los individuos de la propia comunidad que normalmente tiene como tendencia, tan solo a poner *curtir - me gusta – like*, teniendo en cuenta que muchos prefieren no ponerse tan en evidencia.

Bruno cuando contesta acerca del respaldo de sus publicaciones, trae otros puntos más relacionados a la temática LGBTQ:

Quem acaba curtindo e comentando são sempre as mesmas pessoas ou aquelas que já concordam com os argumentos que eu apresento (ou que são apresentados no que compartilho). Volta e meia alguém “fora do meio” curte, principalmente quando é um apelo a menos violência (numa reportagem sobre crimes contra LGBTs) ou quando é uma valorização do feminino (na diminuição das diferenças).

Também que eu não mantenho como amizade virtual gente que apresente comportamento homofóbico ou preconceituoso, então a abrangência parece sempre limitada a quem já concorda comigo.

Este direccionamiento, también tiene que ver con el estilo de perfil de Bruno, más enfocado sus las causas que su propia persona, aunque para los demás, la causa LGBTQ es una de las puntas principales, pero hay también otras en evidencia.

La conclusión de Bruno, muestra lo que mencionaba Winocur, sobre elegir a quienes se tiene como contacto, se puede percibir que el actor “no permite” comportamientos homofóbicos entre sus contactos, no dejando que individuos con posturas homofóbicas accedan a su perfil. Muchas veces estos usuarios son los propios familiares o personas próximas del trabajo, escuela y otros ambientes en que convive, y cuándo no son amigos

8. La Guerra del Contestado fue un conflicto armado que ocurrió en la región sur de Brasil, entre Octubre de 1912 y agosto de 1916. El conflicto involucró cerca de 20 mil campesinos que enfrentaron fuerzas militares de los poderes federal y estatal. Ganó el nombre de Guerra del Contestado, por que los conflictos ocurrieron en un área de disputa territorial entre los estados de Paraná y Santa Catarina, el conflicto también tuvo origen por la construcción de un ferrocarril que tomó grandes extensiones de tierras de los habitantes locales por empresas inglesas.

de amigos y otras personas no vinculadas al usuario directamente pero sí por terceros.

Sin embargo, por esas situaciones, la sociabilidad en la web desencadena una solidaridad mutua entre los activistas, que redistribuyen las informaciones compartidas, lo que aumenta sus ramificaciones de alcance, especialmente cuando se trata de pensar en movimientos que presentan otros puntos, alternos a los discursos hegemónicos.

Es lo que se percibe con otra entrevistada que, aunque no es miembro de la comunidad LGBTQ frecuentemente sube comentarios, fotos y caricaturas que defienden a la comunidad, sea por su parámetro de justicia, sea por sus amistades, la profesora Sandra Tereza Tolfo, de 32 años. Cuando fue cuestionada acerca de lo que siente cuando postea fotos, caricaturas, frases, material informativo diverso o de prensa que coinciden con sus argumentos afirma:

Depende muito do que estou postando. Por exemplo, semana passada compartilhei uma notícia sobre a assinatura de 92 decretos de desapropriação de terra para a reforma agrária, foi uma postagem que me deixou muito feliz, em contrapartida, me sinto extremamente frustrada, indignada e até mesmo triste, quando preciso fazer postagens que demonstram quão pouco temos avançado no combate às desigualdades, sociais, de gênero e étnico-racial. (Sandra Tereza Tolfo)

Es muy interesante porque el sentimiento de frustración de la activista está presente en su decir, es obvio que nos habla por su mirada al cuadro social, pero lo hace en la red también. Cuando Sandra habla de sus sentimientos de tristeza y frustración por tener que compartir *posteos* en su red social, aparece lo que los antropólogos, sociólogos y psicoanalistas dicen acerca de la red y la necesidad de asumir una postura donde gran parte de la subjetividad de los usuarios se evidencia más allá de la simple lectura de popularidad, comercio, publicidad etc.

Las acciones predatorias de clase dominante adquirirán aires más o menos sofisticados de actuación, manifestando su violencia de forma menos explícita, especialmente cuando se observa la indeseable impresión negativa por parte de la sociedad⁹.

Sandra se hace eco de la necesidad de poner en evidencia tales problemáticas frente aquello que ella misma percibe en el día a día, del cotidiano de una ciudad mediana del interior industrializado del sur del país, donde los datos sociales son considerados elevados para los padrones brasileños.

La misma necesidad también es evidente por el rechazo que sufren los militantes para con aquellos que no saben lidiar con la temática propuesta distintamente de la visión general. Cuando se le pregunta acerca de esas formas negativas de percepción, Sandra responde:

9. En Brasil hay innumerables casos de individuos, que utilizan la red para explicitar el odio contra negros, empleadas domesticas, medicos cubanos (Programa Mais Médicos del gobierno federal que trae medicos de Cuba para trabajar en lugares donde los médicos brasileños se niegan a trabajar), homosexuales, tortura de animales, entre otras situaciones de violencia explícita, con proyecciones en los medios de comunicación de masa, y repudios por gran parte de la opinión pública, incluso en la red.

Algumas vezes eu tive árduas discussões com amigos, até mesmo com alguns amigos próximos. Já fui ofendida por PeTralha¹⁰, maconheira, mensaleira¹¹, safada e corrupta. Já me chamaram de turma do Pinheirinho e Guarani-Kaiowá¹², como se isso fosse alguna ofensa. E um amigo muito querido, que já foi comunista e mudou de opinião, hoje defende a direita e todas as suas formas de atuação como legítimas, me excluiu do Facebook.

(Sandra Tereza Tolfo).

Esta forma de negativa, se da en las relaciones off line, relaciones que también viven bajo la sombra de las diferencias de pensamiento, especialmente cuando estas diferencias afectan a la vida diaria de la persona que propuso el tema, que por lo general resulta en la expulsión o incluso la supresión de usuario de la red de amistad :

Não consigo saber quantos abandonam minha página no Facebook, mas às vezes sinto a falta de algumas pessoas, essas geralmente são de direita e não concordam com minhas postagens que mostram versões do não status quo, por exemplo. Já tive vários conflitos no Facebook sobre questões polêmicas, algumas bastante inflamadas e, até grosseiras. Geralmente opto por excluir e bloquear tais pessoas, que não conseguem manter um diálogo mais civilizado.

(Nilson César Fraga).

Las redes sociales tienen como una de sus principales características, la de ser una agrupación de personas que de alguna manera tienen algo en común, así, pensando en la posibilidad de utilizar la red para el desarrollo de políticas e ideas de inclusión más progresistas, se cree que un usuario que lleva sus colocaciones a través de este ejercicio también se puede identificar mejor a aquellos que pueden formar pares de la sociabilidad con él y eso puede significar también un desarrollo de la convivencia también en el contexto de las minorías; por no hablar de una mayor posibilidad de control de las incertidumbres (Winocur, 2009) que estos usuarios tienen acerca de sus mundos sociales.

La negativa y la positividad delante a los argumentos, vienen al encuentro con la idea de “juegos de popularidad”, en que las relaciones sociales pueden sufrir efectos “menos dolorosos o mitigados”, en las redes sociales (Caglioni, Delagnolo, 2013). Una vez que dentro de un grupo de personas, es posible identificar alguien de pensamiento diverso, la posibilidad de no “Like-me gusta-curtir” algún determinado *post*, a la vez el compartir también puede ser mayor o menor en conformidad con el grupo con el que el usuario tiene más identificación. Esa misma posibilidad debe ser utilizada como forma de hacer “común” aquello considerado “raro”, “diverso”. Al final lo que se puede demostrar es cómo lo “exótico” termina siendo muy “común”.

10. En referencia a los hermanos delincuentes de WaltDisney (Tio Rico-Pato Rico), conocidos en Brasil como “ os irmãos metralhas”, en asociación moral con el Partido de los Trabajadores (PT) , PeTralhas.

11. Hace referencia a un acuerdo ilegal de corrupción –compra de votos en el senado –conocido como Mensalão –coimas mensuales, en las que estaban involucrados importantes nombres del Partido de los Trabajadores, base y oposición a los gobiernos de Luis Ignacio Lula da Silva, aunque esta sea una práctica que proviene de antes de la gestión y que fue mantenida.

12. Guarani-Kaiowá, es una mezcla de dos nombres de tribus indígenas, que recibieron apoyo de innumerables usuarios de redes sociales que cambiaban sus nombres en el perfil, en contra de las decisiones judiciales que ordenaron la salida de los indígenas de sus tierras, para beneficio de terceros.

En esta misma perspectiva tanto Nilson como Sandra, aclaran acerca de la línea de intersección que existe entre sus vidas off y on line, ya que ambos se representan a sí mismos en la red y llaman la atención sus opiniones al ser cuestionados acerca de si, sus vidas virtuales son una extensión de sus vidas reales.

Muitas das minhas manifestações virtuais começam na vida “real”, continuam na vida “real” e continuam na virtual e outras vezes acontece o oposto.

(Sandra Tereza Tolfo).

Sandra abre una cuestión interesante, al exponer que a veces las manifestaciones también empiezan desde el mundo virtual, para de “ahí salir”. No obstante existen situaciones diversas acerca del tema en Brasil, específicamente por convocatorias sociales en contra los precios de los pasajes del servicio de transporte y otros tantos problemas de gestión pública, que al final fueron usados por la extrema derecha en contra el gobierno (aunque el movimiento no tenía esa propuesta, pero sí en general hace uso de los derechos por un estado mejor, más amplio, más allá de los cambios recientes del país, al revés de lo que los medios propagaban, incentivando la violencia en contra los gestores del Estado).

También hubo en el país, campañas de paz, en contra del racismo, a favor de indígenas Guaraní-Kaiowá y contra la homofobia, tema central de este estudio.

Nilson también trae en su respuesta ese movimiento de unión entre el *off* y el *online*, cuando al ser cuestionado sobre si su actuación en la red era o no una extensión de la vida *off line*, *el encuestado expresó*:

Considero que sim, pois minha vida político-social é repassada completamente por meio de minhas postagens no Facebook, ou seja, o que converso com amigos, alunos e colegas de trabalho, geralmente está lançado no Facebook, inclusive com os temas LGBTQ. Quem me conhece pessoalmente, me vê exatamente como sou no mundo virtual onde atuo. O que sou no mundo social, sou no mundo virtual, até porque acredito que tenhamos que ser apenas um ser.

(Nilson César Fraga).

Así, los desmembrados sujetos modernos pueden crear y recrearse cognitivamente a través de las redes sociales, queremos decir con eso, que el sujeto moderno, puede crear nuevos “yo”, bajo la forma de escribir, fotografiar etc.

Es importante mencionar que es común escuchar acerca de los perfiles falsos presentes en la red, sin embargo lo que se intenta aquí no es descalificar a la red y sino mostrarla como una herramienta que puede ser para la creación de otra realidad, ya que puede influir en la sociabilidad. Tampoco se afirma que sea algo revolucionario, pero sí algo que puede motivar cambios.

Entonces, mucho antes de argumentar en contra o a favor del uso de las redes sociales y/o de la red, se hace un reconocimiento de su existencia y característica volátil, con el objetivo de centrarse en la creación de realidades que utilizan la red de forma no

habitual.

En este sentido, si la red es un lugar que requiere cierta atención con la privacidad, se preguntó a los encuestados acerca de las teorías de la vigilancia, el seguimiento paso a paso, y la inseguridad de las redes sociales, aunque esto no les impide actuar, como lo ven:

Insegurança e vigilância são fatos já comprovados nas mais altas esferas da construção social, governos, empresas, etc. Só com organizações internacionais e nacionais mais adequadas à democracia direta poderá ser minimizado isto.

(Raúl Fitipaldi – desacato.info).

Raúl tiene claro, que este es un tema de nivel internacional que no se limita a la red, y que incluye instituciones, gobiernos etc. Así que tiene consciencia de la existencia de una vigilancia, pero la entiende como algo de lo que no se puede salir sin el fortalecimiento de la democracia directa.

Ya la perspectiva de Sandra, viene no solo a compartir la premisa del fortalecimiento de la democracia, sino también tiene consciencia del estado de vigía en la red:

Não sou anônima, não há como ser. Justamente por isso me sinto segura nas redes sociais, até mesmo com e-mails. Existe uma vigilância constante e em alguns momentos, com alguns usuários até censura e alguma forma de perseguição. Eu passei por uma situação muito peculiar, de censura mesmo, por parte do Facebook. No ano passado¹³ foi criado um movimento nacional em defesa dos indígenas Guarani-Kaiowás, e uma das coisas que fizemos foi trocar nossos sobrenomes no perfil do Facebook por Guarani-Kaiowá, eu passei a usar Sandra Guarani-Kaiowá, e um dia simplesmente não consegui acessar minha conta por estar usando um nome que não era o meu nome verdadeiro. Tive que voltar a usar Sandra Tolfo no perfil e não posso mais alterar meu nome. Diversas pessoas que estavam usando o Guarani-Kaiowá em seus nomes tiveram o mesmo problema, principalmente aquelas que estavam ajudando na organização de atos públicos nas suas cidades.

Esse é apenas um exemplo do quanto somos vigiados. Não existe anonimato na rede, até por que qualquer computador pode ser rastreado, e em consequência, não existe segurança para quem não compactua com o sistema vigente.

(Sandra Tereza Tolfo).

Se percibe que tanto Sandra como Raúl, tienen la consciencia de que son vigilados, pero aún así ven en la red una posibilidad de incitar a cambios pequeños, medianos o grandes, no se puede percibir exactamente sin un estudio de caso. Se sienten libres en Internet para actuar en sus causas, exponer sus sentimientos y pensamientos, aunque sepan de la vigilancia permanente.

Un poco más de esa perspectiva se manifiesta en el decir de Nilson acerca del mismo cuestionamiento:

13. 2013

Sinto-me plenamente livre no mundo virtual, pois nele estou eu. Minha identidade social é a mesma no virtual, ou seja, sou a mesma pessoa. Nunca me senti más inseguro, mas creio que alguns amigos temem por mim, por ser politicamente explícito em alguns momentos e debates. Creio que somos vigiados sempre, no mundo social, os alunos, amigos, familiares e vizinhos, sabem onde estamos, com quem estamos e quando estamos saindo, no mundo virtual é bem assim também, porém, na virtualidade do Facebook, por exemplo, há mais pessoas sabendo de tudo que acontece na tua vida.

(Nilson César Fraga).

Al final del discurso de Fraga se evidencia la teoría de espacios entre la casa y la calle mezclándose continuamente en el cotidiano brasileño. (Da Matta, 1983) lo que permite decir que estos individuos involucrados políticamente, o en nombre de una causa, necesariamente tienen que manejar sus vidas en *on* y *off line*.

En el Capítulo 2 se plantea, con base en Canclini (zonas fronterizas entre lo público y lo privado) y DaMatta (la intersección cultural entre el ambiente privado con el público – casa y calle, de Brasil), se trae a colación el parecer de Valderrama que sigue en el mismo sentido, en el momento en que surgen las redes sociales, la esfera pública cambia hacia algo novedoso:

“una nueva esfera pública absolutamente novedosa, que convive conflictivamente con otras de carácter más tradicional gestada principalmente en y por los medios masivos de comunicación de carácter privado (Valderrama: 2008)

Es entonces una esfera pública más global y autónoma, más desprendida del referente territorial y nacional, donde manifestaciones y situaciones de indagación, ganan cada día más notoriedad, independientemente de dónde se realiza su subida a la red.

Eso significa pensar que el carácter privado de un post en Facebook, puede “salir” del ámbito de sociabilidad del usuario y ser visualizado por usuarios de todo el mundo. En esta perspectiva movimientos en la red tienen entonces una oportunidad única en la historia de propagarse a nivel internacional, hacer presión junto con comunidades y gente que está de acuerdo y/o lucha por los mismos objetivos.

De lo anterior resulta una “emergente serie de intersecciones” de lo público– comunicativo desde los cuales no sólo se pueden expresar las nuevas formas de hacer política sino que ellos mismos se constituyen en prácticas políticas no institucionalizadas y con alto potencial contra hegemónico. (Valderrama: 2008).

Bruno contestó en una perspectiva más particular:

Já tive a sensação de que alguma informação que eu compartilho poderia me causar algum tipo de afastamento de algumas pessoas, ou até mesmo que, ao participar de uma discussão online ou curtir um comentário, eu estaria me identificando com grupos violentos e discriminatórios, por isso me imponho um limite nas ações online (até porque, como eu disse, não acho que esse diálogo seja sempre positivo visto que ambas as partes não estão

realmente dispostas a escutar o outro lado) quando vejo quem são as pessoas envolvidas...

(Bruno Lopes)

La vigilancia también se da con el propio individuo, como menciona Bruno, tiene el cuidado al exponer y actuar en la red, no por una preocupación de vigilancia general, pero sí de ser identificado en grupos que también actúan en Internet, violentos y discriminatorios. Personas que según él, no están dispuestas a hacer debates y/o reflexionar acerca de lo que discriminan.

Tenemos como evidencia en todas las respuestas sobre los procedimientos de vigilancia, la necesidad de una mayor democratización de la sociedad brasileña, especialmente los medios de comunicación, y cómo la sociedad tiene presente intrínsecamente esa mezcla entre la casa y la calle (DaMatta, 1986), tan evidente y que a veces puede servir como impulso para las luchas, así como los usuarios individualistas opresivos de las redes sociales.

Esta necesidad se presenta a través de terceros en el discurso de Nilson cuando, aunque no se siente inseguro en la red social, informa que los amigos de alguna manera temen por él, ya que su activismo tiene evidencias políticas.

Raros são os meus amigos virtuais que rompem a virtualidades e se lançam no mundo real da militância e atuação social. São um tanto comodistas e individualistas, lançam suas campanhas ideológicas no Facebook e, geralmente, não os vejo nas ruas, na atuação, no mundo real onde vivem as pessoas. Diferente de mim, que pela minha própria formação, como geógrafo, tenho nos trabalhos de campo, na rua, na cidade, no meio rural etc. a minha militância intimamente ligada ao mundo das pessoas, muitos que convivem ao meu lado, o social e o virtual, possuem tais perspectivas de atuação social, mas esses são geralmente do mundo acadêmico.

(Nilson César Fraga)

En la respuesta de Nilson se puede ver que el compromiso político en Brasil tiene características muy peculiares, como se mencionó en el capítulo anterior, se trata de una forma de pensar individualista que se moviliza desde los intereses personales y sus formas de vida (Braga, 2011).

Bruno parece ser un buen ejemplo de esa afirmación de Adriana Braga, acerca de la individualidad, no sólo como ejemplo de pertenecer, pero que evidencia y reconoce esa perspectiva:

Há uma exaltação da individualidade e não do movimento, eu acredito que haja até um limite em quanto as pessoas, eu incluso, que se colocam à disposição para a mudança com ações mais concretas ou menos virtuais. Há um peso grande na importância do seu discurso estar aliado às novas reivindicações ou aos novos movimentos, sem haver uma aparente prática cotidiana que corresponda ao discurso, fazendo parecer com que ele, para muitas pessoas, seja o bastante para a mudança.

Eu, por exemplo, participo muito pouco, presencialmente de movimentos que saiam do virtual, e acho que me identifico com essa segunda descrição.

(Bruno Lopes)

Entonces aparece una visión alternativa liberal, admitiendo repercusiones importantes, pero no tan significativas al punto de afirmarse con la idea de “revolución” (Oliveira apud Silva: 2012, 4). Es decir, parece que hay un estado anímico cuando se piensa en la “salida de la computadora” en el país, y cuando lo hacen los cambios son muy limitados. Lo que no significa que un posible cambio de pensamiento no pueda ocurrir.

Se cree que en las relaciones personales de un usuario, cuando éste pone en evidencia sus características socialmente distintas, también realiza un hecho de comunicación con los demás usuarios, aunque estos no necesariamente salen a defenderlo y/o aprobar sus argumentaciones, están en contacto y pueden percibir que conocen a alguien (en este caso homosexual) y que eso no significa perder ningún derecho, sin que eso signifique que todos hacen parte de los estereotipos comunes a los homosexuales.

Como plantea Grimson, una situación de contacto prolongado en el tiempo, por deseo o necesidad, va generando situaciones de creciente entendimiento en que la heterogeneidad se constituye por la comunicación humana. (Grimson: 2014, 119). Entonces, es posible percibir que la propagación de algunos pensamientos en la red de contactos, beneficia a largo plazo la posibilidad del pensamiento reflexivo acerca de las ideas que se ponen en evidencia. Más allá de afirmar lo que es o no cierto, lo que se percibe es que, un usuario con muchos amigos en su red (sea por su popularidad off line o no) tiene un espacio de argumentación, de respaldo colectivo de sus posiciones.

Este pequeño movimiento de reflexión, está vinculado incluso por aquellos que no están habitualmente integrados a los movimientos y que muchas veces lo poco que saben acerca de los temas, es justamente por lo que ven en los perfiles de sus contactos, y/o lo que le hacen pensar acerca de los temas, es una subida hecha por alguien en común en su círculo de amistad.

Esa perspectiva tiene eco también en la respuesta de Sandra:

O povo brasileiro está distanciado das questões do país, muitas vezes não consegue perceber que os problemas que o “Zé” enfrenta na sua cidade são iguais aos problemas enfrentados pelo “João” na cidade dele, e que ambos tem uma raiz comum, que é acima de tudo, política e cultural, visto que as praticas usuais dos políticos brasileiros advêm de uma cultura muito aceita e difundida em todas as camadas populacionais do país, que é a cultura do jeitinho brasileiro, uma cultura de corrupção, que nos ensina a levar vantagem em tudo sempre que possível, mesmo que prejudique outra(s) pessoa (s). O povo brasileiro, de forma geral, se orgulha de não gostar de política, de estar fora da política, e dessa maneira não consegue perceber que sua vida é regida por decisões políticas. Acredito que esse distanciamento da vida pública e da política são frutos da ditadura militar, uma única visão política e impedindo a participação da população na vida pública e da política são frutos da ditadura militar. Dessa forma o povo é sim facilmente manipulado,

pela mídia, ou lideranças mal intencionadas.

Percebo, no entanto, que está havendo, lenta e gradualmente uma mudança de pensamento na população, e a militância virtual tem sido importante nesse processo.

(Sandra Tereza Tolfo).

Se infiere que, aunque la participación efectiva en los cambios de la acción es menos evidente, los militantes siguen ejerciendo como forma de cambio de perspectivas de entendimiento y de consciencia. Estos movimientos, tienen como característica una fuerte tendencia a actuar en los pensamientos y discursos. Aunque individuales, pueden sufrir cambios de perspectivas, cuándo los usuarios hacen coro a un movimiento de mayor expresividad.

Recientemente, la foto de una pareja de adolescentes en Facebook¹⁴, del interior del estado de São Paulo, ganó a los noticieros, porque una gran cantidad de personas de la red rechazaron declaraciones de algunos de los amigos del chico y otras personas, que se asumieron como racistas en sus comentarios abajo de la foto, una vez que la chica era afrodescendiente y él eurodescendiente. Aunque hubo muchos comentarios marcados por el racismo, al final la gran mayoría fue a favor de la pareja y descalificaron aquellos con lenguaje despectivo.

Varios líderes de movimientos antirracistas declararon que esa fue una situación en que la red sirvió para demostrar que el racismo existe muy fuertemente en el país, pero que hay un cambio de perspectivas de combate, una vez que la mayoría apoyó a la pareja.

Estos cambios hacen parte de lo que plantea Sandra en la parte final de su discurso, orientado especialmente por un sector de la población que se ha manifestado con mayor frecuencia, por lo general un sector formado por una la clase media no tradicional, que tuvo ascenso reciente educativa y económicamente como informa Raúl, ésta es la mayor fracción de la audiencia de Desacato.info

Nosso público é de classe média e média baixa, com formação universitária, por questões infra-estruturais, educativas e econômicas do Brasil. Ele se comporta de forma diferente ao que se pode classificar de modo rudimentar e simplista de "massa". Porém, pertence à mais confusa das classes sociais, e não raramente, àquela que mais criticamos e que ele mais critica: a classe média.

(Raúl Fitipaldi – Desacato.info).

Mucho más que pensar en los sectores de la sociedad que ascienden a la utilización de los sitios virtuales con el perfil de Desacato.info, que según sus propios organizadores han tenido un gran crecimiento, pensamos que es muy conveniente observar las posibilidades de ese nuevo acceso, la cantidad de usuarios de todas las clases, credos y otras identidades que acceden no sólo al uso de Internet como tal, en los últimos años en Brasil, sino especialmente al hecho de que la mayoría también usa las redes sociales, entre

14. <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/08/casal-sofre-racismo-apos-publicar-foto-facebook.html>.

ellas, Facebook.

Así como hay un nuevo sector de la sociedad brasileña, también hay novedades en el sentido de asesoramiento empresarial, marketing, relaciones públicas que se hace cada vez más evidente como necesidad en la red, especialmente en las redes sociales por parte de la iniciativa privada.

Como paralelo a esto, surgió la pregunta: ¿sería posible hacer una política pública de entendimiento, sobre todo cuando se trata de inclusión social-moral de diferentes grupos en la sociedad?

Esta compleja pregunta fue formulada a los encuestados.

Aunque dijo que “sí” a la pregunta, Bruno no supo decir cómo sería posible, pero dijo que sería bueno.

En este sentido Raúl ya tiene una visión un poco más formada:

Devem fazer uso, e em alguns casos (Venezuela – Argentina, por exemplo) o fazem razoavelmente bem. Os estados ditos progressistas reconhecem esta ferramenta como útil e necessária. No entanto, não se atua de modo mais célere e comprometido na democratização da mídia, em casos como Brasil, onde só agora parece se desgrudar um pouco do atraso em matéria de legislação de comunicação e meios, mas, por enquanto, só parece. Haverá que esperar.

(Raúl Fitipaldi – desacato.info).

Parece claro que el grupo organizado de comunicación Desacato.info, hace uso de los distintos canales que la Internet ofrece, y los ve como una salida útil y necesaria, especialmente para los gobiernos progresistas, más allá de evaluar a los gobiernos usados como ejemplo por Raúl como progresistas, lo que plantea respecto al uso de las redes sociales es interesante por lo que podemos pensar en los avances comunicativos que posibilita a la red.

Democracia digital reconoce el potencial de interacción horizontal en masa de las nuevas tecnologías de información y comunicación. Ese optimismo hace que los investigadores vean Internet como una oportunidad para revitalización de la democracia, al franquear formas de participación ciudadana (Oliveira apud Castells: 2012, 314).

Son como una herramienta importante para la democratización de los medios de comunicación en su conjunto, un tema muy importante, urgente en Brasil, es también por esta razón que se estima que las redes sociales juegan un papel cada vez más importante de comunicación, aunque divergentes en términos conceptuales.

Ya Sandra, destaca otras particularidades de esta posibilidad:

Acredito que seria muito interessante (usar as redes sociais em políticas públicas), pois seria uma forma de aproximar o governo e suas ações da população, além de ser uma forma de divulgação das ações governamentais e das políticas públicas, pois penso que dessa forma o povo teria condições de acompanhar a atuação política dos seus representantes. No entanto,

esse mecanismo não deveria ser utilizado apenas como forma de promoção pessoal e partidária.

(Sandra Tereza Tolfo).

Sandra aborda el tema desde una perspectiva ya muy común en el país, que es el uso de las redes sociales como las fachadas de la política, o más bien de propaganda, como una “fiesta meramente política” de propagación de la imagen de los candidatos. No es que esto sea una posibilidad de comunicación que debe ser punible (a menos que expresen mensajes contrarios a la democracia o calumnias, obviamente). Pero cuando se trata de política pública, es posible pensar en el tema no sólo como una aproximación entre los ciudadanos y los políticos, sino una posibilidad de comunicación y propagación de políticas públicas, de lo que se quiere lograr con ellas, entre los ciudadanos y el Estado; o sea una comunicación directa entre el Estado y el público blanco de las políticas públicas.

Es como si se pretendiera hacer anuncios contra el racismo en la televisión y otros medios de comunicación. Lo mismo fue hecho por algunas organizaciones civiles para combatir muchas formas de violencia, como fue el caso de “A Casa dos Criadores”, al crear el concurso *Homofobia Fuera de Moda*, que se analizará en el capítulo IV.

Nilson, pone en juicio los aspectos universalistas:

“Seria muito importante a atuação dos governos nessas redes, pois ajudaria no rompimento do individualismo e possibilitaria uma atuação maior das pessoas no corpo social, tanto no nacional, como nas outras escalas. Mas as páginas políticas ainda são de divulgação de candidatos, pois os maiores extratos de informações no Facebook advêm de jornais e blogues políticos, sendo que a ampla maioria não pertence ao Estado. Os governos poderiam usar essas redes para ampliar o espírito de solidariedade, envolvimento e voluntariado dentre os usuários, pois somos marcados a cada dia mais, por uma sociedade individualista de consumo. Se a sociedade consome tudo, pode, inclusive, consumir coisas boas, com fins mais sociais.

(Nilson César Fraga)

Se plantea que al referirse a una ruptura del individualismo y un mayor rendimiento en el cuerpo social, teniendo en cuenta la naturaleza individualista de la sociedad y la movilización social de la misma, de acuerdo con este estilo de vida como se mencionó anteriormente, evidencia la autora Adriana Braga, este es un argumento que tiene una proyección un tanto distinta de la convencional, sin embargo, pone de relieve la posibilidad de una mayor flexibilidad y una visión de las condiciones sociales de los sujetos, usuarios de la propia red.

Si la sociedad consume todo, puede incluso, consumir cosas igualmente buenas, como Nilson describe; pero también es evidente que existe la posibilidad de trabajar con las relaciones simbólicas de cercanía, con lo que cada individuo llama de “personalidad” y eso se convierte como parte de la construcción de su personalidad psicosocial.

Por lo tanto, se cree que esto también abre espacio para que equipos organizados puedan adaptar sus estrategias con mejores condiciones de proyección con los medios

masivos. El uso de Internet y de las redes sociales han mostrado una característica interesante, que demuestra que es un medio donde la distribución, la producción y la circulación de información, pueden unir a la gente y movilizar conjuntos mayores, frente a situaciones de injusticia.

Por supuesto, va en contra del flujo del movimiento por una mayor libertad, alrededor del mundo existen innumerables proyectos políticos para controlar y censurar contenidos y Brasil no es la excepción. Aún en este contexto, Internet (blogs, listas de correo y sitios de redes sociales) y las redes sociales en especial, son ahora herramientas indispensables para la organización de los movimientos sociales, la movilización política, la promoción, el intercambio de información, la educación y la formación. También ofrece canales directos para las denuncias de violaciones de derechos humanos a los responsables de la seguridad pública y los sectores estatales acerca de la integridad de las personas.

Otra interesante situación promovida por el uso de los medios sociales es el acortamiento de la distancia. Hace 15 años, para coordinar una acción de impacto regional, era necesario invertir demasiado dinero en llamadas telefónicas, envíos por correo y el traslado de personas para llevar a cabo las reuniones. Hoy en día, con la popularización de la banda ancha, combinado con listas de correo y los programas de comunicación de voz, se hace posible dicha articulación sin que los diversos actores necesiten salir de sus ciudades.

La relación entre la casa y la calle, la característica del individualismo también cuando se refiere al activismo político y la condición de una postura de acción argumentativa protegida, hacen parte de las características que diversos autores reconocen y que se perciben en los usuarios de Facebook en Brasil.

A lo anterior se agregan: el sentimiento de incertidumbre que los usuarios tienen por sus relaciones sociales, sus angustias de estar conectados con los otros, y mantenerse pendientes de las imágenes que muestran y de lo que el otro hace, convierte a la red en un importante medio para difundir, reorganizar y crear habilidades cognitivas, lúdicas de reflexión acerca de temas diversos, a veces más, a veces menos de acuerdo con la cultura local y su capacidad de cambio también en el mundo off line.

Más allá de decir lo que es bueno o no, la red asume una posibilidad fundamental para la propagación de las ideas, más orientada por segmentos, y de propagación individual, hacen parte ahora también de las conversaciones de la calle, de la escuela, del trabajo. Esa característica hace que sea posible proponer reflexiones en los individuos, lo que se considera importante para la posibilidad de implementación de políticas públicas en la red.

En el próximo capítulo se profundizará en el uso de la red por los movimientos LGBT, como forma de hacer paralelo con esa posibilidad de política pública, ya en el capítulo IV se estudiarán los efectos de los sentimientos expuestos en la red, con el uso estético del arte de las caricaturas (del humor).

Por eso, se hace énfasis en la posibilidad de la utilización de las redes sociales como canal para la creación de nuevas realidades cognitivas, con la implementación de las

políticas públicas.

ACTIVISMO LGBT EN LAS REDES SOCIALES BRASILEÑAS

Los movimientos sociales pasaron a usar Internet y cada vez más las redes sociales, como una importante herramienta para la propagación de sus argumentaciones. Con el movimiento LGBT brasileño, esto no es diferente.

Ya existen algunas situaciones identificables y pensadas, de las cuales se puede afirmar que el surgimiento y el desarrollo de Internet se dio paralelamente a los movimientos de redemocratización en Latino América, al caos del SIDA y al consecuente desarrollo del movimiento LGBT, que desempeñó un papel central en el enfrentamiento a la pandemia a partir de los años 1980, adquiriendo visibilidad e inserción política en la esfera pública en los diversos países de la región.

También fue con la redemocratización que se hicieron visibles al gran público las cuestiones de orden privada y relativa a la comunidad LGBT, transformaciones latentes, que confieren oficialmente a la mayor heterogeneidad de la población brasileña (Silva, Campos, 2014:5).

En el gobierno de Fernando Henrique Cardoso, en 2002, fue creado el Plan Nacional de Derechos Humanos (PNDH), que busca combatir todas las formas de discriminación, momento en que el movimiento LGBT ganó más fuerza, especialmente en los años posteriores, que con base en el PNDH el gobierno de Luís Ignacio Lula da Silva, inició algunas de las primeras políticas públicas de educación y combate al prejuicio.

Paralelamente el movimiento LGBT se fue apropiando de las nuevas tecnologías de información y comunicación (TIC) para su mejor organización política, comunicación con el público interno (LGBTs) y externo, formación de activistas, entre otras. Además, la naturaleza libre y la posibilidad del anonimato en la red permite a los LGBTs actuar políticamente en la seguridad y lejos del estigma vivenciado en el mundo real, frente a la incertidumbre y a la posibilidad de alguna “protección” (Winocur, 2009; Morley, 2007).

La presencia creciente de los grupos “minoritarios” en Internet cuestiona el carácter “universalista” de los derechos vigentes como explicación de valores hegemónicos, que son ejercidos de manera coercitiva para mantener el *status quo*. (Morigi, 2006:6).

Concomitantemente, también los crímenes con motivación homofóbica pasaron a ser más visibles. Con el creciente reconocimiento global de los derechos sexuales como derechos humanos, las violencias homofóbicas dejan de ser aceptadas como algo “normal” en la vida social y ganan espacio en medios de comunicación, pasando a integrar el imaginario y a la vida cotidiana de las personas en general.

En 2009, organizaciones LGBTQ de Latino América identificaron la acción de los grupos religiosos conservadores promoviendo terapias que prometen “curar” a la homo/transsexualidad, considerando como un problema común en todos los países de la región, utilizando para eso métodos que van en contra de varios derechos humanos.

A partir de eso, con herramientas disponibles en Internet, fue desarrollada la campaña latinoamericana “Curas que matan”, que realizó acciones en 14 países de Latino América y el Caribe con el apoyo de diversas asociaciones de profesionales de salud mental, celebridades, autoridades académicas y órganos relacionados a políticas de salud. Tres meses después de las actividades que marcaron el Día Mundial contra la Homofobia (17 de Mayo) el gobierno de Ecuador cerró treinta clínicas que ofrecían la “cura” para la homosexualidad y, en por lo menos tres países, las acciones de campaña continuaron en el año de 2012.

Las posibilidades de interacción e integración sobrepasa cualquier frontera política. (Silva, Campos, 2014: 9) O sea, el movimiento no se restringe al uso de las redes sociales, estos las usan como superación de barreras geográficas, por la velocidad de la información y facilidad para agregar nuevos miembros (Cruz, 2014: 92).

El Concurso Homofobia Fuera de Moda, hace uso de los medios tradicionales y las redes sociales, en ese caso se analiza Facebook, como forma de convocar a los usuarios sobre la “emancipación” de la comunidad LGBT y de la “criminalización” de la homofobia.

La convocatoria para la “*Parada Gay de São Paulo*”, recibe cada año, más aval de las redes sociales, donde grupos no necesariamente organizados convocan a sus conocidos o no de la comunidad, para participar del evento.

Internet, por lo tanto, asume ser una importante herramienta de promoción y articulación de diferentes redes nacionales de los movimientos para la visibilidad de grandes movilizaciones en la esfera pública. (Scherer-Warren:2006). La visibilidad de grupos de diversidad sexual en Internet, posibilita la construcción de nuevos sentidos asociados a las relaciones de género, al tiempo en que trae nuevas discusiones para la esfera pública. (Morigi, Costa, 2006: 7).

Es visible que la cuestión de poner en evidencia lo público, es de suma importancia para el movimiento LGBT, y las redes sociales sirven como un canal muy eficaz para ello.

De acuerdo a lo expuesto anteriormente, en la esfera pública aparecen entonces cambios significativos, con el surgimiento de las redes sociales, esos cambios afectan obviamente a los movimientos sociales y dentro de éstos, al movimiento LGBT. Esa esfera pública novedosa (Valderrama: 2008) tan interesante asume en gran parte de los estudios académicos acerca del tema, un carácter híbrido, de mezcla entre el *offline* y el *on line*, una mezcla entre lo virtual y lo presencial.

Así como se nombró en el capítulo III, esa intersección es llamada de varias formas en el ámbito de las ciencias sociales, algunos autores desarrollan mejor sus ideas, pero todos tienen claro que se trata de una especie de continuación de lo privado en lo público y viceversa, donde hoy las acciones de los individuos podrían fácilmente ser clasificadas en una zona fronteriza de lo que antes fueron los conceptos de privado – público.

Si DaMatta ya planteaba años antes, que la sociabilidad de la cultura brasileña, pasaba por una línea muy fina entre la casa y la calle, hoy se puede pensar que las redes sociales, evidencian e intensifican esa característica, especialmente si buscamos conocer

el ranking internacional del tiempo que cada usuario de Internet se mantiene en las redes sociales, y teniendo en cuenta que los brasileños mantienen el liderazgo.

Entonces la cuestión híbrida, que apunta Canclini entre los vínculos de lo virtual con lo presencial, también gana fuerza, oficializando la creación de una nueva esfera pública. Esta novedosa esfera pública, tiene consecuencias positivas y negativas, hoy personas “comunes” y/o “celebridades” pueden ganar voz y/o rechazos públicos, según lo que publican en sus redes sociales.

Son justamente estas reacciones populares que juegan con la posibilidad de reflexión acerca de temas aún frágiles y que cada día más necesitan ser esclarecidas, o por qué no decir, definir su existencia como parte de una heterogeneidad social (Grimson, 2014). Por lo tanto, parte de un cuadro social diversificado, que puede ser inteligible tan sólo como un aspecto de la condición humana, que, así como tantos otros aspectos merece respeto y posibilidades sociales de igual desarrollo social que los cuadros de aquellos que figuran el *status quo*.

El movimiento LGBT hace parte de esta esfera pública y sus miembros también están sujetos al cuadro social de híbridas relaciones casa-calle, ahora ganando espacio en los noticieros, en general de forma negativa, o ganando los rankings de audiencias virtuales por su lucha y de ahí a veces el noticiero por su ranking virtual.

Uno de los movimiento más interesante fue estudiado por el científico político Thiago Coacci, este movimiento fue llamado por los medios y por los perfiles virtuales de *#vetalhomofobiadilma*, que pretendió “lanzar a la luz” las consecutivas negativas del gobierno brasileño de las propuestas de políticas públicas en defensa de la comunidad LGBT, prácticamente todas las propuestas del legislativo, donde el ápice de la tensión fue a la negativa del polémico *kit gay* (cartillas y demás materiales didácticos) que serían distribuidos en las escuelas de todo el país, conforme lo mencionado en la introducción, como forma de procesos educativos, inhibir la homofobia y generar un principio de una cultura menos machista y mas comprensible que la homosexualidad es, así como la heterosexualidad, una forma de expresión de la sexualidad, de deseo y de sentimientos.

En esa investigación Coacci explica de forma muy perspicaz cómo Internet puede actuar de forma expansiva del acto convocante – manifestado en Belo Horizonte en Brasil - puede ganar proporciones nacionales e internacionales, considerando Colombia, México, Argentina e Israel como destinos fuera de cualquier posibilidad pensada al inicio de la campaña, que tenía el propósito de presionar al gobierno brasileño para tomar medidas de criminalización de los actos homofóbicos.

La poca reacción del gobierno frente a estas manifestaciones públicas, las escasas iniciativas tomadas en cuenta frente a esas demandas y un silencio sobre el tema, causan malestar a la comunidad LGBT.

El autor refuerza parte del parecer global de Internet, también en los movimientos sociales: “Internet afectó las formas como los movimientos actúan, facilitando acciones, transformando otras o aún, creando nuevas formas de acciones” (Coacci, 2012:12),

posibilitando que las acciones y consecuentemente sus “presiones” transgreden las fronteras geográficas.

Sin embargo él mismo trata de afirmar que Internet también tiene la característica de promover cierta resistencia para con aquellos que no están dispuestos a tener sus fotos y/o nombres vinculados a la red y que la propia campaña que da visibilización de sus usuarios a la “causa”, también abre la posibilidad de ser accesible a personas de todo el mundo.

Esa resistencia en relación a las redes sociales, también existe en parte en el movimiento LGBTQ, donde los activistas más orgánicos tienden a relativizar el papel de las herramientas digitales en las convocatorias sociales. Sirven como soporte complementario de expansión y acción colectiva para la gran mayoría de los líderes de la comunidad LGBTQ brasileña directamente enganchados en las instituciones y/o movimientos sociales, pero los activistas más independientes ven Internet como la mayor fuerza del activismo en la actualidad (Cruz, 2014: 118).

Así se plantea que la reflexión de Braga (2011) acerca de un activismo virtual mas individualizado, tiene su respaldo también en el movimiento LGBT, especialmente para con aquellos que hacen parte de la comunidad, pero no son miembros orgánicos, y están vinculados a formas más tradicionales.

A pesar de la conclusión de Coacci, en el caso brasileño y en la campaña #vetahomofobiaDilma específicamente, el balance general es que Internet trae más contribuciones positivas que negativas para los movimientos sociales, al aclarar que permite acompañar a la transición del poder, aunque se debe evitar cierto optimismo ingenuo, una vez que la misma, también puede ampliar o limitar la acción, o hasta posibilitar tan sólo las acciones demasiado fáciles para que tengan impacto político (Coacci, 2012:15).

La concentración de las interacciones es un trazo peculiar de las redes virtuales. En general, el grado de participación depende de una serie de factores, como el interés de los integrantes en la temática y en los contenidos que en ella circulan. (Cruz, 2014: 104).

Es acerca de la posibilidad de contribución positiva, independiente de la participación masiva o no de la comunidad LGBTQ, que existe la apertura para campañas de grupos con mayor influencia colectiva como forma de posicionamiento de un sujeto moderno contenido en una lógica en estos términos (Braga, 2011).

Sin embargo las comunicaciones mediadas son como espacios donde se establecen relevantes constitutivas de la cultura, así pensamos entonces en los usos que las personas confieren a la tecnología (Hine, 2004) como fuente de innumerables cuestiones sociales y personales importantes. En ese sentido puede pensarse también como son frecuentes las “salidas del placard” de famosos en el escenario de la industria cultural brasileña, muchos de ellos a través de las redes sociales, una vez que los mismos actúan sobre la opinión pública.

Las cantantes Daniela Mercury y Maria Gadu, ambas con renombrada fama, así como la actriz Maria Zilda, son ejemplos de personas públicas que por las redes sociales,

revelaron sus intimidades homoafectivas, de manera que a través de la visibilidad de la “cotidianidad igual” que viven en relación a las parejas heteroafectivas, representan sus relacionamientos y transfieren al gran público no solamente la sensación (como si fuera actuación) de la visualización de la igualdad de los sentimientos y de cómo convivir al lado de alguien es una experiencia entre dos individuos, sean heterosexuales, homosexuales, transexuales etc...

La red es altamente mediática, cualquier contenido positivo o declaración homofóbica y discriminatoria que circule en los medios de comunicación es prontamente combatido por los activistas (Cruz, 2014: 141). Existe por lo tanto una retroalimentación de los contenidos de los medios de comunicación tradicionales y las redes sociales. A veces esa retroalimentación viene de las redes, a veces de los medios. Hay una tendencia de rechazar los medios y en estos casos las redes les ganan espacio a los medios.

Los contenidos que circulan se acaban replicando en las redes sociales, posibilitando una diseminación viral de denuncias, noticias, opiniones, informaciones, eventos y demás pautas estratégicas para el movimiento (Cruz, 2014: 121). Así aparece una retroalimentación de los contenidos, ahora ya no necesariamente pautados por los medios masivos tradicionales, teniendo como contraparte otras voces, del público más implicado en las noticias LGBTQ, una posibilidad para ser pensada por la democracia en un Estado moderno.

En las inserciones hechas en la red LGBTQ, existe una fuerte tendencia estratégica de producir desinformación e información relevante (...) la acción colectiva tiende a ganar mayor visibilidad, adhesión y eficiencia cuando combina el activismo político más orgánico con el realizado por las redes sociales. (Cruz, 2014: 143).

Por ejemplo, cuando una convocatoria llamada “*Fora Feliciano*”¹⁵ propuesta en un sitio virtual de peticiones on line, logró convocar a un número mucho mayor que el previsto, ese movimiento se dio contra el hecho de nombrar a una persona abiertamente homofóbica y racista al cargo máximo como referente de los derechos humanos en el país, teniendo aún más repercusión en los medios televisivos y radiofónicos. Fue en ese momento que la gran masa del público brasileño, supo de la existencia de esa delegación y su importancia para las minorías.

Es interesante pensar que, a pesar del cuadro preocupante de la homofobia, una parte considerable de la sociedad brasileña fue sensible a las cuestiones de la comunidad LGBTQ, seguramente hubo una sensibilidad para con la cuestión en ese momento.

Esta es una característica que se desarrollará con mayor profundidad en el capítulo IV, el gran público, además de sus convicciones es sensible a varios temas, cuando estos se demuestran a través de sentimientos de dolor o ternura.

Según Winocur, la actuación del sufrimiento, como otras expresiones de la intimidad, genera reacciones, un acto de naturaleza profundamente reflexiva, que alimenta la intimidad

15. Referente al político delegado al cargo de director de la Comisión Nacional de Derechos Humanos, y su rechazo. Idem 8.

pública. (Winocur, 2013: 2).

Esa sensibilidad que proporciona reflexión, como apunta Winocur, tema que se desarrollará en el próximo capítulo, y que es la clave para ubicarse en las actividades de los movimientos en las redes sociales. La identificación de nosotros mismos con el otro.

Así, se puede deducir que, de alguna forma, no solamente las públicas, pueden animarse a expresar sus sentimientos y opiniones a través personas de las redes sociales, con mayor libertad y “seguridad”.

Para el médico conductual José Roberto Leite¹⁶, el uso de las herramientas digitales puede ser visto como un mecanismo de defensa, considerando que una información muy diseminada tiene su nivel de importancia como para diluirse sin ser notada, según el médico.

Cuando los discursos sociales comienzan a ganar aval de la medicina como ya se ha demostrado en la obra “Orden Médica y Norma Familiar” de Jurandir Freire Costa, estos pasan a presentarse como acciones inteligibles y creadoras de necesidades sociales, por la fuerza del discurso médico en la actualidad y de las psico–representaciones que estos producen sobre los discursos, según Costa:

As práticas discursivas que os integram compõem-se dos “elementos teóricos” que reforçam, no nível do conhecimento e da racionalidade, as técnicas de dominação. Estes elementos são criados a partir dos saberes disponíveis – enunciados científicos, concepções filosóficas, figuras literárias, princípios religiosos, etc... *As práticas não discursivas* são formadas pelo conjunto de instrumentos que materializam o dispositivo; técnicas físicas de controle corporal; regimentos administrativos de controle de tempo e de indivíduos ou instituições; técnicas de organização arquitetônica dos espaços; técnicas de criação de necessidades físicas e emocionais, etc. (Costa, 1989:50).

En estas condiciones, podemos pensar que Internet y las redes sociales, atribuyen importancia a los nuevos medios, como representantes de una nueva condición social para que los grupos comúnmente marginados tengan alguna voz.

En las redes digitales, conductas e intereses existentes *off line* se ramifican e interactúan con prácticas existentes *on line*, de modo que esas vivencias puedan ser entendidas y analizadas de forma compartida en un contexto en que las interacciones mediadas repasan casi todos los ramos de la vida. (Cruz, 2014: 162).

Se cree que si el movimiento LGBTQ hoy usa las redes sociales como una herramienta de gran utilidad para la comunicación de su público, o simplemente los usuarios independientes y orgánicos pertenecientes a la comunidad, tienen en las redes sociales, un canal de extrema importancia, ese canal podría ser usado en campañas de reflexión acerca de los prejuicios que la comunidad enfrenta en el cotidiano brasileño.

Por tener esa singularidad público privado y un aspecto de protección, aunque también exposición, las redes ganan cada vez mas espacio para efectivamente ser canal de relación directa entre individuos, instituciones, y políticas públicas.

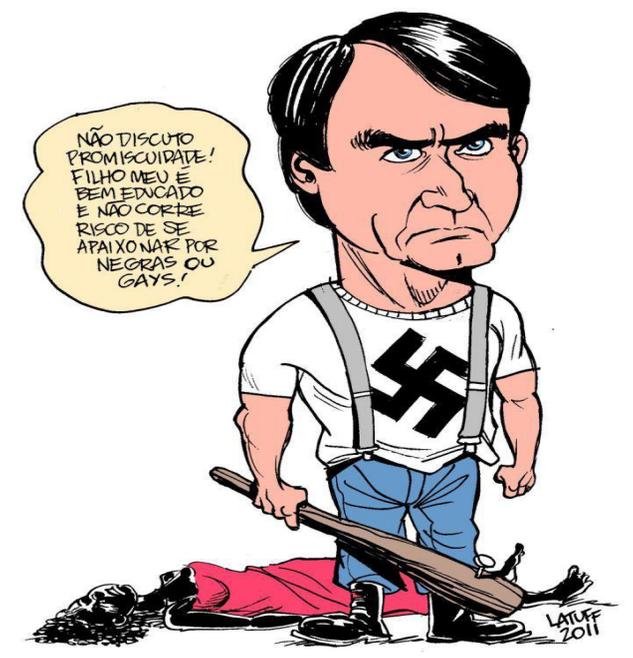
16. Referente al político delegado al cargo de director de la Comisión Nacional de Derechos Humanos, y su rechazo. Idem 8.

A-NORMAL DIVERSIDAD ARTÍSTICA. RED SOCIAL Y EMANCIPACIÓN

Sin duda las declaraciones de políticos conservadores brasileños a favor del combate contra la criminalización de la homofobia, fueron el punto de partida de una ola de manifestaciones favorables y contrarias al proyecto. En las redes sociales la mayor visibilidad se dio para los manifestantes favorables a combatir la homofobia. Aunque sea de conocido que no siempre las cosas son así, en innumerables ocasiones y temas las posiciones “conservadoras” ganaron mayor proporción en las redes sociales p.ej. la reciente intolerancia religiosa hacia los cultos afro-brasileños.

Uno de los políticos que más manifestó su repudio hacia políticas de inclusión social, fue el entonces diputado federal Jair Messias Bolsonaro¹, representante de la extrema derecha, ex-militar y conocido por polémicas declaraciones homofóbicas, racistas, sexistas, y a favor del régimen militar ocurrido en Brasil entre los años de 1964 y 1985.

A continuación se muestra una caricatura de autoría de Latuff, ampliamente difundida en las redes sociales. Inicialmente divulgada por un periódico brasileño, en que Bolsonaro es retratado como violento y simpatizante de los ideales nazistas.



Esta caricatura hace alusión a la polémica frase descrita en la ilustración, proferida por el diputado en relación a la educación de sus hijos, en un momento en que fue

1. Bolsonaro ganó las elecciones presidenciales en 2018, con un discurso del contra todo y todos, como un salvador y iba arreglar el Brasil en contra la corrupción y a favor de los buenos costumbres religiosos.

cuestionado sobre la posibilidad de que pudieran ser sus propios hijos los beneficiados de la protección del Estado, por una diputada favorable a los proyectos de inclusión social de minorías en los corredores del Congreso Nacional, momento que generó un proceso administrativo por una supuesta agresión física que la diputada habría sufrido por parte del diputado Jair Bolsonaro.

La imagen tiene un valor simbólico extremo por asociar al diputado con ideas nazistas. Aunque las declaraciones del diputado evidencian su posición en defensa de la élite conservadora y “blanca”, representa también la forma como una parte de la sociedad trata a sus diferentes.

El aumento de la violencia contra los homosexuales, la supuesta agresión física a la diputada María do Rosario (Partido de los Trabajadores) y la declaración de que su hijo era “educado” y por esa razón no corría el riesgo de enamorarse de personas afrodescendientes y homosexuales, ubican al diputado en la línea simbólica de exaltación y repudio de la política conservadora brasileña, especialmente en lo que tiene que ver con los derechos humanos.

Su declaración ejemplifica el grado de conservadurismo por parte de la sociedad brasileña que “desprestigia” perjudicialmente las relaciones entre personas de grupos étnicos distintos, aunque Brasil, según el censo del IBGE ² (2010) tiene la mayoría de su población negra y “parda” ³, en clara aversión al afrodescendiente y a las relaciones homoafectivas – aunque São Paulo tiene la mayor *Parada Gay* del mundo – según los posicionamientos recientes, estas “son situaciones”, entendidas como “curables” con orientación de la “educación”.

El grado del debate promovido en los medios masivos de comunicación mantuvo su tendencia conservadora, junto a la falta de posiciones específicas, especialmente de la clase política. Lo que generó molestias y repudios de las organizaciones que tratan el tema, resultado de la evidente necesidad de un mejor tratamiento del diputado para con esta parte de la sociedad.

Doris Sommer en *Juego de Cintura: La agenda Cultural en América Latina*, argumenta a favor del uso de las artes para que los científicos sociales puedan pensar, estudiar y actuar en las políticas culturales vigentes, pensando en la Cultura como un agente de acción, a fin de no limitar la teoría a la práctica.

En referencia a la reflexión del antropólogo Néstor García Canclini, el autor trabaja con la idea de globalización, imaginada como una característica evidente de la actualidad y trae en su argumento la importancia de la actuación, acción directa y activista de los investigadores sociales también en la agenda cultural, para que la cultura tenga la posibilidad de servir como campo de ruptura, interferencia, flexibilidad, tolerancia, humor y todo lo que se opone a los regímenes coercitivos a través del arte. (Sommer, 2006).

2. IBGE: Instituto Brasileño de Geografía y Estadística.

3. De acuerdo con el IBGE-censo 2010, 7,6% de la población brasileña declarase negra, otros 44,6% decláranse en la categoría “parda” (mulatos y cafuzos) término creado a partir de la idea de ancestralidad mezclada de pueblos afrodescendientes con pueblos eurodescendientes e indígenas, 52,2% de la población declarante.

Se empieza por identificar una de las manifestaciones en pro de esa necesidad de esclarecimiento mencionado anteriormente, el concurso *Homofobia Fuera de Moda*, promovido por un grupo llamado *Casa dos Criadores*⁴ para combatir la condición de “negación social” que los homosexuales sufren, a través del arte y de una convocatoria virtual (*Facebook*). La campaña, que sigue vigente, muestra que se hace urgente y necesaria, una política pública contra y de derecho (criminalización) de la homofobia, como una necesidad eminente de justicia social frente al aumento expresivo y constante de los casos de crímenes por orientación sexual.

Como señaló el sociólogo José Nun, además de las cuestiones de diferencias económicas evidentes, actualmente al hablar de desigualdad, ésta también se inclina hacia los temas de discriminación (Género, Etnia, inmigrantes...) de los individuos que cada vez más claman por justicia social. (Nun, 2011:3).

El logo abajo corresponde a una imagen publicitaria en la convocatoria del *Concurso Homofobia Fora de Moda*.

El símbolo reconocido mundialmente de la red social Facebook, pero haciendo señal de negatividad, además de representar el cuanto “*don't like*”- “*no me gusta*”- “*não curti*”, es la homofobia, según la propia propuesta del concurso. También pone en evidencia, de forma muy creativa el hecho de que en la red social, no hay la presencia del símbolo de negatividad, justo este símbolo representado en nuestro último dibujo.

El símbolo de positividad (me gusta- like – curtir) del Facebook, nunca tuvo su versión con su dedo pulgar hacia abajo, como indicación de negatividad, posiblemente por los líos que generaría, cuándo conocidos de los perfiles aclarasen con énfasis las cosas que están en desacuerdo, a la vez de las que están de acuerdo, principal propuesta de la red social y de las amistades en este medio.

Esa simbología trae consigo algo positivo social y moralmente, muy evidenciado en la red. El juego de hacer presencia, ser *cool*, *legal*, *gente boa*, y otros adjetivos constantemente exaltados en la red, tiene que ver con cierta exaltación, hipócrita o no, de la posibilidad de ser querido por la mayor cantidad posible de personas, representados simbólicamente por el número de *likes- me gusta – curtidas* obtenidas por cada foto o *post*.

Así como actualmente el símbolo de “*me gusta*” del Facebook, también podría ser usado para manifestaciones favorables a lo que hoy es considerado machismo, racismo, elitismo etc...Cuándo un usuario sube a la red una posición en contra de cualquier forma de prejuicio, los demás pueden hacer “click” en la opción “*me gusta*”, y estarán indicando que les gusta el posicionamiento en contra.

Si pensamos más allá del decir si estos realmente son o no repudio por los prejuicios, es evidente la baja posibilidad de que alguien que no piense en contra la homofobia por ejemplo, lo haga en la red, especialmente si tomamos como referencia el cuadro social desfavorable que la comunidad LGBT tiene en general en muchos aspectos, como la red funciona como una “ventana pública”, mucha gente tiene la posibilidad de saber que le

4. Idem 19 p. 42.

gusta o no, por visualizar estos movimientos en la red.

Infelizmente, el cuadro en general tiende a poner las víctimas como personas que no deben llamar la atención, como se necesitase estar lo más escondidos posible y por esa dificultad de ponerse en evidencia, a todos que lo hacen en el Facebook, tener los “me gusta- like – curtir” de sus conocidos, les sirve como un bálsamo social, una forma de sentirse más parte de una comunidad, que por mas difícil que sea, tiene apoyo moral de alguien, sino efectivamente, por lo menos lo tiene públicamente.

No hay nada humano que no sea simbólico (Grimson, 2014: 124), esta afirmación se refiere a que uno de los principales símbolos de Facebook, adquiere un significado contrario al original y eso indica que se puede pensar que es un acto simbólico poner *me gusta* en el espacio de noticias de un perfil de alguien, especialmente cuando esto expone algo contra la hegemonía, una de las características de este nuevo medio (Valderrama: 2008).

Aún sobre el arte, en un artículo titulado *Arte y responsabilidad*, Doris Sommer hace referencia al ex–alcalde de Bogotá, Antonas Mockus que en la condición de político intelectual colombiano usó como “táctica” el arte para intervenir de alguna forma en los problemas urbanos (pensados en la realidad de Bogotá) y trae una visión que es necesario “llevar” a través del arte intervencionista, algún placer y esperanza en disfrutarlas (Sommer, 2008).

El arte que nombra Sommer, también es uno de los factores más significativos para el desarrollo de innovaciones tecnológicas y de gestión en los sectores más sedimentados según Canclini:

Parcialmente, los comportamientos de los artistas visuales, los músicos, las editoriales y las redes digitales forman parte de lo que puede llamarse economía creativa. Pero la capacidad autogestiva de las generaciones jóvenes, sus innovaciones en los procedimientos de producción y comunicación, descarga y transmisión, apunta hacia una reconfiguración de las formas de organización de los movimientos culturales, que trasciende los órdenes sedimentados de las instituciones y las empresas.

(Canclini, 2014: 9).

Esa perspectiva pone en evidencia la importancia que asume la red también en ese caso, justamente para con los sectores más conservadores de la sociedad y como forma de hacer de un movimiento cultural, algo reflexivo e interesante para el público en general.

Se entiende que la estrategia del grupo *Casa dos Criadores* caminó en el mismo sentido al proponer una convocatoria de arte para poner en evidencia algunos aspectos discriminatorios de la sociedad. Desde el principio publicando un logo conteniendo una simbología tan difundida, como es el caso del logo de *Facebook*, pero también como en la imagen abajo, del puesto del concurso, Paulo Guedes Machado, que trabajó de forma simple, una idea muy llamativa.



HOMOFFOBIA

DESLIGUE ESSA IDEIA!

El símbolo que generalmente encontramos en los aparatos electrónicos para prenderlos (on) y apagarlos (off), pone en evidencia la posibilidad de “*apagar*” la homofobia, transparentando la idea de negatividad en el ser homofóbico, actualmente “*prendida*”.

Es interesante analizar cómo gana importancia la palabra Homofobia, cuando el artista duplica la letra “F” de la palabra, a fin de tornarla *off*, palabra que en la lengua inglesa y que en los aparatos electrónicos indica “desconectar-apagar”. Una idea simple, que pone en evidencia el tema, en un lenguaje también popular.

Aquí se presenta otro gran ejemplo de comunicación por símbolo, partiendo del concepto que la heterogeneidad es constituida por la comunicación humana (Grimson, 2014:3) y que supone configuraciones culturales, en un espacio social con lenguaje y códigos compartidos (Grimson, 2014: 4) estas configuraciones actúan como un efecto de espejo en las redes sociales.

Aunque el símbolo de apagar, no sea común en la red, el arte aquí creado, transfiere necesariamente una idea de apagar a la homofobia, ese tipo de comunicación, suena muy eficaz cuando pensamos en su carácter “procomún” reflexivo y por la posibilidad de que eso no es una imagen que llega al usuario desde la escuela, o de una institución de enseñanza, llega a través del hecho de compartir de un amigo, familiar y/o conocido.

El concepto de procomún como acervo de productos culturales y herramientas para producirlos y ponerlos a libre disposición de quienes deseen usarlos da un vocablo más para designar al tipo de actores que estamos describiendo: hackers. (Canclini, 2014: 15).

Aunque Canclini estudia jóvenes artistas en general músicos y nombra a los *hackers* como responsables por poner herramientas en libre circulación, llama la atención el otro aspecto que el autor también trae, el de colocar libremente en la red un acervo de productos culturales. Aquí se toma como parámetro el concurso “*Homofobia fora de moda*”, que no deja de seguir con la idea de sociabilizar “herramientas” culturales.

El arte producido y/o compartido por el concurso y por los usuarios que de alguna forma seguirán al concurso, hacen el trabajo que Canclini define como “*del trendsetter*”, no para con nuevas herramientas tecnológicas de softwares, pero sí de productos culturales, con lenguaje y expresión de una sociedad de la que hacen parte, éstas no son algo exterior (Grimson, 2014: 2).

Los comportamientos de los artistas visuales crean lo que Canclini, llama “economía creativa”, así como el autor nombra en su estudio acerca del protagonismo que Internet gana en una nueva forma de expansión de divulgación y formas distintas de los artistas de exposición, aquí también aparece el mismo efecto de exposición del arte referente a la comunidad LGBT.

Aunque no se tiene certeza de si todos los autores de los dibujos, siguen una carrera artística, seguramente los que trabajan con caricaturas, tienen hoy en día un espacio más amplio y seguro (en el sentido de exposición) de divulgación en la red, que en los tradicionales periódicos, especialmente si se tiene en cuenta que las nuevas generaciones están perdiendo el hábito de leer periódicos en papel.

“Nada influye más en las decisiones de una persona que la recomendación de un amigo confiable”. (Sibilia, 2008:26). En este sentido, las redes sociales, actúan también como espacio para socializar y recomendar (aunque a veces no directamente).

Seguramente para el primer puesto, el artista plástico Joelson Bugila⁵, autor del dibujo que se muestra en la página siguiente, Internet (red social) y el concurso fueron exponentes sin igual para la divulgación de su trabajo, hoy reconocido, en todo el Cono Sur y Brasil.

Se trata de un dibujo pensado con un lenguaje un poco “más complejo”, en él es posible identificar varios dibujos que se complementan, así como un único dibujo, observado de forma general.



En su forma peculiar es posible identificar una pareja de hombres abrazados y besándose, ya cuando se observa de forma general, el mismo dibujo resulta en un rostro masculino sonriente.

5. En la pagina del artista en Facebook, hay muchos trabajos expuestos:<https://pt-br.facebook.com/jbugila>

Uno de los detalles más interesantes en los trabajos propuestos por el concurso es el cuidado de no tornarse opositor sistémico de lo que es “dominante”. O sea, no se trata de contraponer el comportamiento homosexual como nueva forma “dominante”, pero sí que sea considerado parte de aquello que comprende el ser “humano”.

Si las subjetividades son formas de ser y estar en el mundo, lejos de toda esencia fija y estable que remita al ser humano como entidad histórica de relieves metafísicos, sus entornos son elásticos y cambian al amparo de las diversas tradiciones culturales. (Sibilia, 2008: 20).

Según esta perspectiva, que trae Sibilia, se tiene entonces un dibujo que demuestra interesantemente la elasticidad del ser, hay mucho más para percibir que lo que se aprecia en un primer instante en el dibujo. Como analogía se plantea que; en la subjetividad del ser, en los días actuales; también hay diversas formas tradicionales y que estas también cambian y/o sufren influencia de otros factores.

Es importante resaltar que ninguna de las manifestaciones del concurso pretende “ultrajar” aquellos que se manifiesten diferentes, sin embargo busca mostrar la necesidad de “comprensión” de la condición y de la urgencia de una mirada más “igualitaria”, o a lo mejor, un comportamiento similar o trascendente a lo “convencional”.

Esa condición parece ser de extrema importancia, Alejandro Grimson llama la atención sobre el cuidado que las políticas públicas (aunque acá se refiere a un legítimo reclamo por políticas públicas y no exactamente de una) deben tener para que en nombre de las diversidades, estas no sean “etnizadas” para que aunque exista un reclamo de justicia no se olviden los avances que ya fueron conquistados en la heterogeneidad, en un contexto heterogéneo en que los grupos pueden aliarse, negociar y enfrentarse con la cultura oficial, considerando que la cultura es la base de estos conflictos políticos y que sus actores pueden identificarlos, exaltarlos y desmitificarlos, para entender cómo funcionan los mecanismos de clasificación hegemónicos de la situación actual (Grimson, 2011).

Grimson trabaja con el concepto de “configuración cultural” para abarcar varios campos de posibilidades. El autor ejemplifica con una serie de situaciones que son posibles en determinadas sociedades y que en otras no - al menos no sin represalias por parte de grupo sociales – pensadas como espacios simbólicos en que los grupos se identifican públicamente con determinado modo y que el conflicto social se desdobra en ciertas modalidades y en otras permanece obstruido (Grimson, 2011:173). Por eso, Grimson propone que al pensarse como “ser social” cada individuo trata de encontrar los límites culturales en que los participantes perciben las diferencias en el régimen de clasificación sin definirlos en la condición de intelectual.

El autor desarrolla la noción de “Configuración Cultural”⁶, entendiendo las clasificaciones culturales en la perspectiva de que son más compartidas que su propio sentido, en que determinada clasificación puede tener un sentido negativo o positivo.

6. Como metáfora el autor usa la expresión “caja de herramientas identitarias” que consiste en conjuntos de clasificaciones de una sociedad.

Entiende como “identificación” un sentimiento de pertenencia que las personas tienen a respecto de un colectivo, definido por los actores sociales. Aunque alerta que sobre los “intereses” de los grupos sea necesario mayor desarrollo e investigación, identifica éstos y se refiere a la construcción o articulación de los actores sociales. (Grimson, 2011: 185-186).

En ese sentido, se destaca que aunque el escenario es “negativo” para los homosexuales, la sociedad brasileña también, en ese caso, vive una contradicción sobre el tema, como ejemplos de esa contradicción se cita el gran liderazgo nacional que combate a la homofobia (y otras depreciadas minorías) del diputado Jean Willys de Matos Santos, académico y comunicador, asumidamente homosexual, reconocido a nivel nacional por haber participado de un famoso *reality show* de la tv brasileña y ganarlo por votos populares.

Consideramos que ésta es una de las manifestaciones típicas brasileñas, en que la noción de casa y calle es evidente, una vez que el *reality show* “invade” la casa, por medio de la tv, se pone en evidencia la vida privada (es posible pensar que en el caso brasileño las telenovelas tengan la misma recepción), se puede encontrar en los “personajes” cierta identificación que los hacen familiares, que los trascienden para el ambiente privado, a pesar que está sujeta a las complementaciones de la calle, encuentre o no cierta receptividad e identificación de acuerdo con sus acciones y posicionamientos, juzgados e interpretados de acuerdo con la moralidad de la familia, el “juego” de la complementariedad que menciona DaMatta.

De acuerdo a lo expuesto en el capítulo 3.1, los contenidos que circulan acaban por replicarse en las redes sociales, que posibilitan la discriminación viral de denuncias, opiniones etc. (Cruz, 2014: 121). Es claro que, el hecho que un homosexual asumido gane un *reality show* y después elecciones federales por el Estado de Río de Janeiro (dos seguidas desde 2010) además de ser electo por internautas⁷ el mejor diputado en 2012, muestra el papel de retroalimentación de contenidos que los medios tradicionales y las redes sociales, mantienen, dónde uno lleva al otro, sin jerarquía.

Después de esa experiencia “utilizó” la fama para impulsar su candidatura política, espacio en el que lucha incesantemente a favor de normativas de inclusión y derechos de minorías. Proveniente del Estado de Bahía, conocido por ser uno de los estados con mayor índice de casos de homofobia, es hoy uno de los líderes de mayor relevancia en la política brasileña en el tema de inclusión social.

En el posicionamiento delante de las cámaras, Jean está próximo de lo que Grimson llama “identificación” del público. Aunque en supuesta desventaja por su condición afectiva y partidaria (perteneció al PSOL – Partido del Socialismo y Libertad, de propuestas de izquierda) el público parece identificarse con él y le proporcionó un mandato en la disputada elección federal, o sea, en este caso, su clasificación social resultó algo positivo en contraste con la realidad de la mayoría de los homosexuales en el país.

Hay cierta semejanza con el efecto del humor de las caricaturas, como la siguiente ilustración (de cuatro cuadros) en que se muestra una situación muy peculiar, que significa

7. <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/e-o-melhor-deputado-em-2012-e-jean-wyllys/>

para muchos homosexuales un momento crucial en sus vidas sociales y psíquicas: la declaración a la familia de su sexualidad.

Representada en su primer momento de forma muy convencional, tiene un “final” irreverente en cuanto a la “importancia” del hecho dada por los padres, que reaccionan sin sorpresa:



Tradução Eleições Hoje

Ryan Kramer

TOONRULE.COM

El hecho es que la madre le paga una cierta cantidad de dinero al padre; dando a entender que entre ellos se había tratado anteriormente el tema de la homosexualidad del hijo y hasta habían realizado una apuesa al respecto; y denota que la madre acaba de perderla. Aunque se trata puntualmente de una caricatura que puede ser usada no sólo en las redes sociales, el carácter de “confesión” que tiene, pone en evidencia que la “confesión” es un hecho también en las redes sociales, son canales usados para las confesiones de lo cotidiano de muchos usuarios en conformidad con lo ya dicho por Sibilia:

“A lo largo de la última década, la red mundial de computadoras viene albergando un amplio aspecto de prácticas que podríamos denominar “confesionales”. Millones de usuarios de todo el planeta-gente común, precisamente como usted y yo se han apropiado de las diversas herramientas disponibles on-line, que no cesan de surgir y expandirse, y la utilizan para exponer públicamente su intimidad. (Sibilia, 2008: 32).

Al realizarse una rápida búsqueda en las redes sociales, es fácil encontrar millones de confesiones, de cosas simples, de los sentimientos, etc...Evidencia del surgimiento de una nueva esfera pública, en constante mezcla del público-privado, mas global, autónoma y que convive con ‘otras esferas de carácter más tradicional’ (Valderrama, 2008).

Así, el decir públicamente lo que pasa, especialmente lo que se siente, puede convertirse en algo positivo o negativo para el usuario, al final él puede decir algo y con eso atraer para sí personas que piensen de la misma forma, también puede tener apoyo de gente que quizás tenía miedo de algún rechazo y encuentra en la argumentación pública la semejanza, puede ser que a través de la exposición de un sentimiento logre conmovir a otros usuarios y con esto invitar a la reflexión.

Se asume que la emotividad ayuda a que un individuo se identifique con el otro, eso tiene que ver con el ejercicio de ponerse en el lugar ajeno. Pensando socialmente, esas características pueden generar en personas de posicionamientos más tradicionales acerca de los homosexuales, algunas reflexiones acerca de los prejuicios que tienen y del engaño que es poner a todos en una clasificación estereotipada negativa y así percibir como las condiciones de humanidad son iguales para uno mismo y los demás (en este caso la comunidad LGBT).

Pensando desde esta perspectiva, hay que considerar la posibilidad de un cambio, aunque sea pequeño, de pensamiento y de estadísticas de violencias LGBTQ. Otras temáticas también pueden pasar por procesos como éste.

Según algunos de los entrevistados, una política pública pensada en las redes sociales, seguramente no estaría mal, porque cambian las perspectivas políticas del gobierno, casi como una respuesta a la sociedad, sobre su posibilidad de desarrollo humano. Aunque siempre existirán los opositores a todo y cualquier cambio propuesto sin que esto cambie derecho alguno de nadie, tan sólo incluye a aquellos no asistidos por el Estado y/o con necesidad de que el cuadro social tenga mejor sociabilidad – humanidad.

En contraposición, la super exposición puede generar “ataques” de aquellos que

poseen posicionamientos en contra a lo que fue publicado en el muro. Pero eso ayuda a la persona a identificar entre sus contactos posibles 'desencuentros' en ese sentido y también puede resultar en una ampliación a favor de lo que se propone.

Como se citó anteriormente en el caso de racismo contra una pareja de jóvenes (un chico de piel clara, con una chica de piel oscura) los primeros comentarios despreciativos generaron una cadena de comentarios en apoyo a la pareja y explícitamente en contra de los actos de racismo.

Así se percibe que socialmente, cuando se tiene algún apoyo en cadena, las personas y quienes están cerca de ellas, pueden sentirse más cómodos para ser lo que son y ejercer sus derechos, y de esa forma también trabajar en sus redes de contactos a favor de su propia existencia de ser y estar en el mundo.

La red mundial de computadoras se ha convertido en un gran laboratorio, un terreno propicio para experimentar y diseñar nuevas subjetividades: en sus meandros nacen formas novedosas de ser y estar en el mundo (Sibilia, 2008: 33).

Es como mostrar a sus contactos una parte de la personalidad del propio usuario, que desarrolla las relaciones sociales, fortaleciendo a los contactos más próximos y acercándose a aquellos con mayor potencial de amistad. Este es un hecho muy importante cuando se considera que casi todas las relaciones que se cultivan cotidianamente en Internet o con su celular, son con personas conocidas con la que tienen (o tuvieron en el pasado) un contacto diario u ocasional fuera de la red o conocidos de sus conocidos. (Winocur, 2013: 11).



En la imagen arriba, presenciamos una charla entre padre e hijo, un caso parecido

con el mismo sentido del humor encontrado anteriormente en la caricatura de los padres y el hijo “confesional”. Aquí el hijo expresa sus ganas de casarse con otro hombre, la reacción del padre es que él desea que sea feliz, en el cuadro al lado, en una situación parecida, el hijo habla de sus ganas de ser igual al Bolsonaro (diputado nombrado en el inicio del trabajo, autor de fuertes declaraciones prejuiciosas), el padre por fin asustado expresa un “¡Noooo!” como forma de rechazo. La reacción del padre en el primer cuadro es de “tranquilidad” ya en el segundo es de “susto-miedo y desesperación”. Una situación cotidiana típicamente al inverso, donde lo que comúnmente asusta y es razón de preocupaciones, no está descrita como condición condenada y sí la situación en que el deseo es ser un discriminador, pasa a ser la situación de desagrado. Las caricaturas que tratan el tema sin el tabú que generalmente lo rodea, donde la homoafectividad realmente no tiene “tanta” importancia para los padres, que tratan de asumirla como un hecho cotidiano cualquiera.

Contradiendo la tendencia de la dificultad de lidiar con la diferencia sexual masculina, que en el discurso masivo “debe ser soberana y poderosa” y que el hombre afirma su masculinidad delante de la descalificación (feminización) del Otro (Albuquerque, 2010:29). Como principio argumentativo, la descalificación del Otro, a través de su feminización, es una forma de “aumentar la masculinidad”, esto ocurre con más dificultad para con los homosexuales, cuanto más feminizado más prejuicios sufre, eso es muy evidente entre los propios homosexuales.

Lo mismo ocurre con la ilustración en conmemoración del “**Día de los Enamorados**”, día muy festejado en Brasil y que cada año gana más proyección en los medios masivos y en el ámbito comercial.



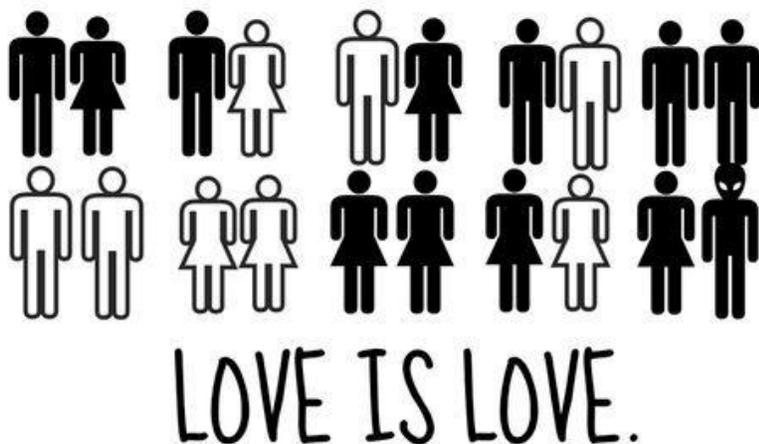
Dia de los enamorados: 1: pareja heteroafectiva,
 2: pareja homoafectiva (las dos declarando las frases: Te amo- Respuesta :También te amo.
 3: Un usuário de la computadora declarando su amor, despues de una clásica frase de un popular antivírus: Las definiciones de vírus fueron actualizadas Respuesta: También te amo.

Así como hay las parejas heterosexuales que cotidianamente hacen declaraciones en el espacio público, la pareja homosexual también lo hace, al igual que el “enamorado” de la computadora en el momento en que escucha una famosa frase emitida electrónicamente por un software de antivírus muy popular. Es como decir, que cuando hablamos de amor, el

sentimiento es más importante y debe sobresalir a lo que tiene que ver con, quién, cómo y cuándo, seguramente todos merecen respeto. El humor aquí está mucho más relacionado con el uso de la computadora, como un caso de amor, esa situación interesante, pone de igual forma todos los amores, y la pareja de homosexuales que podría en otra situación “generar” algunos rechazos del público y pasa a ser visualizada en igualdad a la pareja heterosexual.

Las caricaturas, contienen mensajes con cierta dosis de humor y reflexión, tal como Doris Sommer evidenció acerca del ex alcalde de Bogotá (Colombia) Antonas Mockus, sobre la necesidad de llevar el arte a la “discusión” del proceso educativo. En este caso es posible percibir nítidamente cómo las caricaturas muestran lo común/normal y típico en el sentido común del público, de que la condición humana de amar es diversa.

Mas allá de los prejuicios sobre si es correcto o no el uso de los lenguajes sobre el tema, es necesario evidenciar que ambas realmente sostienen la idea de heterogeneidad como positiva.

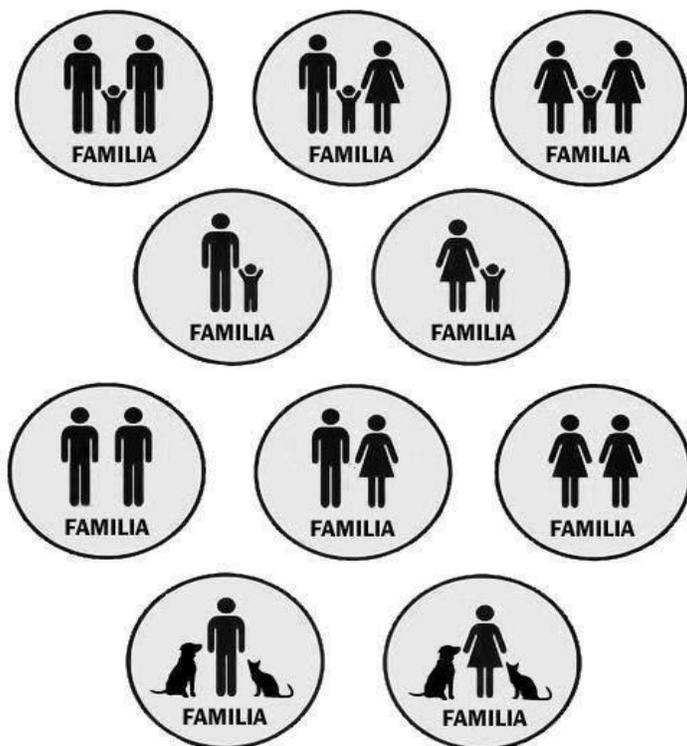


En la imagen de arriba, se pueden identificar muñecos retratando hombres y mujeres en los colores negro y blanco, con el nítido sentido de representar las innumerables posibilidades de formación de parejas, combinando entre blancos y negros, entre hombres y al final entre mujeres y un supuesto extraterrestre (característica imaginativa del formato de la cabeza y de los ojos del muñeco que lo representa). Esa cierta dosis de humor funciona muy bien para romper con el habitual rechazo primario al mensaje de la caricatura.

Decir que “el amor es amor” es una forma muy interesante de comunicación y rompimiento de la lógica vigente. El arte del humor generando el concepto de “economía creativa” propuesto por Canclini (2014) de lo que se puede pensar, que forma parte de un brazo de la industria cultural, ya que trabaja ideas, formas y cotidianos.

La siguiente ilustración también tiene una propuesta semejante a la anterior, pero trata de poner en evidencia, no sólo a parejas sino a familias enteras. Y como no podría

ser distinto, pone conjunciones de grupos de familia con las diversidades más comunes y conocidas, todas en un mismo formato de círculo para demostrar la igual condición entre seres vivos y el entendimiento de una unidad afectiva que constituye una familia para aquellos que están en el círculo de afectividad.



Aunque la ilustración aborde el tema de sexualidad en su forma tradicional, el lenguaje simple, nuevamente, trata de evidenciar la multiplicidad humana.

Alejandro Grimson en *Los límites de la Cultura*, representa a través del relato bíblico de la Torre de Babel una introducción a la reflexión del entendimiento de la homogeneidad como algo divino y a la heterogeneidad como típico humano, siendo que la diversidad (en conformidad con ese discurso) es tenida como un castigo divino.

En la siguiente ilustración aparece una bandera de siete colores, símbolo adoptado por comunidades LGBT de todo el mundo, donde cada color contiene en un primer momento una frase en primera persona, refiriéndose a la diversidad de sexualidades, pero en un segundo momento se define como un humano, concluyendo que todas las menciones anteriores son igualmente humanas.

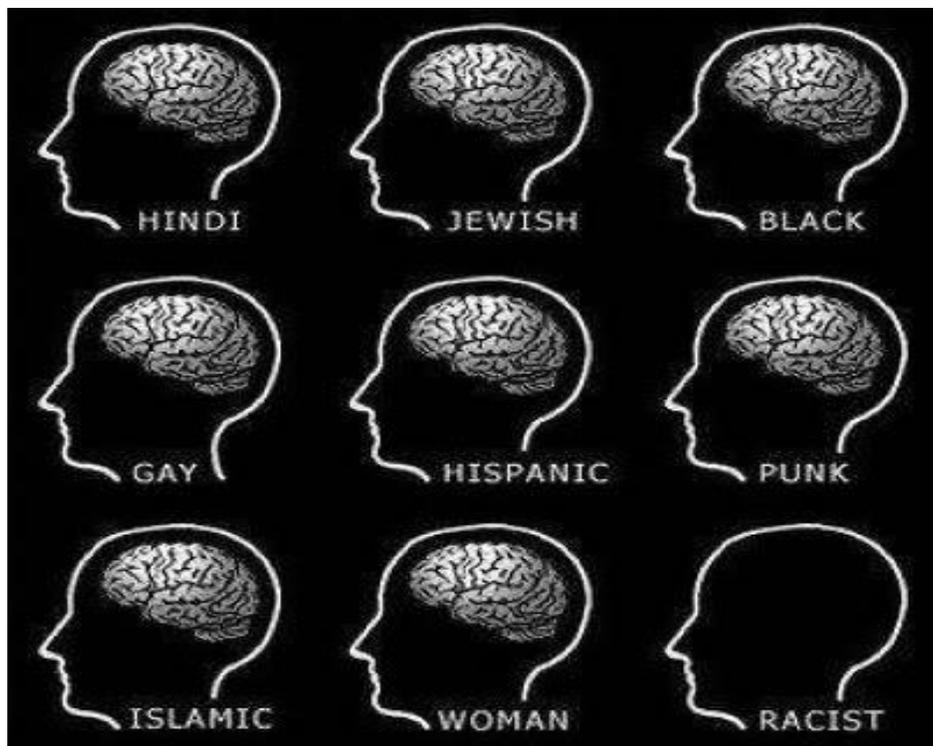


En los casos ejemplificados anteriormente, el arte asume el papel de “proponer la ruptura” de la lógica, que no explicita que la heterogeneidad (y su diversidad) es divina, pero trascendente en la idea de que son benéficas y comunes a todas las situaciones, que no hay distinciones en aquello que se puede expresar respecto del amor.

Más que tratar aquí de poetizar sobre el amor, se considera que el arte asume en estos casos, una función similar a lo que Grimson plantea acerca de la teoría de DaMatta, sobre el papel de la antropología y de los intelectuales de transformar lo familiar en exótico y lo exótico en familiar. Aunque ambos estaban pensando en la cultura y que esa función de tornar familiar aquello que es exótico y *exotificar* el común es una de las utilidades/objetivos que deben asumir los estudios científicos sociales frente a la sociedad, el arte en este caso, cobra importancia en el sentido de que hace evidente su contribución a las políticas públicas y los reclamos sociales.

Grimson afirma que con las transformaciones tecnológicas, los mensajes y símbolos se traspasan, tomando la heterogeneidad más original que visible, uno de los problemas al clasificar los grupos de personas por culturas de acuerdo con el espacio físico como el gran definidor de las fronteras culturales, en la relación de nacionalismo y cultura. Claro que Grimson hacía referencia a un contexto más amplio y de territorialización, que abarca un número mayor de diversidad que el tema de este trabajo, por esa razón su reflexión, sirve como soporte para pensar en todas las llamadas capas de la diversidad.

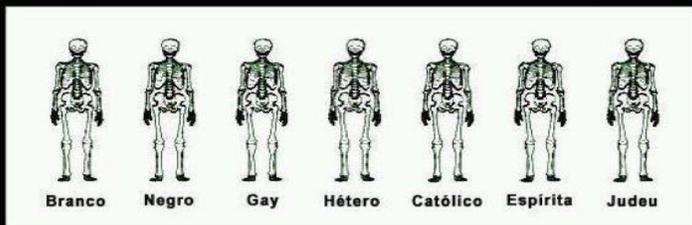
La siguiente ilustración abarca la tendencia a ubicar grupos humanos en regiones específicas de las metrópolis mundiales, como *guetos* o aún barrios enteros.



Aunque la ilustración se refiere a los grupos fuertemente estereotipados, va un poco más allá, pone a todos en su forma anatómica con un cerebro igual, por lo tanto una misma capacidad de razonamiento, menos aquél que practica el racismo.

Es importante destacar que esta ilustración es de origen inglés, por lo tanto la perspectiva del racismo se asume desde su significado en este idioma. La dinámica del lenguaje sugiere “racism” como cualquier tipo de discriminación, a diferencia de “racismo” que se hace específica sobre la discriminación racial dejando de lado a los homosexuales, punks, mujeres, islámicos y judíos (estos últimos en su mayoría son entendidos como religiosos).

ENTENDEU A DIFERENÇA?



OU QUER QUE EU DESENHE MAIS?

La última ilustración es aún mas interesante, también en el sentido de evidenciar que la condición de “discriminador” – racista” puede abarcar a los propios discriminados, o sea, la diversidad abarca también, mujeres afro lesbianas, judíos homosexuales, etc. y cómo éstos también sufren discriminación. Por lo tanto transmite la idea de que todos los seres humanos poseen la misma capacidad de reflexión, pero ésta se “pierde” cuando se usa para discriminar.

De igual forma en ambas figuras se puede pensar al respecto de esta condición, una vez que ésta última pone en evidencia a los estereotipos sociales, delante de la condición de que todos tienen una estructura idéntica que se refiere al esqueleto humano, tal cual se evidencia en el caso del cerebro.

Aunque esta imagen no pone en evidencia a aquellos que actúan de forma prejuiciosa como la anterior que destacaba una diferencia física (la falta del cerebro). Sin embargo, al hacer justicia moral a la pregunta si determinado usuario entendió cuál es la diferencia entre los llamados blancos, negros, homosexuales, heterosexuales, católicos, espíritas y judíos, se puede nítidamente transmitir el mensaje de una “condición humana” igual para todos, independiente de sus credos religiosos, características físicas y ejercicio de la sexualidad. Estas dos últimas caricaturas tienen algo aún más interesante, que es la forma de hacer pensar una igualdad anatómica, de razonar sobre la desigualdad social, es interesante cuando lo que es retratado demuestra algo que está en el cotidiano, delante de todos, sin embargo con el arte lo hace más visible. Especialmente porque es difícil crear conciencia sobre las cosas que están demasiado cerca (Winocur apud Silverstone, 2013b)

Parece que cuanto más significativa y esporádica se pone en evidencia la personalidad en la red, más visible se hace. Se considera que si un usuario sube a todo momento cosas en su muro de Facebook, seguramente será de alguna forma invisibilizado por gran parte de su público, simplemente porque sus *posteos* no tienen ni tiempo para ser

visualizados, un bombardeo de información sea cual sea, saca la curiosidad presente en los usuarios de Facebook por ejemplo, ya que es “casi siempre lo mismo”.

Quizás sea posible plantear la idea de que las performances más eficaces, aunque constantes deben permanecer cierto tiempo fuera del mundo virtual en algunos momentos intercalados, haciendo más evidente la presencia en el mundo virtual.

Es interesante resaltar que en el presente año (2014), en Brasil ya hay leyes contra la discriminación por el color de piel, violencia contra las mujeres y de libertad de religión, estos últimos judicialmente no entendidos como racismo. Sin embargo, no hay leyes de criminalización contra la homofobia.

Aunque eso no signifique la no existencia de los crímenes que abarcan tales leyes, pero la simple existencia de ellas es una importante herramienta de “protección” y justicia ofrecida por el Estado, que es responsable directo según la propia constitución del país de proteger sus ciudadanos independientemente de sus características físicas y dogmas religiosos, al menos teóricamente, cuando se plantea un Estado democrático y más laico.

En 2014, en la campaña presidencial los candidatos favoritos Dilma Rousseff , Aécio Neves y Marina Silva, tenían posiciones distintas sobre el tema de la criminalización de la homofobia, Dilma dijo ser favorable, Aécio dijo que es un derecho que la sociedad debe pensar, sin profundizar mucho, y Marina Silva (neopentecostal) empezó su campaña con un posicionamiento favorable (heredado de la candidatura de Eduardo Campos, que murió en un sospechoso accidente aéreo), pero excluyó su posicionamiento a pedido del líder neopentecostal Silas Malafaia, gran crítico de la comunidad LGBTQ.

La ilustración siguiente es referente al grupo *Mulheres do Barricadas*, ilustra una convocatoria para una marcha pública de forma simultánea en contra del machismo, del racismo y de la homofobia.



Mujeres do Barricadas, hacen parte de una organización llamada “Barricadas abren Caminhos” (HYPERLINK “<http://barricadasabremcaminhos.wordpress.com/>” <http://barricadasabremcaminhos.wordpress.com/>) con fuerte presencia en el medio académico y actuación en movimientos sociales, conocidas por apoyar una serie de proclamas sociales, como paros universitarios, legalización del aborto, software libre y reforma universitaria.

El grupo *Barricadas* actúa fuertemente en las instituciones educacionales de enseñanza superior, luchando por mayor diversidad curricular, derechos, espacios de expresión y actuación pública de esas instituciones, especialmente teniendo como base la propagación de las ciencias humanas en todos los niveles de la propia institución y de su

comunidad.

Sobre el papel de la educación y las ciencias sociales, Martha Nussbaum en *La crisis silenciosa* (Sin fines de lucro: por que la democracia necesita de las humanidades) revela la urgencia de pensar la progresiva erradicación de las ciencias humanas en gran parte de los currículos mundiales, así como la extrema preocupación con el exceso de estatus tecnológico y la problemática que de eso resulta cuando pensamos en los vínculos directos que las artes y humanidades pueden asumir en la capacidad del desarrollo crítico y en el crear “ciudadanos del mundo”, al punto de imaginar las dificultades del prójimo.

Admite que la educación no ocurre en la escuela (Instituciones de enseñanza en general) y que para tener una democracia es necesario que sus ciudadanos sean educados para eso, con base en el contexto actual, el propio discurso económico por sus relaciones más variadas y globalizadas, resulta en relaciones cada vez mas interdependientes, por lo tanto la educación cívica y el crecimiento de la economía, tienen responsabilidades por igual.

Así, se considera que el grupo *Barricadas* es un agente social activo, que ejemplifica la lucha de la cual Nussbaum escribe en su obra. La convocatoria de *Mulheres do Barricadas*, se dio a través de las redes sociales, sin proyección masiva de los medios, y demuestra ya en su título la necesidad constante de cómo se percibe la discriminación como un todo.

La condición de la convocatoria ilustra un poco de aquello que puede ser pensado como “jerarquización” de la discriminación, que pueden sufrir los discriminados incluso por otros discriminados.

Como ejemplifica por su historia personal y de investigación social, la activista mujer-afrodescendiente y homosexual en sus palabras, Ochy Curiel en: *“Identidades esencialistas o Construcción de identidades políticas; “El dilema de las feministas afrodescendientes”*, donde lo que llama atención es la narrativa de sus entrevistadas para con el tema de la “fragilidad femenina” y de la posición de afrodescendientes, narrativas que juegan en el rol de la “escala del poder” entre blancos y negros y entre masculino y femenino.

Una vez que la mayor parte de los casos de discriminación toma como discurso una “sobreevalorización del blanco” sobre lo que el racista entiende como “no blanco”, de un sexismo que “sobreevalora” el masculino sobre el femenino y dentro de esa valorización, la heterosexualidad sobre la homosexualidad, mediados por una sociedad de rol religioso que se mantiene en un discurso de conservación de los papeles sociales que cada sujeto debe asumir frente a todos.

En la condición de mujer, afrodescendiente y homosexual, el dilema de la “dominación” por parte de un otro, es tan intenso que quizás sea incapaz de ser descrito por alguien que no lo vive en toda su complejidad.

En este aspecto podemos concluir que la discriminación cuando existente, en razón de la forma en que se da el deseo sexual, también puede estar agregada a las otras formas de prejuicio, o se aísla en conformidad a la situación social en la cual los sujetos están

insertos.

En esta perspectiva Grimson con referencia a Antonio Gramsci, hace referencia a la importancia de pensarse en la naturalización de las diferencias y su uso en cuanto a la propia diversidad en que los que discriminan usan los mismos o parecidos argumentos que los discriminados para legitimar su forma de división y/o repertorio, así como se debe considerar la desigualdad de poder entre las personas y los grupos, los procesos de sedimentación y estructuración, heterogeneidad cultura de los grupos que construyen identidades homogéneas y distribución socioeconómica.

Como se mencionó anteriormente Grimson alerta sobre la importancia del cuidado que las políticas públicas deben tener para no transformarse en “etnizadas”, para dar cuenta de poner en escena el debate y la lucha.

Contexto heterogéneo en que los grupos se alían, negocian enfrentándose con la cultura oficial, considerando que la cultura es base de esos conflictos políticos y que sus actores pueden poseer mundos imaginativos similares o no.

Esas configuraciones culturales son entendidas como campos de posibilidades, que Grimson ejemplifica como una serie de situaciones que son posibles en determinadas sociedades y en otras no (no al menos sin represalias por parte de grupos sociales) pensando como espacios simbólicos que los grupos se identifican públicamente con determinada forma y que el conflicto social se desdobra en ciertas modalidades y en otras permanece obstruido.

Por lo tanto, es importante considerar que las redes sociales, a pesar de toda su estructura y lenguaje diferenciado (o posibilidad de lenguaje diferenciado) continúa sujeta a los conflictos “externos” y las relaciones de poder y diferencias, aunque posibilite una gradual “desnaturalización” de las cosas y que se debe tener el cuidado para no etnizar las luchas, con la momentánea seguridad de “autonomía de la individualidad protegida”, a la que se refiere Thompson.

Al observar la ilustración abajo, aparece un argumento que rompe con la lógica de los anteriores, una mujer homosexual estereotipada, diciendo al teléfono que no podrá ir a trabajar porque continúa siendo homosexual, frente al discurso de que la homosexualidad es una enfermedad, un discurso lamentablemente muy común.

Se homossexualidade é doença...



Si bien, el mensaje también se da con irreverencia, pero un tanto peligroso al tener en cuenta la moral vigente que “lo escucha”, atribuyendo un cierto desaliento en que presenciamos que la joven “tiene una excusa” para no comparecer al trabajo.

Independientemente de la naturaleza política y de lo que los individuos pueden pensar acerca de lo que es trabajo, es innegable que está relacionado con otros aspectos de la cotidianidad, sobre los cuales incluso, es posible pensar en un “reordenamiento” de las condiciones materiales y morales.

Por lo tanto el mensaje ilustrado puede contribuir a decantar aún más el objetivo por el que lucha un grupo, como alerta Grimson.

Si las diferencias son marcadas por los estereotipos, entonces es necesario cuidar el trabajo con el público para no contribuir a una mayor propagación del estereotipo.

Uno de los riesgos de trabajar con los estereotipos, y consecuentemente con las moralidades, es la ambivalencia de formas en que un discurso puede ser interpretado, tanto para aquellos que son “indiferentes” a una política pública, como para con aquellos que son “defendidos” por la misma.

Una vez que los estereotipos deben ser pensados como una forma de violencia, al pensar en una política pública, es necesario cuidar la tenue línea que separa; nada diplomáticamente; aquello que podrá asumirse como violencia.

Hay grupos que se sustentan por la moral vigente y estos tienden a entender nuevas formas de discursos emancipadores como una “violencia” contra sus creencias y valores. Aunque sean propagadas las razones de la necesidad de un Estado – sociedad igualitaria en lo que tiene que ver con la actuación de sus poderes.

Stuart Hall hace un análisis muy interesante en “*El espectáculo del Otro*”, con ayuda en especial del psicoanálisis sobre la importancia del Otro, para la propia construcción de

significados y desarrollo de una narrativa sobre la “diferencia” que hace parte del orden simbólico de la Cultura, en que el autor señala el aspecto de ambivalencia – positivo – negativo que las diferencias con el Otro toman dentro de las representaciones sociales.

Obra que desarrolla el tema del racismo y su representación de aproximación de la naturaleza y del primitivo, analizando la construcción de la exclusión, de las relaciones de estereotipo y de poder, fantasía y fetichismo. Que marca cuánto la tipificación se hizo esencial para la producción del significado, con los estereotipos de las relaciones de gran desigualdad de poder, teniendo como referencia que la hegemonía ideológica es ejercida como forma de gobernar, considerando el estereotipo como una violencia simbólica. (Hall, 2004).

Así como Hall ejemplifica sobre el estereotipo del “no europeo” y de la fantasía de masculinidad, infantilidad del hombre afro y de la común posibilidad de éste verse inconscientemente reproduciendo y/o afirmando tal estereotipación (Hall, 2004:434). La imagen de la joven que se niega a ir a trabajar, alegando estar enferma (discurso de que la homosexualidad es una enfermedad en cuestión) también transforma una “reivindicación” en una afirmación del mismo y/o hasta abre espacio para la formación de otros estereotipos.

Si la estereotipación por parte de los estereotipados es peligrosa para el tema, mas evidente es la dificultad de tratar el mismo tema, cuando la opresión se presenta victimizada.



En la ilustración arriba, se muestra un mensaje muy común, especialmente entre los defensores ortodoxos de creencias religiosas que condenan discursivamente la homosexualidad y aquellos a quien ellos identifican simpatizantes y/o practicantes.

Con el argumento de la libertad de expresión, grupos e individuos oprimen socialmente sus “diversos” y no “permiten” derecho de respuesta, de reivindicación.

En el caso ilustrado se trata de un ataque moral y físico – este último en verdad ocurre con menos frecuencia cuando la opresión parte de religiosos – y en el simple hecho de defensa del “oprimido”, el opresor se auto victimiza, dando mayor soporte moral al grupo que simpatiza con él y criminalizando aquel al que oprimió.

Este tipo de abordaje permite cierto alivio del dolor vivido:

Ser testigo, sino también protagonistas del dolor propio y ajeno, permite ventilar ese dolor, fuente de consuelo disponible, aliviar el sufrimiento social y personal (Winocur, 2013: 1).

El dolor que menciona Winocur no tiene que ver tan sólo con el aspecto físico donde es el cuerpo quien responde, sino la psiquis, el sufrimiento social.

Es posible encontrar casos en que los personajes están en oposición a esta figuración, entre atacante y atacado, sin embargo es evidente que se trata de excepciones.

Son recurrentes ataques discursivos morales para con el grupo LGBT por parte de líderes religiosos especialmente en la televisión abierta. Y son pocos los momentos, cuando existen, de espacios reservados para el pronunciamiento de los movimientos en defensa de la criminalización de la homofobia. Y por eso las redes sociales, asumen una importancia como medio en la lucha contra la homofobia y a favor de la criminalización de ella, aunque sus resultados, efectos y rechazos deban ser estudiados y analizados más profunda y frecuentemente.

Dentro de la heterogeneidad siempre existirán grupos que no estarán dispuestos al diálogo y por eso es necesario cuidarse de romantizar las relaciones y sus configuraciones culturales, con el instinto, consciente o no, de crear un escenario de “paz y amor” que no existe.

Por eso es peligroso interpretar las intervenciones sobre la cultura con la creación de conceptos y teorías elaboradas en un espacio de cientificismo académico, o sea, hay pensadores sociales, que no salen de la oficina, que poco buscan en la cotidianidad sus observaciones, aunque las teorías ya existentes tienen mucho por decir, a veces para encontrar una pequeña diferencia estructural es necesario escuchar directamente a los involucrados, sea a través de la exposición del sufrimiento, sea con humor u otras posibilidades que pueden surgir en las redes sociales y *off line*.

Hay ventanas abiertas entre lo público y lo privado que pueden servir de nicho para nuevas oportunidades de investigación, análisis, actuación y proyección de políticas, un canal mas cercano de los políticos que las necesitan, de forma casi involuntaria y que ya dan señales de que por su “libertad performática” pueden ser medios alternativos de las minorías y hasta de mayorías que rompen simbólicamente con la “dominación” que sufren.

Por lo tanto las redes sociales, pueden servir a los usuarios como un canal de emancipación, a veces un movimiento que viene desde adentro, que refleje directamente el mundo *off line*.

CONCLUSIONES

Quizás sea posible en la brevedad y complejidad de una investigación con base en la observación de perfiles, con entrevistas y análisis de las caricaturas, considerar algunos importantes hechos en relación al uso de las redes sociales.

Considerando los argumentos presentados por los autores descriptos en este trabajo, que sigue la idea de que los sujetos se representan y construyen su dimensión singular en un espacio público, con el acceso en sus casas, dotados de seguridad, en una sociedad como la brasileña, en que la relación casa y calle está dotada de una diferenciación de seguridad y de formas de ser distintas, de complementariedad con base en el Otro y que exalta aún más la noción de autonomía de la individualidad protegida; entendimos que esa noción de autonomía protegida, esa *performance* (desempeño), representa una medida necesaria para constituirse como sujetos en público. Por eso también consideremos que estos aspectos asumen aspectos políticos y psicológicos importantes.

Una vez que las performances del sujeto posmoderno están pautadas en el saber del Otro, o sea, se mira al Otro para evaluar si las acciones tendrán o no buena recepción. Así las redes sociales constituyen (al menos para la gran masa de brasileños que participan de ellas) una importante herramienta de sociabilidad, de experimentación de la vida social, de juzgar etc... al público de acuerdo con sus criterios privados y de la misma forma evidenciar los criterios privados en el dominio público.

La intersección de la calle y de la casa, del espacio público y el espacio privado, son complementarios y las relaciones de las redes, ficticias o no, extremadamente performáticas o no, actúan directamente cuando se experimenta la vivencia del colectivo.

Es muy común en la comunidad LGBT que por las redes sociales, puedan expresar sus sentimientos, miedos y luchas, como una forma más “segura” y/o de desarrollo menos tenso, de la capacidad de entendimiento y aceptabilidad de las personas de su entorno, de su condición afectiva/sexual homoerótica, y así reconocer en ell@s el respeto que deben a cualquier persona.

No es que eso sea una regla, pero cuando hay un entorno de amistad en que muchos están conectados, todo y cualquier dato puede ser usado como razón del rechazo colectivo. Y si la persona que sube al facebook, caricaturas y dibujos con humor, de una condición que defiende, es como decir con “cariño” que la condición sexual de uno, no cambia el carácter ni las condiciones de tener buenos y malos sentimientos en iguales condiciones a cualquiera que esté mirando su facebook.

Por eso, poner en público, en debate, la diversidad de esos desmembrados sujetos modernos, cada día más sumergidos en la lógica del fin de los discursos es importante y tiene buenas posibilidades de ayudar en el desarrollo de una mirada colectiva más dinámica, más libertaria para la comunidad LGBTQ.

Así podemos considerar que las redes sociales son buenos canales de comunicación para reivindicar una sexualidad distinta y promover su tolerancia, respeto y aceptación. Eso no equivale a decir que el lado negativo de la exposición deje de existir, pero sí quiere decir

que el medio aproxima a las personas que pueden apoyar a esa otra persona, por lo menos en regiones urbanas brasileñas, más allá de la repugnancia, cuando pensamos en el uso del humor como herramienta de comunicación.

Tenemos como evidencia, según el discurso de los propios entrevistados, que es posible pensar en una política pública a favor de la comunidad LGBTQ también en las redes sociales.

Aunque es evidente que lo que se desea profundamente, es que el estado brasileño tenga políticas para la comunidad, ya que es sabido que prácticamente no hay políticas de estado para la comunidad LGBT, pero todas las propuestas en este sentido siguen sufriendo un fuerte rechazo por parte de la bancada política conservadora y las pocas políticas que existen están involucradas más con las cuestiones de la mujer (obviamente no estamos hablando nada en contra eso) pero no alcanza para proponer pensar en menos violencia, menos prejuicio contra la comunidad LGBTQ.

Para los militantes entrevistados el feedback es más positivo que negativo en la red. Eso demuestra que trabajar con el humor es un buen camino para flexibilizar los prejuicios, y a lo mejor hacer con que el desarrollo del pensamiento los *ablande* socialmente.

La red representa una posibilidad de hacer pensar en el tema, porque es cada día más evidente la importancia que las redes asumen en gran parte de la sociedad brasileña.

La cultura se percibe como agente dinámico, susceptible a rupturas, con flexibilidad, tolerancia y humor. Las configuraciones culturales y los campos de posibilidades de heterogeneidad de la cultura brasileña, con su capacidad expansiva e históricamente entrelazada con el “diferente”, con el híbrido “genético”, religioso, idiomático y moral, hace posible el típico sentimiento de pertenencia e identificación casi familiar (complejo, contradictorio, expansivamente exaltado o negado) que sienten los brasileños fuera de sus *hábitats*.

Es decir, grupos socializados de formas distintas, pueden hacer uso de la “autonomía de la individualidad protegida”, para con una “*performance*” crear la posibilidad de emancipación psicológica y social.

La creación de una política pública planteada sobre la plataforma de las redes sociales, se torna algo admisible, una vez que es cada día más nítida la influencia y preferencia del público brasileño por el uso de estas redes.

Considerando que Internet y las redes sociales son nuevos mecanismos de comunicación, es justo y necesario que el Estado también pueda tener presencia en el mismo, y al considerar que actuar con educación y cultura es actuar en el pensamiento social colectivo, nos parece interesante considerar las redes sociales como medios que actúan de forma personalizada en el colectivo, con efectos sociales interesantes y así considerarlas como un nuevo camino posible.

Así como se refleja en las entrevistas, donde todos los entrevistados afirman que existe la necesidad general y que una posible política pública para la comunidad LGBTQ en las redes sociales, es bienvenida y benéfica.

La cantidad de nuevas prácticas y estudios, en el área de relaciones públicas, marketing y e-commerce, que tiene efecto sobre los usuarios de las redes sociales, sólo demuestran que el “mercado” identificó un medio de comunicación que realmente actúa sobre los individuos. Lo que demuestra la posibilidad y fuerza psico-social que pueden asumir las redes sociales, al juzgar que el mercado tiene como máxima la selección y el uso de todo aquello que puede servir para propagarse.

Aunque esté claro que las intenciones de consumo del mercado no coinciden exactamente con las políticas públicas en general y “quizás” menos aún con las de derechos humanos, al menos estos nuevos movimientos de las áreas de informática y administración, demuestran que se avanza hacia una posibilidad de comunicación muy interesante.

En ese sentido se abre la evidencia, la posibilidad de la presencia del Estado actual en el medio. Cuando defiende una mayor posibilidad de comunicación de ámbito público, tales como tv pública, radios comunitarias, etc... donde los discursos pueden contraponerse a los dominantes, también se hace evidente la necesidad de dar voz a aquellos que no están representados. En la red social, el camino es parecido, aunque la responsabilidad de propagación sea transferida al individuo y esto pasa a ser identificado.

Los riesgos que pueden existir al asumir una política pública en las redes sociales, son parecidos a los presentados en las redes de televisión, una vez que al hacer uso de un lenguaje adecuado para tal fin, en conformidad con una legislación que puede prever y ordenar una acción de “intervención” de acuerdo con grupos minoritarios, no hay porqué considerar más o menos arriesgado una política pública por estar en las redes sociales.

Los riesgos son los mismos que en el juego político: se puede optar por mantener el *status quo*, o por posicionarse delante de un proyecto político diferenciado para con los derechos humanos. En ese sentido, políticamente hablando, poco importará si fueron tomadas decisiones sobre bases de Internet, radio o televisión, lo que se evidencia y está en juego son las ideas de la política pública y el amplio ejercicio de diplomacia de las relaciones públicas. Si a través de las redes sociales tienen la posibilidad de acercarse al público, sus perfiles son contactos directos con el público de la política pública y/o que está cerca del público.

Lamentablemente hasta el presente momento, el Estado brasileño poco camina en el sentido que proponemos, al contrario, aunque el poder judicial ha intentado avanzar en lo que tiene que ver con el derecho ampliado de unión civil, adopción etc, en general todo eso se dá como aplicaciones puntuales por casos específicos sólo en cuestiones de justicia.

Ya las bancadas del senado y del congreso, nunca fueron tan conservadoras desde el período de la dictadura militar.

La mezcla novedosa entre lo público y lo privado que crea nuevos parámetros con el surgimiento de las redes sociales y que todavía tiene “espacios” por descubrir, es inteligible como un canal de comunicación sin igual, direccionado a los perfiles de comportamiento.

Es en ese tipo de posibilidad que encontramos la brecha para promoción de la

heterogeneidad, por que pensamos ser justo ahí, donde sí puede percibirse que el otro no es tan distinto (es óbvio que no estamos negando la existencia de movimientos conservadores en la red) pero es como si por los contactos que uno tiene, que el amigo tiene etc... sea posible pensar en la observación entre los perfiles y que de eso sea posible la reflexión de la heterogeneidad que compone la sociedad también en los términos de sexualidad.

Para un individuo en determinadas condiciones de aislamiento social, la red asume muchas veces una gran posibilidad de interacción con un “mundo” en que él no se identifica.

Las nuevas posibilidades de lazos, interacción e integración sobrepasan cualquier frontera política (Silva, Campo, 2014: 9).

Esa nueva esfera pública en las redes sociales permite por ejemplo avisos dirigidos, que no son necesariamente invasivos, son posibilidades de una conversación entre los usuarios y las instituciones del Estado. Se hace necesario considerar a las redes sociales como una posibilidad de estar más presentes en la vida cotidiana de la población a la que se quiere llegar por lo menos esa posibilidad es evidente en la sociedad brasileña.

Eso sin decir que, iniciar una campaña puede unir muchas más personas interesadas en exhibir su entorno social, vale recordar el éxito obtenido por la campaña presidencial de la propia presidente brasileña, que tuvo amplia divulgación en las redes sociales, hecha por profesionales del marketing, informática y analistas políticos, además del personaje ficticio “Dilma Bolada” que asumió gran popularidad en la red. Ejemplos estos de que crear y propagar proyectos políticos, no sólo es viable sino también puede ser extremadamente eficaz.

Eso hace posible pensar que cuando los individuos pueden “exponer” sus puntos de vista en las redes sociales y debatir las condiciones “no privilegiadas” de una minoría, están actuando políticamente; aunque sus condiciones, la eficacia y la representatividad pueden no cambiar, o ser puestas en cuestión, las redes sociales van a representar para sus pares una asociación directa con la “realidad social” a la que pertenecen.

Las redes sociales son nuevas y constantemente sufren cambios, las tentativas de control de Internet y/o las llamadas regularizaciones pueden cambiar muchas cosas, pero en una sociedad como la brasileña, donde la sociabilidad, performática o no, tiene una importancia fundamental en la vida de las personas, ésta pasa a ser también, una de las nuevas formas de comunicación masiva y debe ser entendida como tal, debe ser pensada también para con lo que se piensa a respecto de aquellos que viven en la “marginalidad social”, para no reproducir aquello que ya es dado en un social *offline*.

Cada día más, percibimos que son muchos los movimientos que tienen la red como una herramienta importante, algunos de ellos son casi exclusivos de la red y el público de la red es mucho más expresivo. Para la comunidad LGBTQ este es un escenario en que Internet asume una enorme importancia para el desarrollo de las reivindicaciones, sin embargo los entrevistados nos aclaran que no es el más importante mecanismo, tampoco sustituye las otras formas de militancia anteriores a la Internet, o sea, la red es usada como forma de avance, como un canal más de comunicación.

Así siendo, una política pública para la comunidad LGBTQ, en las redes sociales es posible, no para sobrevalorar a la comunidad, pero sí para darle un poco más de voz, para trabajar con el imaginario social desde dentro de la propia comunidad, una vez que son muy pocas las iniciativas estatales.

Las redes sociales abren un espacio donde la falta de certezas pueden ser amenizadas y/o exaltadas, pero que pone a todos en un cierto “grado de igualdad”, referente a otros medios de comunicación; donde es posible usar del espacio tanto para denigrar como para exaltar la imagen humana y es en estas situaciones que la moral presente en los usuarios se dá.

Es esta posibilidad de ver, de presenciar en el *status* de Facebook, que su semejante ya puede abrir un espacio de reflexión sobre lo que se propone, cosa que poco o nada se ve en los medios de comunicación lineales.

Como las relaciones cultivadas en las redes son con personas conocidas y conocidos de conocidos; abre espacio para un efecto en cadena; de reflexión acerca de los prejuicios que sufren los individuos de la comunidad LGBT.

Las redes por si solas no trabajan la cosmopolitización de forma muy extensa, pero si se argumenta que una eventual política pública orientada, trabajada con humor, con aspectos de la estética, hará diferencia entre los contactos del usuario, ser gay y salir del closet por su perfil, o hacer defensa de puntos de vista que lo hacen más adecuados a su vida, seguramente es una buena opción de comunicación y desarrollo de un cuadro socialmente menos homofóbico.

Más que defender la posibilidad del uso de las redes sociales, como objetos de estudio y actuación de posibles políticas públicas, queda claro que su nueva importancia para la generación que encuentra en ellas una posibilidad de “expansión social”, de proximidad y demostración de descontento, de sentimientos, de angustias que se da a nivel individual, pero colectivamente identificable.

Exaltamos estos aspectos, una vez que la tendencia de las redes sociales es la de mostrar sólo momentos en que sus usuarios son “fuertes” y “felices”, cuando el usuario abre las puertas para demostrar lo contrario, también esta socializando algo muy significativo que puede ser tan o más verdadero que sus momentos de “felicidad” compartidos.

Cuando el usuario expresa su dolor, sus sentimientos más frágiles, que son comunes a todos, pone en evidencia la emoción individual a sus pares, esa posibilidad de hacer público lo que cada uno siente, consciente o inconscientemente, abre espacio para que otros usuarios que conviven o no directamente con el usuario que subió en su red algo en este sentido, de ponerse en el lugar del otro, tenga mayores posibilidades de pensar acerca del tema, y de esa forma resulta en un mayor desarrollo de la presión política en la esfera pública.

En Brasil, recientemente, las redes sociales fueron usadas por la extrema derecha para militar en contra el gobierno de Dilma, hubo muchos movimientos agregados que

hicieron paros en todo el país, en su gran mayoría llamados por la red¹. Así como hicieron los militantes favorables al gobierno. Lo que llama la atención aquí es justamente que la red asume su importancia, independientemente del uso que hacemos de ella. Una parte de la sociedad brasileña es muy influenciada por la red, especialmente por las redes sociales.

Obviamente que cuando pensamos en una política pública para la comunidad LGBT no estamos asociando ni la comunidad, ni la política como estrictamente favorable al gobierno y o de movimientos de izquierda como es costumbre pensar (aunque es evidente su mayor proximidad) seguramente el combate a la homofobia no puede tener prejuicios y limitar su actuación por órdenes políticas y/o religiosas por ejemplo.

Así pensamos que es muy posible encontrar simpatizantes con la temática en contra del gobierno, de lo que discursivamente es derecha, etc... y nombramos eso, sólo para aclarar que tenemos como premisa que una propuesta de política pública va mucho más allá que el apoyo del gobierno (aunque fue una deuda moral del gobierno de Dilma Rousseff para con la comunidad).

En conformidad con lo percibido, en un primer momento se llega a un pensamiento contundente de que: debido a la forma dicótoma e híbrida de parte de la sociedad brasileña, ésta puede sofocar los conflictos, pero está dispuesta a lidiar con ellos en todo momento, manejarlos, saber de su existencia y con eso aún dentro de límites frágiles, prevalecer en su heterogeneidad siempre tan exaltada en sus festividades y momentos de sociabilidad intensa como la *Parada Gay* de São Paulo.

Seguramente, para que jóvenes y adultos brasileños pongan en evidencia pública y en sus perfiles sus sufrimientos a causa de la homofobia, ya señala un gran avance, todavía no representado en los medios tradicionales.

Al subir un *posteo* que no es convergente con la realidad masiva, los usuarios pasan a estar en la ruta de la crítica feroz de los sectores más conservadores, y por esa razón, cuando nos referimos a las minorías políticas, ellas tienen mayor potencialidad de conmoción y de revelar un sentimiento, una realidad, porque al final los individuos asumen el riesgo, como una posibilidad psico-social de emancipación.

Políticamente, se puede pensar que un individuo amparado por el estado de derecho, perciba una “no” violencia homofóbica por parte de la estructura, ya sea por la aplicación de leyes, por una campaña de salud o por la actuación en redes sociales.

Seguramente cuando hay posibilidades, o a lo mejor, cuando hay parámetros que no impiden el desarrollo de una minoría en relación a la mayoría, esta seguridad social refleje directamente en el reconocimiento de la humanidad de esa minoría, en los aspectos motivacionales, en contra de crímenes correlacionados, por lo tanto seguramente el Estado se torne más democrático.

Por lo tanto, en este escenario poner en debate la homofobia, aunque de forma discutible, es el primer paso para pensar la heterogeneidad de las redes de sociabilidad. Una política pública en las redes sociales tiene buenas posibilidades de éxito al reivindicar

1. La elección de Bolsonaro en 2018 tuvo mucha participación en las redes sociales.

con humor más tolerancia, respeto y aceptación de las diversas sexualidades.

La comunidad LGBTQ es conocida por el buen humor (es un estereotipo en verdad, pero es un factor que es posible evidenciar a favor de los sujetos de la comunidad) y las tentativas existentes de comunicación tienen feedback más positivos que negativos.

Es decir, que una política pública LGBTQ es más que urgente, y que un trabajo de política en las redes sociales, no sólo es posible, porque favorece la comunicación, la sensación de respeto y el trabajo de consciencia colectiva de la sociedad brasileña, como es una alternativa que pone a los individuos en condiciones de expresar con humor, todo el perjuicio que sufren, aunque son humanamente semejantes, con derecho a personalidades distintas, con derecho a expresión de sus talentos y sentimientos.

Esta posibilidad de comunicar directamente con los usuarios y con humor atrae, moviliza y proporciona mayor sensación de libertad, de posibilidad de emancipación en la esfera pública.

Esfera esta que ha respondido a lo que ve en la red, de forma asustadora, para bien y para mal.

REFERENCIAS

- ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. (2010). *Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafios para o encontro das diferenças*. In: Gênero e práticas culturais: Desafios históricos e saberes interdisciplinares. MACHADO, Charlinton José dos Santos; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima; NUNES, Maria Lúcia da Silva. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande.
- ARENDDT, Hannah. (2009). *O que é política?* Bertrand Brasil. Rio de Janeiro.
- ARRETCHE, Marta.(2003) Dossiê agenda de pesquisas em políticas públicas. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 18, n. 51, p. 7-10. São Paulo.
- BENTO, Berenice. (2006). A (re)invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond. Rio de Janeiro.
- BOLÁN, Eduardo Nivón. (2011) Las políticas culturales en América Latina, en el contexto de la diversidad. Universidad Autónoma Metropolitana. Ciudad de México.
- BRAGA, Adriana (2011). *Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais*. Desigualdade & Diversidade, Revista de Ciências Sociais. Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, Nº 9. p. 95-104. Rio de Janeiro.
- CAGLIONI, Victor José; DELLAGNOLO, Deise Priscila.(2013). Escuela y Orkut: sociabilidad adolescente en Brasil. *Revista Versión Media, Versión de Estudios de Comunicación y Política* – Nueva Época. (31): 33-39. Universidad Autónoma de Metropolitana- Iztapalapa. Ciudad de México.
- CANCLINI, Néstor García (2000). *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. In: Ensaio Latino-Americanos. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 3. ed. Edusp. São Paulo.
- CANCLINI, Néstor García (2002). *Las industrias culturales y el desarrollo de los países americanos*. Revista Interamericana de Bibliografía.
- CANCLINI, Néstor García. (2007). *Lectores, espectadores e internautas*. Gesida. Barcelona.
- CANCLINI, Néstor García. (2014). *¿Jóvenes, techsetters, emprendedores o creativos? Dudas de una investigación*. Revista Versión Temática. Estudios de Comunicación y Política. Universidad Autónoma Metropolitana. Ciudad de México.
- CAVALCANTE, Rebeca Freitas (2010). *Ciberativismo: como as novas formas de comunicação estão contribuindo para democratização da comunicação*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. Lisboa.
- COACCI, Thiago. (2012). Repertórios de ação e Internet: um estudo de caso da campanha #vetahomofobiaDilma. Anais do IV Seminário Nacional de Sociologia & Política: Pluralidade e Garantia dos Direitos Humanos no século XXI. Universidade Federal do Paraná. Curitiba.
- COSTA, Jurandir Freire. (1989). *Ordem médica e Norma familiar*. Edições Graal. 3ª edição. Rio de Janeiro.
- CRITSINELIS, Marco Falcão.(2003). *Políticas públicas e normas jurídicas*. Rio de Janeiro: América Jurídica. Rio de Janeiro.
- CRUCES, Francisco (2012). Intimidades Metropolitanas: La ciudad soy yo. Fundación Telefónica. Revista TELOS: Cuadernos de Comunicación e Innovación. p.60-69. Madrid.

- CURIEL, Ochy.(2009). *Identidades esencialistas o Construcción de identidades políticas: El dilema de las feministas afrodescendientes*. Construyendo Nuestra Interculturalidad. Año 5. Lima.
- DAMATTA, Roberto. (1986). *O que faz o brasil, Brasil?*. Editora Rocco. Rio de Janeiro.
- DUARTE, Marco José de Oliveira. (2012) Políticas públicas para a população de lésbicas, gays, travestis e transexuais. Revista Ponto de Vista, nº 6.
- FLEIG, Mario. (2001). *A Tese do Declínio da Imagem Social do Pai e o Deslocamento da Autoridade*. In: II Colóquio Do Lepsi - A Psicanálise, A Educação E Os Impasses Da Subjetivação No Mundo Moderno, 2000, São Paulo, SP. Anais do II Colóquio do LEPSI - A Psicanálise, a Educação e os Impasses da Subjetivação no Mundo Moderno. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- FARAH, Marta Ferreira Santos. (2004). Gênero e políticas públicas. Revista Estudos Feministas, vol 12, nº 1, p. 47-71. Florianópolis.
- FOUCAULT, Michel.(2004). Ética, sexualidade, política. Forense Universitária. Rio de Janeiro.
- GRAEFF, Antônio. (2009). Eleições 2.0: A Internet e as mídias sociais no processo eleitoral. PubliFolha. São Paulo.
- GRIMSON, Alejandro. (2011). *Los Límites de la Cultura: críticas de las teorías de la identidad*. Siglo Veintiuno Editores. 1 Edición. Buenos Aires.
- GRIMSON, Alejandro. (2014). Comunicación y configuraciones culturales. Revista Versión Temática. Estudios de Comunicación y Política. Universidad Autónoma Metropolitana. Ciudad de México.
- GUBER, Rosana. (2005). *El salvaje Metropolitano*. Reconstrucción del conocimiento social del trabajo de campo. Paidós. Estudios de Comunicación. Buenos Aires.
- HALL, Stuart. (1997). *El espectáculo del Otro*. Sage. Londres. Reino Unido.
- HINE, Christine (2004). *Etnografía Virtual.Nuevas tecnologías y sociedad*. Editorial UOC. Barcelona.
- KEHL, Maria Rita. 2004. *Visibilidade e Espetáculo*. In: BUCCI, Eugênio (Org) Videologias: ensaios sobre televisão. Boitempo, São Paulo.
- JERUSALINSKY, Alfredo. (2001). *A Função Paterna e o Mundo Moderno*. In: II colóquio do LEPSI - a psicanálise, a educação e os impasses da subjetivação no mundo moderno. 2000. Anais do II Colóquio do LEPSI - A Psicanálise, a Educação e os Impasses da Subjetivação no Mundo Moderno. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- LÉVY, Pierre. (1999). Cibercultura. Tradução Carlos Irineu. Editora 34. 1 Edição. São Paulo.
- LOURO, Guacira Lopes. (2010). *Sexualidades minoritárias e educação: novas políticas? In: POCAHY, Fernando*. Políticas de enfrentamento ao heterossexismo corpo e prazer. Nuances. Porto Alegre.
- LUGARINHO, Mário César. (2012). Direitos humanos e estudos gays e lésbic@s: pelo engajamento da crítica literária. Revista Ponto de Vista, nº 6.
- MELO, Marcus André. (1999). *Estado, governo e políticas públicas*. In: MICELI, Sérgio (org.). O que ler na ciência social brasileira (1970-1995), vol. 3, Ciência política. Sumaré, Anpocs/Capes. São Paulo/Brasília.

- MELLO, Luiz. (2005). *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. In: Políticas públicas para a população LGBT no Brasil: apontes sobre uma investigação inacabada. Garamond. Rio de Janeiro.
- MORIGI, Valdir José; COSTA, Vera. (2006). *Homossexualidades femininas: subjetividade e política*. Anais do VII Seminário Fazendo Gênero. "O papel da internet na construção da cidadania da diversidade". Florianópolis.
- MORLEY, David. (2007). *Medios, modernidad y tecnología*. Hacia una teoría disciplinaria de la cultura. Traducción: Margarita Polo. Gedisa Editorial, Barcelona.
- NARDI, Henrique Caetano. (2010). *Educação, heterossexismo e homofobia*. In: POCAHY, Fernando. Políticas de enfrentamento ao heterossexismo corpo e prazer. Nuances. Porto Alegre.
- NUN, José (2011). *Políticas Culturales para una mayor igualdad: Desigualdades y cultura*. Instituto de Altos Estudios Sociales. Buenos Aires.
- NUSSBAUM, Martha C. (2010). *Sin fines de lucro: Por qué la democracia necesita de buenas humanidades*. Traducción: María Victoria Rodil. Discusiones. Katz Editores. Buenos Aires.
- OLIVEIRA, José Aparecido de. (2012). *Redes sociais e participação política na esfera pública*. Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura. Universidade Federal de Sergipe.
- POSTMAN, Neil. (1999). *O desaparecimento da infância*. Tradução de Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurêncio de Melo. Graphia. Rio de Janeiro.
- REIS, Elisa. (2003). *"Reflexões leigas para a formulação de uma agenda de pesquisa em políticas públicas"*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 18, nº 51, 2003, pp. 11-14. São Paulo.
- RIGITANO, Maria Eugenia Cavalcanti (2011). *Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente*. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/regitano-eugenia-redes-e-ciberativismo.pdf
- RICH, Adrienne. (1980). *Compulsory heterosexuality and lesbian existence*. Signs, Summer, v. 5, n. 4, p. 631-60. New York.
- RUBIN, Gayle. (1989). *"Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad"*. In: VANCE, Carole (Org.). *Placer y peligro: explorando la sexualidad femenina: Revolución* Madrid, p. 113-190. Madrid.
- SCHERER- WARREN, Ilse. (2009) *Das mobilizações às redes de movimentos sociais*. Sociedade e Estado. Scielo. Brasília.
- SCOTT, Joan. (2005). *O enigma da Igualdade*. Revista Estudos Feministas.
- SIBILIA, Paula. (2008). *La intimidad como espectáculo*. Fondo de Cultura Económica. Buenos Aires.
- SILVA, Luis Gustavo Teixeira; CAMPOS, Camila Goulart.(2014). *Os movimentos LGBT e feministas no Brasil: Da mordaza autoritária à publicidade na esfera transnacional*. Revistas Perspectivas Sociais. Pelotas.
- SOMMER, Doris. (2008). *Arte y Responsabilidad*. Revista Letral. Electronic Journal of Transatlantic Studies in Literatura. Número 1. España-Granada.

SOMMER, Doris. (2006). *Juego de Cintura*. La Agencia Cultural en América Latina. Temas. Número 48. Cuba.

SOUZA, Celina. (2003). "Estado do campo" da pesquisa em políticas públicas no Brasil. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 18, nº 51, p. 15-20. São Paulo.

THOMPSON, Jhon (1998). *Los media y la modernidad*. Paidós Comunicación. Barcelona.

TROUILLOT, Michel-Rolh. (2011) *Adieu, cultura: surge un nuevo deber*. Las transformaciones Globales: La antropología y el mundo moderno. Universidad de los Andes, Universidad de Cauca. Bogotá.

UZIEL, Anna Paula. (2007). *Adoção e homossexualidade*. Garamond. Rio de Janeiro.

VALDERRAMA, Carlos Eduardo. (2008). Revista Nómadas. Ciberculturas: Metáforas, prácticas sociales y colectivos en red. Universidad Central. Bogotá.

VIANNA, Cláudia; CAVALEIRO, Maria Cristina. (2011). Políticas Públicas de educação e diversidade: Gênero e (homo) sexualidades. Revista Gênero. Instituto de Estudos de Gênero. Universidade Federal de Niterói. Rio de Janeiro.

WARKEN, Roberto Luiz. (2004) *Direitos sexuais são direitos humanos? As possibilidades de mediação emancipatória de um site sobre educação sexual*. Dissertação de mestrado. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis.

WINOCUR, Rosalía. (2005). *La computadora e Internet como estrategia de inclusión social en el imaginario de los pobres*. Universidad Autónoma Metropolitana. Ciudad de México.

WINOCUR, Rosalía. (2009). *Robinson Crosoe ya tiene celular: la conexión como espacio de control de la incertidumbre*. Universidad Autónoma Metropolitana - Iztapalapa. Ciudad de México.

WINOCUR, Rosalía (2012) *Sufrimiento del dolor, propio y ajeno*. Revista Telos. Madrid.

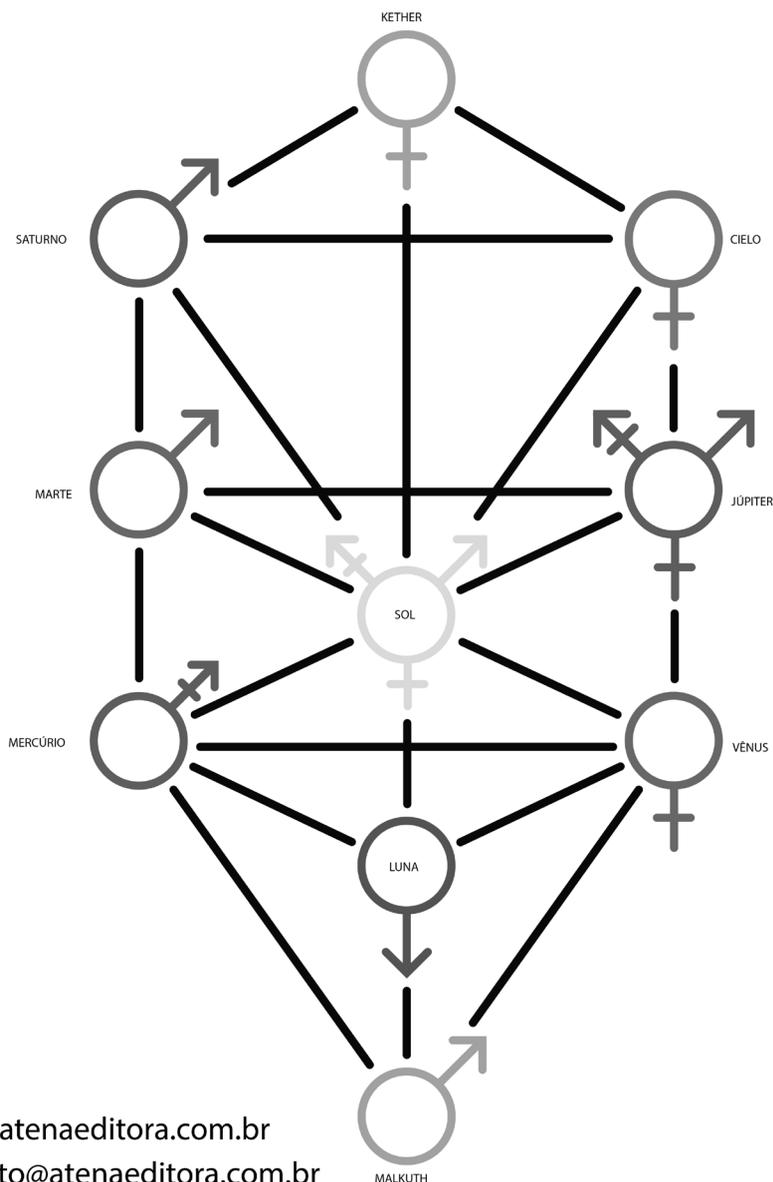
WINOCUR, Rosalía. (2013). *Etnografías multisituadas de la intimidad online y offline. Diversidad y perspectiva del actor: Compromisos claves en cualquier etnografía de lo "real" y de lo "virtual"*. Revista de ciencias sociales. Universidad de Quilmes. nº 23. Año 5. Buenos Aires.

WINOCUR, Rosalía. (2013b). *¿Estar todo el tiempo conectado vuelve a los ciudadanos más críticos frente al poder y tolerantes con los diversos? . TVMorfosis 2. Convergencia y escenarios para una televisión interactiva*. Universidad de Guadalajara.

SOBRE EL AUTOR

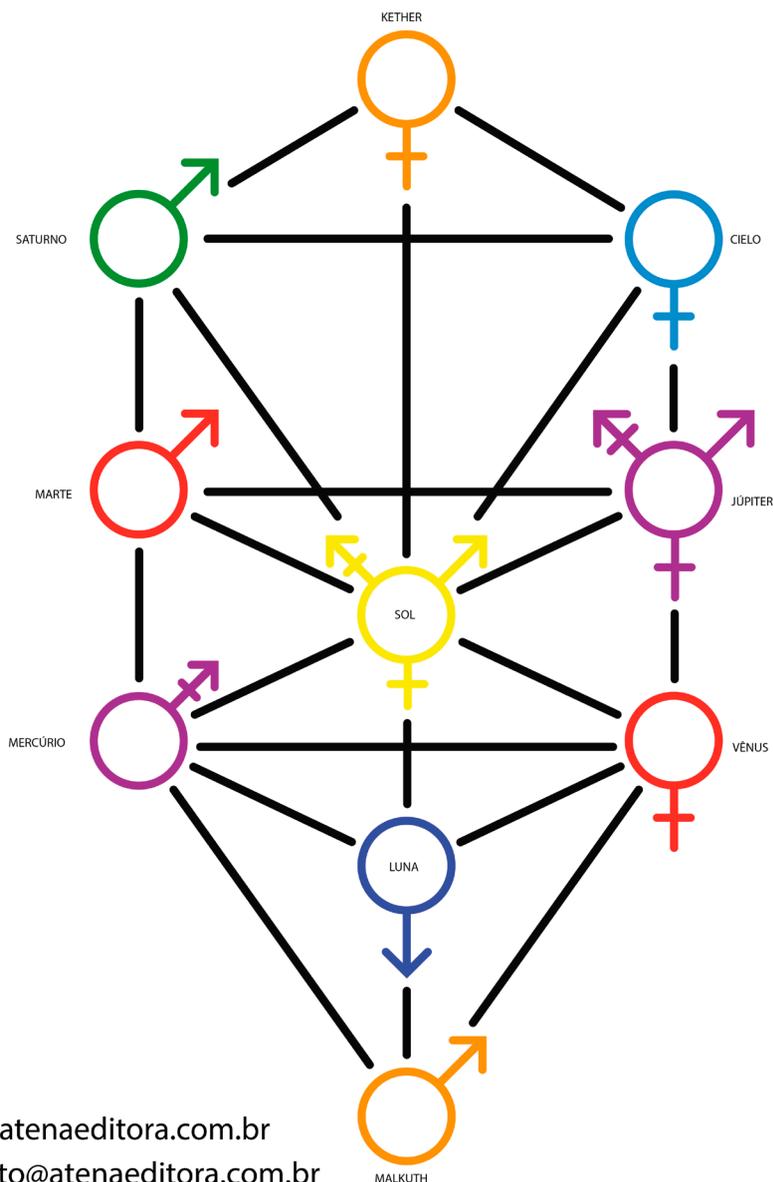
VICTOR JOSÉ CAGLIONI - Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Regional de Blumenau, mestrado em sociologia pela Universidad Nacional General San Martín e pelo Instituto de Altos Estudios Sociales de Buenos Aires, Argentina. Possui pós-graduação em pedagogia pela Facultad Latino America de Ciencias Sociales e em gestão EAD pela Universidade Leonardo Da Vinci, MBA em Gestão de Projetos e-learning pelo Instituto de Desenho Instrucional. Trabalhou com projetos de inclusão digital, informática pedagógica, assessoria pedagógica para editoras e sistemas de ensino e como professor e autor. Possui artigos relacionados à sociologia, cultura, psicanálise e educação focados no uso da tecnologia.

El activismo en las redes sociales: Performances y caricaturas como experiencia del colectivo **LGBTQs**



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

El activismo en las redes sociales: Performances y caricaturas como experiencia del colectivo **LGBTQs**



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  @atenaeditora
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br